



**UNIVERSIDADE FEDEAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE MEDICINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA SAÚDE**

**MOEMA ALVES MACÊDO**

**INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE:**  
**EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E COPRODUÇÃO DE COMPETÊNCIAS NA**  
**GRADUAÇÃO.**

**MACEIÓ-AL**

**2018**

MOEMA ALVES MACÊDO

**INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE:  
EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E COPRODUÇÃO DE COMPETÊNCIAS NA  
GRADUAÇÃO.**

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas, para obtenção do grau de Mestre em Ensino na Saúde.

**Orientador:** Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes

**MACEIÓ-AL**

**2018**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

M141i Macêdo, Moema Alves

Integração ensino-serviço-comunidade : educação popular em saúde e  
coprodução de competências na graduação / Moema Alves Macêdo. – 2018.  
116 f. : il. color.

Orientador: Jefferson de Souza Bernardes.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) – Universidade  
Federal de Alagoas. Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em  
Ensino na Saúde. Maceió, 2018.

Bibliografia: 83-88.

Apêndices: f. 89-116.

1. Saúde – Educação popular. 2. Capacitação de recursos humanos em saúde 3.  
Competência profissional. 4. Integração comunitária. I. Título.

CDU:61:378.147



Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Faculdade de Medicina – FAMED  
Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde - PPES

Defesa do Trabalho Acadêmico de Mestrado da aluna **Moema Alves Macedo** intitulado: "Integração Ensino-Serviço-Comunidade: educação popular em saúde coprodução de competências na Graduação", orientado pelo Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Alagoas, em 09 de outubro de 2018.

Os membros da Banca Examinadora consideraram a candidata  
APROVADA.

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes (orientador/presidente) – MPES/FAMED/UFAL

Profª Drª. Cristina Camejo de Azevedo – MPES/FAMED/UFAL

Prof. Dr. Saulo Luders Fernandes - CAMPUS PALMEIRA DOS ÍNDIOS/UFAL

## *DEDICATÓRIA*

*Aos meus filhos, Miguel e Davi e ao meu companheiro Ivancildo, pessoas com quem aprendo o sentido de viver a amorosidade no cotidiano. Aos meus pais que torcem por mim a cada passo. Dedico também ao sagrado, por revelar-se sempre na minha vida!*

## AGRADECIMENTOS

Na caminhada desse trabalho fui presenteada com muitos encontros, sem os quais nada poderia ter sido feito, nem mesmo eu teria me refeito e me ressignificado. Assim, agradeço a todos que se permitiram ser encontrados e me oportunizaram um encontro.

Reconhecer-me em muitas palavras, muitos silêncios e muitos olhares. Mas também sentir-me nas muitas ausências. Foram muitas horas de estrada, saudades dos filhos e do companheiro. Agradeço imensamente a eles pelo apoio, amor, afeto, diálogo, compromisso, respeito e compreensão em cada ausência que foi necessária. E pelo reencontro em cada retorno (não só das viagens, mas dos afastamentos para produções textuais e para as atividades da extensão).

Agradeço ao sagrado por todas as possibilidades que me edificam e foram pilares para mim, e, por hoje poder agradecer: minha família; aos meus pais; a dona Lucila pelo acolhimento e hospitalidade; ao meu orientador, Professor Jefferson Bernardes (luz em todos os momentos); aos povos de terreiros (ensinaram-me sobre minhas origens, abriram as portas de um universo desconhecido, me afetaram com o seu afeto), em especial a Mãe Herlania com quem partilho atualmente a consolidação do núcleo de educação para a promoção da igualdade racial em Juazeiro do Norte e a Jessyca Diniz (apêndice D, p. 96) que me brindou com um conto e a sua expressão pretagógica na contação de história escrita no produto desse trabalho e; aos monitores e monitoras do projeto de extensão, pois com eles reaprendi e ressignifiquei sentidos da docência na minha vida; ao professor Miguel Ângelo pela amizade, sabedoria e por ter oportunizado a entrada no projeto de extensão; ao Professor Marcos Teles pela dedicação, compromisso, partilha, apoio, construção compartilhada e pelas pedras que ajudou a tirar do caminho, sobretudo, pelas construções alicerçou com essas pedras; a minha turma (inesquecível, maravilhosa) principalmente ao grupo da carona solidária, presente em todos os momentos: Luzia, Cicinha, Giuliana e a Rutheale (companheira de viagens, afilhada de casamento); as pessoas da Banca (mentoras de novos caminhos e de descobertas), a Coordenação do Mestrado; as várias pessoas amigas que reencontrei na UFAL; a Coordenação do curso de psicologia da UNILEAO, a Professora Flaviane, que acreditou no trabalho e apoiou institucionalmente em todos os momentos necessários.

Enfim após tantos encontros, o encanto dos olhos nos olhos foi possível e a possibilidade de novos encontros foi ampliada. Sento-me imensamente agradecida.

## Divisa

Mais importante que a ciência, é o que ela produz  
Uma resposta provoca uma centena de perguntas  
Mais importante do que a poesia, é o que ela produz  
Um poema invoca uma centena de atos heróicos.  
Mais importante do que o reconhecimento, é o que ele produz dor e culpa.  
Mais importante do que a procriação é a criança.  
Mais importante do que a evolução da criança é a evolução do criador  
Em lugar dos passos imperiais, o imperador  
Em lugar dos passos criativos, o criador  
Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face  
e quando você estiver perto arrancarei  
seus olhos  
e os colocarei no lugar dos meus  
arrancarei meus olhos  
e os colocarei no lugar dos seus  
então verei você com seus olhos  
e você me verá com meus olhos  
Então até a coisa mais comum servirá ao  
silencio e  
nosso encontro permanecerá meta sem  
cadeias  
Um lugar indeterminado, num tempo  
indeterminado  
Uma palavra indeterminada para um homem  
indeterminado

Jacob Levy Moreno

## RESUMO GERAL

A formação em saúde é ordenada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) aprovadas pelo Ministério da Educação. Atualmente, se propõe formar, com base em competências gerais, paralelo a isso a Política Nacional de Educação Popular em Saúde, apresentada como um dos eixos prioritários a formação de profissionais e produção de conhecimentos. Essa política se desenvolve com base em seis princípios: emancipação, compromisso com a construção do projeto democrático e popular, problematização, diálogo, amorosidade, construção compartilhada de conhecimentos. Argumentamos que a vivência desses princípios por meio de metodologias de educação popular durante a graduação podem desenvolver competências necessárias aos profissionais do SUS. O objetivo desta pesquisa é relacionar os princípios da educação popular em saúde com competências da formação profissional em saúde desenvolvidas em um projeto de extensão universitário intitulado “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matiz Africana em Juazeiro do Norte-CE”. O desenvolvimento desse TACC engloba um artigo científico e um produto de intervenção. O primeiro seguiu o percurso metodológico de uma pesquisa construcionista, qualitativa, de natureza aplicada, que dialogou com os sentidos das vivências dos monitores participantes do Projeto de Extensão “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiro de Matrizes Africana em Juazeiro do Norte-CE”. O referido projeto promoveu rodas de conversas e teatro do oprimido, durante dois anos nos micro-espços de Terreiros de Candomblé, contando com a colaboração de monitores dos cursos de psicologia e serviço social do Centro Universitário Leão Sampaio (UNILEÃO), sendo dois desses vinculados à religiões de matrizes africanas. Esses monitores foram os participantes da pesquisa. A produção de informações aconteceu por meio de uma roda de conversa. Para a análise dos resultados utilizou mapas dialógicos tomando os princípios da educação popular em saúde enquanto categorias e lançando o olhar para a produção de discursos que remetessem a formação de competências de modo a relacioná-las com as competências gerais expressas nas DCN dos cursos de graduação na área da saúde. Os resultados indicam o desenvolvimento de outras competências: cuidado, diálogo, educação permanente, ética, processos democráticos de autogestão, pactuação de compromissos, ampliando ou ressignificando as competências gerais propostas pelas DCN's. O produto foi promovido durante o III Congresso Cariense de Psicologia, no UNILEAO, tendo como público todos os



participantes do evento: profissionais de saúde e áreas afins, povos de Terreiros, docentes, discentes, ex-monitores do projeto. Na ocasião aconteceu exposição de fotos, trabalhos acadêmicos publicados, recital de poesias, contação de história e danças circulares.

**Palavras-chave:** Educação popular em saúde. Formação em saúde. Competências, integração ensino-serviço-comunidade. metodologias.

## ABSTRACT

**Introduction:** Health education is ordered by the Unified Health System based on National Curricular Guidelines approved by the Ministry of Education. It is currently proposed to train on the basis of general competencies. Parallel to this, the National Policy of Popular Education in Health presents as one of its priorities the training of professionals and production of knowledge. This policy is developed on the basis of six principles: emancipation, commitment to the construction of the democratic and popular project, problematization, dialogue, amorousness, construction of knowledge. We started with the belief that the experience of these principles through popular education methodologies during undergraduate courses could develop the necessary competences for SUS professionals. **Objective:** Relate the principles of popular education in health with competences of health professional training developed in a project of university extension entitled “Encounters and Charms: Popular Education in Health with Peoples of Terreiro African Tint in Juazeiro do Norte-CE”. **Methodology:** The development of this TACC encompasses a scientific article and an intervention product. The article followed the methodological course of a constructive, qualitative research of an applied nature that dialogued with the senses of the experiences of the monitors participating in the Extension Project: “Encounters and Charms: Popular Education in Health with Terreiro Peoples of African Matrix in Juazeiro do Norte-CE”. This project promoted the conversation and theater of the oppressed, during two years in the micro spaces of Candomblé Terreiros, counting on the collaboration of monitors, being: 7 (seven) students monitors the extension project. Enrolled in undergraduate courses in psychology and social service of Unileão, being 4 males and 3 females, two of them linked to the religions of African matrices. These monitors were the research participants. The production of data happened by means of a conversation wheel and the analysis of the result was used dialogic maps taking the principles of popular education in health as categories and looking at the

production of discourses that refer to the formation of competences in order to relate them with the general competences expressed in the National Curricular Guidelines of the undergraduate courses in the health area. Results: Indicate the development of some: care, dialogue, permanent education, ethics, democratic processes of self-management, compromise. In relation to the proposals by the DCN we believe that there has been an expansion. Product: It took place during the III Congress of Cariense Psychology at the University Center Leão Sampaio (UNILEAO), with the participation of all participants in the event: health professionals and related areas, people from Terreiros, teachers, students, professor of the Professional Master Degree in Health Education-UFAL. On the occasion it happened: exhibition of photos, published academic works, recital of poetry, storytelling and circular dances.

**Keywords:** popular education health, health training, skills, teaching-service- community integration, methodologies.

## **LISTA DE SIGLAS**

CIEPS/UFAL - Comissão Interna de Educação Permanente em Saúde da Universidade Federal de Alagoas

CNE - Conselho Nacional de Educação COPEX/UNILEAO - Coordenação de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Leão Sampaio

DCNs - Diretrizes Curriculares Nacionais

ICIEAB - Instituto Cultural Ijoba de Educação Afro-brasileira

LEPS/UFAL - Laboratório de Educação Popular em Saúde da Universidade Federal de Alagoas

LIEV - laboratório interdisciplinar de Estudos da Violência

MEC - Ministério da Educação

MPES/FAMED/UFAL - Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas

NUSP - Núcleo de Saúde Pública

ONG - Organização não governamental

SESU - Secretaria de Ensino Superior

SUS – Sistema Único de Saúde

TACC – Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UNILEAO – Centro Universitário Leão Sampaio

URCA - Universidade Regional do Cariri –

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 ARTIGO: INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE: EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E COPRODUÇÃO DE COMPETÊNCIAS NA GRADUAÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>16</b>
<b>TEACHING-SERVICE-COMMUNITY INTEGRATION: POPULAR EDUCATION HEALTH AND COPRODUCTION OF COMPETENCES IN GRADUATION</b> . .....	<b>16</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>2.2 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>23</b>
<i>2.2.1 TIPO DA PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO-TEMA</i> .....	<i>23</i>
<i>2.2.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA</i> .....	<i>27</i>
<i>2.2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES</i> .....	<i>27</i>
<i>2.2.4 PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES</i> .....	<i>28</i>
<i>2.2.4.1</i> <i>2.2.5 METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES</i> .....	<i>31</i>
<i>2.2.5</i> <i>2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO</i> .....	<i>33</i>
<i>2.2.5.1</i> <i>2.3.1 RELATOS DO COTIDIANO NO PROJETO DE EXTENSÃO: EM BUSCA DE METODOLOGIAS</i> .....	<i>33</i>
<i>2.2.5.2</i> <i>2.3.2 ENCONTROS E ENCANTOS NA FORMAÇÃO EM SAÚDE: UM OLHAR PELOS REPERTÓRIOS LINGUÍSTICOS NA CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS</i> .....	<i>37</i>
<i>2.2.6</i> <i>2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</i> .....	<i>57</i>
<b>3 BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>59</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Enquanto docente e profissional de saúde sempre estive afetada pelo compromisso com a construção do projeto democrático popular. As primeiras experiências mais concretas nesse âmbito aconteceram no Núcleo de Saúde Pública da Universidade Federal de Alagoas (NUSP), mais especificadamente na Comissão Interna de Educação Permanente em Saúde (CIEPS/UFAL) e no Laboratório de Educação Popular em Saúde (LEPS/UFAL). Nesse momento fui tocada pelos conceitos e práticas de aprendizagem significativa de Paulo Freire. Serei eternamente grata à Professora Sonia Cavalcante, pelo convite para coordenar tecnicamente a CIEPS e por todos os aprendizados que ela me possibilitou construir.

No NUSP fui completamente encantada pela militância cotidiana dos profissionais em torno da construção efetiva do SUS. Cada projeto e cada atividade que fazíamos vinha permeada pela expectativa de fortalecimento da saúde enquanto direito de cidadania. Nesse trajeto, tive a grande honra de trabalhar com educadores populares, de encontrar uma possibilidade de cuidado e de produção de conhecimentos que não havia tido enquanto acadêmica. A assistente social Suely Nascimento foi quem me apresentou pela primeira vez as rodas de conversa. Essa apresentação mudou a minha atuação profissional em relação a realização de salas de espera nas Unidades Básicas de Saúde.

Nos encontros, nas rodas de conversa e oficinas, da CIEPS que a crença dos docentes em uma reorientação na formação em saúde, enquanto possibilidade de transformação de práticas e concretização do SUS, me fez refletir sobre os processos educativos dos graduandos e profissionais e me despertou para a questão de que a garantia da saúde em Lei não significa o fim da luta pela reforma sanitária. Essa luta é constante e se faz no dia a dia de todos que com ela se comprometem, tanto nos equipamentos de saúde, na gestão, na academia e na comunidade. Então o SUS que queremos só seria viável na integração entre ensino-serviço-comunidade, setores que se dividem somente pedagogicamente, pois no dia após dia são um contínuo interdependente.

Em 2010, mudei-me de Maceió para Juazeiro do Norte (CE) e iniciei um trabalho enquanto docente e preceptora em uma Instituição Privada de Ensino Superior. Havia um grande desejo em levar essas discussões para esse novo cenário profissional. O que vinha acontecendo de modo em situações específicas mas de modo constante e sempre contando com o apoio da coordenação do curso de psicologia.

Quando, em 2015, teve início o laboratório interdisciplinar de Estudos da Violência (LIEV/UNILEAO), o professor Miguel Ângelo, do curso de direito, convidou-me para ajudá-lo nas atividades. Logo em seguida, por ocasião do evento Artefatos da Cultura Negra, em setembro de 2015, na URCA (Universidade Regional do Cariri), fomos procurados pelo diretor-presidente e da secretária geral da ONG (Organização não governamental) Instituto Cultural Ijoba de Educação Afro-brasileira (ICIEAB) - localizada no Bairro das Pedrinhas, em Juazeiro do Norte, solicitando que houvesse uma aproximação maior da academia com os povos de terreiros de matrizes africanas, especialmente, o LIEV (Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Violência).

Dessa busca surgiu a ideia de realizarmos um projeto de extensão com base na educação popular em saúde com povos de terreiros de matrizes africanas em Juazeiro do Norte (CE). Esse projeto foi aprovado pela COPEX/UNILEAO (Coordenação de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Leão Sampaio) dentro do Programa de educação em ações afirmativas com o título: Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matrizes Africanas em Juazeiro do Norte-CE. Essa possibilidade provocou-me a levar o meu sonho de retomar as minhas bases na CIEPS e no LEPS em outro território, de construir possibilidades de afetação para os docentes e discentes, da mesma forma que eu havia um dia sido afetada.

Restava ainda mais uma inquietação relacionada a que competências os estudantes precisariam desenvolver para a concretização do SUS, que metodologias embasadas nos princípios da educação popular em saúde poderiam ser utilizadas e, com base nelas, que saberes seriam desenvolvidos. Isso levou-me a propor um projeto de pesquisa ao Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas (MPES/FAMED/UFAL), o qual foi aprovado e tinha por objetivo relacionar os princípios da educação popular em saúde com as competências gerais necessárias à formação profissional em saúde desenvolvidas em um projeto de extensão universitário de integração ensino-serviço-comunidade.

Após vinte e quatro meses de atividades no projeto de extensão acompanhada por meus diários de campo e dos monitores, realizei uma roda de conversa com eles. Essa roda foi gravada, transcrita e analisada por meio dos mapas dialógicos e da identificação de repertórios linguísticos. As escritas dos diários serviram de narrativas de interlúdio. Os resultados remeteram ao desenvolvimento das seguintes competências: cuidado, diálogo, educação permanente, ética, processos democráticos de autogestão, pactuação de compromissos.

A discussão sobre esse movimento resultou em um artigo e em um produto de intervenção, que foi uma atividade cultural reflexiva das nossas vivências na extensão e embasadas nos princípios da educação popular em saúde. Essa atividade aconteceu por ocasião do III Congresso de Psicologia do Cariri e contou com a participação do professor Jefferson Bernades, meu orientador. Tanto o artigo quanto o produto de intervenção compõem esse Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso - TACC .

## **2 ARTIGO: INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO-COMUNIDADE: EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E COPRODUÇÃO DE COMPETÊNCIAS NA GRADUAÇÃO.**

### ***RESUMO***

**Palavras-chave:** Educação popular em saúde. Formação em saúde. Competências. Integração ensino-serviço-comunidade. Metodologias.

A partir da Lei nº 8080/90 a formação em saúde passa a ser ordenada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A formação em saúde requer da academia um olhar sempre crítico e inovador voltado aos problemas e demandas sociais e para metodologias que promovam competências profissionais adequadas ao contexto do SUS visando a integração ensino-serviço-comunidade. A formação dessas competências deve acontecer com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de saúde. Em contrapartida, a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (Portaria nº 2.761, de 19/12/2013) que tem como princípios diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação, compromisso com a construção do projeto democrático e popular, apresenta a formação em saúde prioritariamente enquanto eixo estratégico. O objetivo deste trabalho foi relacionar os princípios da educação popular em saúde com competências da formação profissional em saúde desenvolvidas em um projeto de extensão universitário. Isso foi realizado no Projeto de Extensão “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matiz Africana em Juazeiro do Norte-CE”, e o estudo dessas relações aconteceu a partir de análise de Diários de Campos das atividades desenvolvidas e análise de roda de conversa com estudantes participantes, remetendo à formação das seguintes competências: ética, cuidado, diálogo, processos democráticos de autogestão e educação permanente.

**TEACHING-SERVICE-COMMUNITY INTEGRATION: POPULAR EDUCATION HEALTH AND COPRODUCTION OF COMPETENCES IN GRADUATION.**

### ***ABSTRACT***



**Keywords:** popular education health, health training, skills, teaching-service-community integration, methodologies.

From Law n° 8080/90 the health training is now ordered by the Unified Health System (SUS). Health education requires an academy that is always critical and innovative in its approach to social problems and demands and to methodologies that promote professional skills appropriate to the SUS context, aiming at teaching-service-community integration. The training of these competencies should happen on the basis of the National Curricular Guidelines for the courses of health. On the other hand, the National Policy on Popular Education in Health (Ordinance No. 2,761, 12/19/2013), whose principles are dialogue, amorousness, problematization, shared knowledge construction, emancipation, commitment to the construction of a democratic and popular project, presents health training as a priority as one of its strategic axes. The objective of this work was to relate the principles of popular education in health with competences of the professional formation in health developed in a project of university extension. This was done in the Extension Project “Encounters and Charms: Popular Education in Health with African Peoples of Terreiro in Juazeiro do Norte-CE”; and the study of these relations happened from the analysis Diaries of Fields of the developed activities and analysis of conversation with participating students, remitting the formation of the following competences: ethics, care, dialogue, democratic processes of self-management and permanent education.

## ***2.1 INTRODUÇÃO***

A Lei 8080/90 (BRASIL, 1980) que regulamenta o Sistema Único de Saúde (SUS) tem como princípios a universalidade, a integralidade e a equidade, além de apresentar a saúde como um direito de todos/as brasileiros/as devendo atender aos sujeitos respeitando-se suas diferenças. Para tanto, é necessário profissionais de saúde qualificados, orientados às necessidades locais regionais de saúde e às demandas complexas da população, de modo que a política pública de saúde possa se consolidar no cotidiano.

Pensando nisso, docentes do ensino superior, partindo de um movimento dos cursos de medicina, se mobilizaram e propuseram a necessidade de reorientação da formação acadêmica. Em 2001, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a graduação em saúde foram elaboradas pelas Comissões de Especialistas da Secretaria de

Ensino Superior (SESU) do Ministério da Educação (MEC) e encaminhadas ao CNE (Conselho Nacional de Educação) para subsidiar a elaboração dos currículos das Instituições de Ensino Superior com vistas ao foco no perfil do egresso e no compromisso social dos cursos (BRASIL, 2001, p. 2). Essas DCNs propõem a necessidade de desenvolvimento de seis competências gerais ou comuns aos graduandos, são elas: Atenção à Saúde; Tomada de Decisão; Comunicação; Liderança; Administração e Gerenciamento; Educação Permanente (BRASIL, 2004). No contexto no qual foi proposta marcou-se certa ruptura com o modelo flexneriano caracteristicamente de educação bancária e biomédico.

Há, sem dúvidas, uma mudança na perspectiva pedagógica que deixa de centrar-se nos conteúdos para atender-se a contextualização, compreensão, integração, aplicação e construção de conhecimentos (JURDI, 2017). Contudo, não é certo que essa mudança pedagógica possa promover uma significativa mudança nas relações sociais. Simon et. al (2014, p.1359) alertam que “setores críticos da pedagogia tendem a fazer uma avaliação muito simplista da pedagogia capitalista, como se ela estivesse sempre associada ao ensino bancário tradicional”.

Ademais Sacristán (2008) aponta que o conceito e o enfoque em competências não são tão claros para os educadores o que dificulta inclusive a compreensão e a autonomia para o como se deve fazer. Supomos que essa dificuldade pode tornar o professor um mero aplicador de metodologias consideradas ativas. Ele destaca, ainda, a representação de três perspectivas diferentes e contraditórias entre si para a proposta pedagógica de educar por competências:

Para uns, nos conduz a uma sociedade de indivíduos eficientes na grande engrenagem do sistema produtivo, a qual requer uma adaptação às exigências da competitividade das economias em um mercado global. Outros consideram que é um movimento que enfoca a educação como um adestramento, um planejamento em que a competência resume o leque das amplas funções e os grandes objetivos individuais ou coletivos, intelectuais, afetivos... da educação. Para outros, estamos diante da oportunidade de reestruturar os sistemas educacionais por dentro, superando o ensino baseado em conteúdos antigos pouco funcionais, obtendo, assim, uma sociedade não apenas eficiente, mas também justa, democrática e inclusiva (SACRISTÁN, 2008, p.8).

Ao pensarmos em uma sociedade justa, democrática e inclusiva estamos partindo para um olhar estrutural da mesma, para uma reflexão e um posicionamento

ético-político e não somente um olhar para o tipo de metodologia que ela utiliza nos seus currículos. Simon (2014, p.1360) destaca que:

A mudança para uma educação libertadora não se faz apenas pelo método, depende acima de tudo da intencionalidade política do educador. Um educador comprometido com a transformação social pode fazer de uma aula expositiva um momento de diálogo, enquanto que o comprometido com a manutenção pode manter relações de opressão na roda de conversa, por exemplo.

O embasamento no compromisso com o projeto democrático popular e a emancipação presentes na educação popular em saúde talvez sejam os pontos que mostram a grande diferença político pedagógica entre essa perspectiva e a do educar por competências. No que concerne a utilização de metodologias problematizadoras, em certo ponto, acreditamos que esses dois paradigmas não são totalmente excludentes, mas a competência por si só não é capaz de provocar uma educação libertadora e nem de promover uma verdadeira integração do ensino-serviço-comunidade. Ao contrário, como afirmam Miguel e Tomazetti (sd) podem remeter a uma concepção de universidade como formadora de seres competentes, melhores capacitados para competição no mercado mundial sem provocar mudanças nas iniquidades sociais.

Percebe-se que a proposição de currículos educacionais e de metodologias para o ensino superior não é uma arena harmoniosa, apesar de haver certo nível de interesse comum de que o egresso consiga atuar de modo qualificado. Talvez a divergência maior seja em que estrutura social e em qual sistema de saúde e, sobretudo, que paradigmas pedagógicos podem efetivá-lo. Atualmente, as diretrizes indicam a utilização da formação por competências. Então é lá que iremos buscar a centralidade desse conceito tão controverso, que é traduzido por: capacidade de mobilização de conhecimentos, habilidades e atitudes, através da utilização de recursos disponíveis, exprimindo ações e iniciativas demonstradoras de desempenhos, “capazes de solucionar com pertinência, oportunidade e sucesso, os desafios que se apresentam à prática profissional, em diferentes contextos do trabalho em saúde” (BRASIL, 2014, p. 4).

Buscar a centralidade na conceituação das DCN's remeteu-nos a revivência do lugar de inquietação de está competente para executar com eficiência e qualidade uma tarefa pedagógica e profissional, limitando a integração do ensino-serviço-comunidade enquanto um lugar de problematização para aplicação de teorias na construção de saberes. Assim, permanecemos inquietos na busca do que e quais seriam as competências

necessárias ao egresso para o trabalho qualificado no SUS. Pensamos, então, que elas podem ser manifestações autênticas de estar em compromisso com uma sociedade equânime, traduzida em ações conscientes em prol da consolidação do SUS. Aqui não temos nenhuma pretensão de traçar um novo conceito de competências, mas sim, de deslocá-lo dos fazeres para os compromissos assumidos enquanto sujeitos sociais.

Pensar na reorientação da formação em saúde remete pensar em metodologias que reconheçam o educador e o educando enquanto sujeitos em relação, vivendo um processo genuinamente dialógico. Parte-se do princípio que a formação para o profissional pauta-se em atributos humanos, numa perspectiva antropológica “[...] de que o homem (e, acrescento, a mulher), ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 1967, p. 39). Esse humano de relações lê o mundo a todo momento e se relaciona de modo a dar sentido ao que vive. Dessa forma, a vivência na formação acadêmica pode favorecer a atribuição de sentidos voltados a descoberta de si mesmo e do outro ou a reprodução de mecanismos de opressão por via da coisificação experimentada por métodos de concretização constante do saber enquanto poderdominação.

Freire (1970, p. 68) ao dizer que “ninguém ensina ninguém, os homens aprendem comunitariamente”, lança as bases para uma forma de pensar e fazer educação denominada de Educação Popular o qual vai embasar a construção posterior da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS) a qual adota, enquanto um dos seus eixos estratégicos a formação, a comunicação e a produção de conhecimentos.

Entretanto, essas articulações entre educação popular, saúde, cuidado e formação profissional nem sempre estiveram tão claras em termos de legalização em políticas públicas. A PNEPS-SUS se constituiu historicamente na luta de classes, no movimento social pela saúde e pela redemocratização do país, no Movimento de Reforma Sanitária Brasileira, nas experiências de profissionais de saúde, de docentes e estudantes envolvidos em projetos diversos, inclusive de extensão, e vivências comunitárias que resultaram em coprodução de saberes articulando conhecimento acadêmico e conhecimento popular, numa afetação de todos os atores sociais envolvidos.

Essa afetação se deu por meio do que se apresenta hoje enquanto princípios da PNEPS-SUS: diálogo, amorosidade, problematização, Construção Compartilhada de

Conhecimentos, emancipação e Compromisso com a Construção do Projeto Democrático e Popular (BRASIL, 2013).

Enquanto docente e profissional de saúde sempre me vi afetada por essas bases que são técnicas, políticas, éticas e ideológicas. Assim, destaco que as discussões nesse texto foram marcadas pelo objetivo de relacionar os princípios da educação popular em saúde com as competências necessárias à formação profissional em saúde desenvolvidas em um projeto de extensão universitário de integração ensino-serviço-comunidade.

Acredito que a vivência de todos esses princípios é necessária tanto na produção do conhecimento em saúde quanto na produção das práticas de cuidado, devendo, então, estar presente no cotidiano dos profissionais de saúde desde a sua formação na graduação. Cabe-me então problematizar quais competências podem ser formadas com intermédio de metodologias embasadas nos princípios da educação popular em saúde, de modo a relacionarmos se elas são consonantes com a propostas de desenvolvimento das competências gerais expressos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos do campo da Saúde. Essa problematização foi vivida nesse trabalho enquanto pergunta de partida e norteadora de reflexões.

Dito isto, destaca-se que a PNEPS-SUS apresenta enquanto objetivo geral implementar a Educação popular em saúde no SUS, de modo a contribuir para a participação popular, a gestão participativa, o controle social, o cuidado, a formação e as práticas de educação em saúde (BRASIL, 2013). A implementação dessa política na formação dos profissionais perpassa pela vivência dos seus princípios básicos e reverberam em metodologias participativas e co-produzidas, condizentes com a integração ensino-serviço-comunidade.

A integração ensino-serviço-comunidade é o ponto de apoio para um processo formativo que possa contribuir para a construção de competências capazes de favorecer aos profissionais de saúde a compreensão e o cuidado necessário ao atendimento das demandas das populações. Minha experiência, sobretudo na vivência desse trabalho de mestrado, levou-me a acreditar que essas competências só podem ser formadas se os espaços de saúde forem vivenciados pela academia como espaços de encontro, de construção coletiva e corresponsabilizada e não somente como um lugar no qual a academia vai realizar procedimentos técnico-científicos.

Uma experiência dessa integração ensino-serviço-comunidade foi vivida por mim e por um grupo de docentes e monitores no projeto de extensão intitulado: “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matiz Africana em

Juazeiro do Norte-CE” que aconteceu no âmbito do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, por meio do Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Violência (LIEV), o qual tem por missão discutir sobre a violação do Direito de Viver com Dignidade (Direito de Liberdade Religiosa, Direito à Saúde, Direito à Educação, Direito à Políticas Públicas, Direito a Informação e Participação Ativa), sendo que essa violação é um fenômeno social marcante em comunidades de povos de terreiros de matrizes africana, ancestralmente relacionadas à população afrodescendente.

O desejo de propor e viver esse projeto de extensão surgiu mais incisivamente, quando do evento Artefatos Negros em setembro de 2015 na URCA (Universidade Regional do Cariri). Na ocasião, o Professor Miguel Ângelo Silva de Melo, enquanto docente do curso de direito e eu, enquanto docente do curso de psicologia, ambos no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), fomos abordados pelo diretor-presidente e da secretária geral da ONG Instituto Cultural Ijoba de Educação Afro-brasileira (ICIEAB) - localizada no Bairro das Pedrinhas, em Juazeiro do Norte, solicitando que houvesse uma aproximação maior da academia com os povos de terreiros de matrizes africana, especialmente, o LIEV.

Na ocasião ele apresentou algumas ideias iniciais acerca de suas necessidades, e sugeriu que as mesmas fossem trabalhadas a partir de parceria com o LIEV. Nisso apresentamos uma proposta educacional que se entrelaçasse com a política de atividades de extensão desenvolvidas pela Coordenação de Pesquisa e Extensão (COPEX/UNILEÃO)

A ideia da extensão universitária<sup>1</sup> foi proposta por nós enquanto caminho viável devido aos marcos políticos de conquistas e avanços científicos atrelados a diversos projetos de extensão universitária, como é o caso do próprio desenvolvimento da Educação Popular com Paulo Freire na década de 1960. Assim, o projeto foi proposto dentro do Programa Educação Popular em ações afirmativas, aprovado pela Coordenação de Pesquisa, Ensino e Extensão (COPEX), em dezembro de 2015, sendo vivenciado mensalmente entre fevereiro de 2016 até fevereiro de 2018, nas dependências de três dos mais antigos e tradicionais terreiros de Candomblé na Região Metropolitana do Cariri

---

<sup>1</sup> A Extensão universitária nesse estudo a) foi o campo de pesquisa, ou seja, de vivências que resultaram no projeto científico o qual objetivou a problematização das competências formadas pelos estudantes de graduação, assim, o foco desse trabalho não foi a discussão da extensão em si. Sabe-se que esse campo de vivência foi indispensável para o desenvolvimento de competências que são discutidas ao longo do texto, o que remete a grande importância da curricularização da extensão. Contudo esses aspectos devem ser discutidos em outro trabalho específico.

Cearense, que são: a) *Terreiro Ilê Àlakétú Ijobá Àsé Lógùn y Óiyá*; b) *Terreiro Ilé Axé Omindandereci e Mutalegi*; c) *Terreiro Ilé Axé Oxum Tungü*.

O projeto “Encontros e Encantos - Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matrizes Africana” teve como ferramenta mediadora principal a palavra numa postura dialógica integradora do ensino-serviço-comunidade. Acreditamos que a escuta, nas rodas de conversas, e a atribuição de sentidos, promotoras de afetações recíprocas entre acadêmicos e povos tradicionais de matrizes africana não podiam ter acontecido separados dos princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS: o diálogo, a amorosidade, a problematização, a emancipação, a Construção Compartilhada de Conhecimentos e Compromisso com a Construção do Projeto Democrático e Popular.

## **2.2 PERCURSO METODOLÓGICO**

### **2.2.1 TIPO DA PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO-TEMA**

A base da pesquisa que realizamos é construcionista, aqui caracterizada enquanto um movimento, uma postura crítica diante do mundo e não enquanto uma teoria, pois “não pretende postular verdades a partir de princípios pré-estabelecidos e inquestionáveis” (MELLO et al, 2007, p. 27). Ao contrário, posiciona-se de modo: (1) não representacionista, ao considerar a linguagem enquanto uma forma de ação no mundo e o discurso enquanto prática discursiva; (2) antiessencialista, considerando que as pessoas se constituem em práticas sociais e não são detentoras de uma natureza determinada; (3) antirrealista ao permitir uma atitude relativista, considerando a realidade como sendo configurada em um emaranhado de versões que se constroem na coletividade. Nisso questiona o dualismo sujeito-objeto na produção de conhecimento (MÉLLO et al, 2007; MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014; SPINK; FREZZA, 2013; BERNARDES; SANTOS; SILVA, 2015).

Numa perspectiva construcionista, o campo vai para além do microlugar físico destinado a produção de dados, consiste num campo-tema, haja vista o tema pesquisado tornar-se campo constante para o pesquisador que, por via da atenção flutuante, produz diversas informações em cenários cotidianos nos quais se fala, dialoga-se ou escuta-se

sobre o campo e o objeto de estudo. Assim o pesquisador está sempre imerso no seu campo para além dos microlugares propostos no seu projeto (SPINK, 2008).

Contudo, para um melhor detalhamento metodológico, especificamos alguns microlugares relacionados ao contexto de produção de informações no Projeto de Extensão:

- **Atividades da extensão:** oficinas e rodas de conversas mensais promovidas pelos docentes e monitores das IES parceiras, com base na educação popular em saúde;
- **Local das atividades de extensão:** Terreiros de Matrizes Africana (Candomblé e Umbanda) localizados nos bairros João Cabral e Pedrinhas em Juazeiro do Norte-CE: a) o Terreiro Ilè Àlakétú Ijobá Àsé Lógùn y Óíyá; b) o Terreiro Ilé Axé Omindandereci e Mutalegí; c) o Terreiro Ilé Axé Oxum Tungi;
- **Atividades de orientação dos monitores do projeto:** Aconteceram quinzenalmente na UNILEÃO, por e-mail ou grupo de rede social, sempre que necessário. Ocorreram com uma média semanal.

Cabe-nos agora um caminhar por esses micro espaços que nos deu chão para vivências ímpares, co-produção de saberes e transformações. O ponto de provocação para esse estudo deu-se no âmbito do projeto de extensão “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matrizeses Africanas em Juazeiro do Norte-CE”. O projeto pode ser considerado pioneiro tanto na Região Metropolitana do Cariri, quanto no Estado do Ceará, uma vez que partiu da concepção de que a cultura popular é motor de resistência e negociação, e não apenas de submissão.

Além da equipe de discentes e docentes responsáveis pelo projetos, e dos participantes ligados aos Terreiros: Ilè Àlakétú Ijobá Àsé Lógùn y Óíyá; Ilé Axé Omindandereci e Mutalegí; Ilé Axé Oxum Tungi, estiveram presentes nestes encontros algumas das lideranças de movimentos sociais de direitos humanos na região, tais como: movimento feminista, movimento feminista negro, movimento LGBT, movimento contra intolerância religiosa, movimento negro; estudantes e professores do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Universidade Regional do Cariri (URCA) e da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Durante toda a execução das ações, estive na coordenação desse



projeto de extensão enquanto docente do curso de psicologia da UNILEAO e mestranda em Ensino na Saúde (Faculdade de Medicina/ Universidade Federal de Alagoas).

O projeto teve como objetivos: promover o protagonismo da população negra em Juazeiro do Norte-CE, especialmente a comunidade negra dos povos de terreiros vinculados ao projeto, partindo do empoderamento construído em temáticas de educação popular em saúde e em direitos fundamentais. Além desses, destacamos outros objetivos, também norteadores da nossa caminhada: Inserir os alunos em um cotidiano diferente ao habitual ambiente universitário tanto do mundo jurídico, como do mundo social, pedagógico ou da saúde a partir da intervenção e da promoção de estratégias sobre a inclusão de grupos e pessoas excluídas socialmente pelo processo de civilização; proporcionar melhoria da emancipação político-ideológica pelo empoderamento do saber; promover estratégias de auto-cuidado com sustentabilidade em saúde no município de Juazeiro do Norte-CE; promover melhoria da qualidade de vida e da promoção da saúde dos Povos de Terreiro de matrizes Africana em Juazeiro do Norte-CE.

Além das atividades de educação popular em saúde nos terreiros que foram desenvolvidos com rodas de conversa e teatro do oprimido, aconteceram, também, encontros quinzenais com os monitores e docentes nas dependências da academia. Tais encontros proporcionaram discussões teóricas, relatos e ressignificação das experiências vividas nos Terreiros, planejamento de atividades, fortalecimento de vínculos e interação da equipe, além do fomento a publicações científicas, sendo estas apresentadas em seminários, congressos e publicadas em livros e revistas acadêmicas.

Os Terreiros de Matrizes Africana são espaços identitários de vivência do sagrado relacionados às religiões de Matriz Africanas. Essas sempre viveram diversos enfrentamentos em prol da sobrevivência no Brasil. Inicialmente, no período colonial, os negros foram sequestrados de sua terra natal, o continente da África e trazidos para serem escravizados no Brasil. Diversas foram as formas de resistência que travaram: fugas, suicídios, infanticídios e lutas. Contudo, para tentar ampliar a dominação sobre eles, lhes foi imposta a catequese católica. Enquanto forma de resistência, eles, mantiveram os seus rituais, mesmo envoltos a santos cultuados pela Igreja Católica.

Esses rituais religiosos apresentavam diversidades de práticas, haja vista a diversidade da origem da população que foi sequestrada: Bantu, Ewé, Fon, Yoruba, Ijexá, Egbá, Egbadó, Savé, Quicongo, Quimbundo, Nbundo, Haussás, Mande, Fulas e de outros povos e segmentos étnicos. Sendo no Território Brasileiro a prevalência de três grupos: Bantu (geograficamente originários da República dos Camarões até à África do Sul,

inclui: os Congos, Angolas, Cabindas, Benguelas) , Fon (originário geograficamente de Benim, e se autodenominam Jeje) e Yorubá (grupo originário geograficamente da África Negra: na sua grande maioria se concentra na Nigéria, em menor parte no antigo Daomé e, em sua minoria, no Togo e em Gana). Esses grupos agregam entre si semelhanças linguísticas, padrões culturais, socais, rituais, estéticos e plásticos, alimentares e performáticos. Também em relação a esses mesmos quesitos vivenciam diversas diferenças e enfrentamentos (BRASIL, 2016; NERES et al, 1999; MEDEIROS, 2016; CARVALHO; PINHEIRO, 2017; MACHADO, 2017).

O significado do que são os Povos Tradicionais de Matrizes Africana se sustenta na história. Povos em luta desde a diáspora e a escravização; povos com cultura de origem identificável cronológica e geograficamente e, cujas trajetórias, incluindo perdas e desaparecimentos tanto quanto resistência e renovação, preservam, inventam e reinventam sua tradição, sua fonte de saber e sua identidade. Povos em luta (BRASIL, 2016, p. 07).

Os ensinamentos das religiões de matrizes africana acontecem por meio da transmissão oral do conhecimento. A palavra tem um sentido sagrado diverso do sentido europeu. Os ensinamentos são repassados pelos mais velhos na religião, de modo a uma continuidade dos ritos e gerando um sentimento de pertencimento e familiaridade que se sobrepõe aos laços consanguíneos. Pode-se dizer que:

A ritualização da origem e do pertencimento dos povos tradicionais de matrizes africana se dá naqueles lugares conhecidos no Brasil como "terreiros" ou "roças", por meio de vivências, de práticas e construções simbólicas. Pensando e vivenciando o presente, essas práticas apontam para o futuro da existência ao mesmo tempo em que, sem cortar o elo histórico e condutor, remetem à ancestralidade e à origem (BRASIL, 2016, p. 10).

Assim, deparamo-nos com especificidades nessas rodas de conversa, tais como o lugar de assento dos mais velhos serem obrigatoriamente mais elevados do que o dos mais novos, representando posições de poder e saber diferenciadas. Essas e outras especificidades discutiremos mais adiante na análise dos resultados.

## 2.2.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Partimos do posicionamento de que o próprio educando é a pessoa mais indicada para falar do seu processo formativo das competências que desenvolveu, compondo versões sobre as metodologias que experimentou. Assim, optamos por uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, que buscou dialogar sobre os sentidos das vivências dos monitores nos encontros do Projeto de Extensão “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiro de Matrizes Africana”.

Na vivência pedagógica da integração ensino-serviço-comunidade, buscamos identificar metodologias embasadas nos princípios da educação popular em saúde e que tenham sido capazes de desenvolver competências necessárias à formação do/a psicólogo/a, focando no dinamismo das relações sociais (MINAYO; GUERRIERO, 2014; GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

## 2.2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram: 7 (sete) estudantes monitores do projeto de extensão, matriculados nos cursos de graduação em psicologia e serviço social da Unileão, sendo, 4 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, dos quais, dois vinculados à religiões de matrizes africanas, distribuídos conforme o quadro 1 abaixo:

**Quadro 1** - Caracterização dos participantes da pesquisa

<b>Curso</b>	<b>Características</b>		<b>Quantidade</b>
Psicologia	Sexo Feminino	Quinto semestres	2 estudantes
		Décimo semestre	1 estudante
	Sexo Masculino	Décimo semestre	2 estudantes
Serviço Social	Sexo Masculino	Quarto semestre	2 estudantes vinculados à religiões de matrizes africanas

Fonte: Autora, 2018.

Na discussão e análise dos resultados, os discursos produzidos por esses sujeitos foram identificado por pseudônimos que reportam de nome de flores. Usando-se como critério para estabelecimento da simbologia escolhida um afeto, um aroma, uma beleza e

a necessidade de um cuidado diferenciado no jardim. Mas, remete ,também, a uma lembrança do compromisso social que por vezes foi dito nos encontros dos terreiros em menção a Che Guevara: “os poderosos podem matar uma, duas ou até três rosas, mas jamais poderão deter a primavera”.

#### 2.2.4 PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES

Na perspectiva do campo-tema, em diversos momentos do cotidiano estive disponível para produzir sentidos e informações que influenciaram de algum modo na composição de articulações e olhares diferenciados para a temática em questão. Contudo, no decorrer dessa pesquisa, alguns micro espaços foram delimitados: roda de conversa com os monitores do projeto e produção de diários de campo pelos monitores (participantes) e por mim enquanto pesquisadora.

A roda de conversa vem sendo usada nas pesquisas de base construcionista como uma estratégia que possibilita interações entre participantes por meio da circulação da palavra, “palavração”. Portanto, um dispositivo que potencializa pesquisas democráticas, participativas, que rompem com a dicotomia sujeito-objeto e provocativas de transformações na vida de todos os/as envolvidos/as. Esse olhar para as transformações pauta-se num movimento de Reflexividade. Por Refletividade compreende-se um exercício que a ciência faz de repensar a si mesma, as suas formas de produzir conhecimento, seus efeitos e produtos sociais (BERNARDES; SANTOS; SILVA, 2015; SAMPAIO et al, 2014).

A Roda de Conversa é um recurso que possibilita um maior intercâmbio de informações, possibilitando fluidez de discursos e de negociações diversas entre pesquisadores e participantes. Inicia-se com a exposição de um tema pelo pesquisador a um grupo (selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa) e, a partir disso, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro (MÉLLO; LIMA; PAOLO, 2007, p. 30).

É exatamente essa fluidez do discurso que possibilita uma interanimação dialógica no grupo abordando a temática, posicionando-se e investigando o posicionamento do outro. Essa dinâmica de produção de informações foi ideal dentro dessa pesquisa, pois os participantes já tinham uma relação de contato prévio entre si e comigo, o que

proporcionou liberdade de ouvir e de falar, de concordar e discordar, ou seja, de posicionar-se. Isso me possibilitou romper com a falácia da neutralidade científica, trazendo-me para uma posição de conversadora (BERNARDES; SANTOS; SILVA, 2015; SAMPAIO et al, 2014; SPINK, 2008).

A roda de conversa com os monitores operacionalizou-se tendo como disparador a problematização de Temas Geradores que se produziram durante o percurso metodológico, de acordo com a proposta discutida por Bernardes, Santos e Silva (2015). Isso é consonante com os princípios da Educação Popular em Saúde e coerente com a base epistemológica de construção desse método, que são os círculos de cultura, propostos por Paulo Freire na década de 1960.

Os Temas Geradores são conversas do cotidiano, fatos, afetações, contextos, histórias produzidas na intertextualidade dos processos dialógicos entre pesquisador, os sujeitos e o campo-tema e são escolhas a partir da variabilidade dos códigos e dos repertórios linguísticos utilizados pelos participantes (BERNARDES et al, 2015, p. 30).

Com vistas a fluidez da circulação da palavra, utilizei nessa roda de conversa um roteiro aberto de algumas indagações que dispararam o diálogo: Como foi para você participar do projeto de extensão? Que experiências tiveram? o que vocês fizeram? O que vocês viveram nesse projeto?

Enquanto critério de inclusão na roda foi adotado ter participado, enquanto monitor, por pelo menos um semestre letivo das atividades do projeto de extensão "Encontros e Encantos". Consideramos que as atividades de um semestre sejam capazes de promover aprendizados significativos em relação à formação do estudante, haja vista a matrizes curricular do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio ser organizada em unidades acadêmicas semestrais. A roda de conversa foi gravada após assinatura do termo de consentimento livre-esclarecido e da permissão para a utilização de imagem e voz exclusivamente para a pesquisa.

A segunda estratégia de produção de informações foram anotações em diários. Tais anotações aconteceram em dois movimentos: um partindo dos monitores e outro partindo da pesquisadora. Importante salientar que em nenhum dos dois movimentos o diário foi algo estático de registro de um contexto pré-estabelecido, aliás, ele foi sempre:

Uma potência criativa: sendo revisitados, relidos, reposicionados, reescritos. Um “arquivo vivo” que nasce cada vez que se abre para nova

escrita ou nova leitura. Existe e se faz no tempo, na promessa cotidiana de vivência cúmplice e solidária (tornando as pesquisas menos solitárias), resultado em algo que não se limita às condições de sua produção, nem à sua suposta autoria original (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, et al, 2014. p. 283).

No que concerne aos monitores foram feitas inscrições em dois momentos: (1) nos encontros das oficinas que aconteceram mensalmente nos Terreiros de Candomblé em Juazeiro do Norte como parte das atividades do projeto de extensão “Encontros e Encantos” e; (2) nos encontros quinzenais que aconteceram entre professores orientadores e os monitores do projeto para planejamento de atividades, supervisão, compartilhamento e coprodução de conhecimentos disparados das experiências vividas nas atividades da extensão e das realizações de leituras temáticas. A narrativa nesses diários não tiveram nenhuma obrigatoriedade com o dado concreto, com a sequência cronológica nem com o esmiuçar dos fatos. A representação foi de narrativas ficcionais, ou seja, não tiveram qualquer compromisso com uma suposta verdade pré-discursiva de fatos, mas estiveram “amplamente comprometidas com os jogos de interpretações que se desenvolvem e nos quais estamos implicados” (MEDRADO; SPINK; MÉLLO., 2014, p. 283).

No primeiro movimento, essa ferramenta assumiu um papel inicial de promover problematizações, tensionamentos e posicionamentos políticos sobre o vivido no projeto de extensão, servido primeiramente enquanto recurso didático na produção de conhecimentos via reflexão, conhecimentos estes que estão além de termos conceituais, mas englobam a dimensão vivencial do aprender a ser e a conviver. Nessa perspectiva, o diário de campo foi compreendido enquanto “uma metodologia de produção de conhecimentos e de práticas recursivas” que permitiu “uma experimentação ativa de ação e reflexão sobre a ação” (DIEHL;MARASCHIN;TITTONI, 2006, p. 410).

O diário de campo se mostra assim como outro espaço de experimentação, que não se limita a transcrever ou representar a experiência... A escrita narrativa – e não somente descritiva – força o observador a implicar-se com o campo da experiência tensionando-a com esse mesmo movimento (DIEHL;MARASCHIN;TITTONI, 2006, p. 412).

Já em relação ao segundo movimento, a produção de diários de campo por mim, assumiu a concepção de diário de bordo, sendo anotado em todos os momentos da pesquisa e considerando não enquanto um mero caderno de anotações na coleta de dados,

mas sim, enquanto instrumento que dialogou comigo a cada momento e que nisso produziu informações à medida em que foram escritos: sentidos, sentimentos, momentos. Assim,

O diário, como afirmamos, é um atuante: com ele e nele a pesquisa começa a ter certa fluidez, à medida que o pesquisador dialoga com esse diário, construindo relatos, dúvidas, impressões que produzem o que nominamos de pesquisa. Esse companheirismo rompe com o binarismo sujeito-objeto, tornando o diário também um ator/atuante que permite a potencialização da pesquisa. Ao invés de atores contrapostos (pesquisador/pesquisado; técnicas/instrumentos; tema/objetivo), temos na pesquisa uma conjugação de fluxos em agenciamentos coletivos produzindo a própria ação de pesquisar (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p. 278).

Dessa forma, estive constantemente imersa no meu campo-tema, utilizando-me do diário de bordo como atuante, como apoio na produção de discurso e de narrativas singulares, autorais, com posicionamento político pautado na impossibilidade da neutralidade das descrições e da dicotomia pesquisador-pesquisado e do sujeito-objeto (MEDRADO; SPINK; MELLÓ, 2014). Nesse sentido, me recriei a medida que fiz minhas anotações.

#### 2.2.5 METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A análise das informações partiu de dois movimentos, sendo um associado a análise dos diários de campo e o outro à análise da roda de conversa. Esse último seguiu o caminho de produção de mapas dialógicos para compreensão de repertórios linguísticos.

O mapa dialógico pode ser compreendido enquanto ferramenta que possibilita visualizar as vozes, as interanimações, as posições, a dialogia presente nos discursos, além de proporcionar um rigor metodológico por apresentar a “explicitação dos passos de busca e de análise das informações obtidas e visa à reflexividade do/a pesquisador/a no processo da pesquisa” (NASCIMENTO; TAVANTI; PEREIRA, 2014, p. 248). Nesse caso, os mapas dialógicos foram utilizados na análise da produção da roda de conversa e foram construídos tomando os princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde enquanto categorias.

Essa opção deveu-se ao fato deles terem sido os pilares de sustentação de todas as atividades no projeto de extensão e, portanto, possibilitadores da problematização sobre

quais competências podem ser produzidas com intermédio de metodologias embasadas nos mesmos. Essas competências foram, posteriormente, relacionadas as competências comuns gerais expressas nas diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em saúde, exceto medicina que realizou mudanças no ano de 2014, a saber: atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, educação permanente, administração e gerenciamento.

A descrição de cada categoria correspondeu a conceituação já expressa na PNEPS/SUS (BRASIL, 2007), a saber: (a) Diálogo: encontro de sujeitos na intersubjetividade, marcado pelo respeito e resultando em transformação humanizada e ampliação de conhecimentos; (b) Amorosidade: Ampliação do diálogo para além do conhecimento lógico e organizado assumindo-se a dimensão do cuidado, da troca emocional e da sensibilidade; (c) Problematização: proposição de análise da realidade crítica e das existências das relações dialógicas nas práticas educativas de produção de cuidado em saúde; (d) Construção Compartilhada de Conhecimentos: processos de comunicação e pedagógicos envolvendo pessoas e grupos de saberes e de culturas diversos, visando a transformação e compreensão de ações de saúde nas dimensões teóricas, políticas e práticas; (e) Emancipação: processo coletivo de conquista da libertação de todas as formas de opressão social proporcionadoras de desumanização das relações e adoecimentos; (f) Compromisso com a Construção do Projeto Democrático e Popular: reafirmação do compromisso com uma sociedade equânime que somente é possível por meio das lutas sociais protagonizadas pelos sujeitos historicamente marginalizados.

A produção de mapas dialógicos resultantes da gravação da roda de conversa remeteu a uma melhor visualização e análise de repertórios linguísticos, os quais podem ser compreendidos enquanto linguagens sociais, discursos próprios de um estrato social e que possibilitam a construção de um glossário, mesmo que este não seja exclusivo somente ao grupo que o produziu. Ao se referir a repertórios linguísticos, Aragaki, Piani e Spink (2014, p. 230) afirmam que:

Se trata de circulação de unidades de construção das práticas discursivas: os termos, as descrições, os lugares comuns e as figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades da produção de sentidos. Sendo elementos centrais nesse processo, um passo fundamental da análise (e que pode ser o seu foco) é identificar os repertórios em uso e seus efeitos na maneira como nos posicionamos e



posicionamos nossos/as interlocutores/as. Além disso, analisá-los nos permite perceber como versões de realidade foram produzidas.

Em relação análise dos diários, tanto dos monitores quanto da pesquisadora, foi inspirada na proposta metodológica discutida por Medrado, Spink e Mélo (2014), acontecendo como estratégia de adensamento das análises, nesse caso, a análises dos mapas dialógicos que foram produzidos a partir da roda de conversa com os monitores. Assim, compuseram narrativas e interlúdios, sem a obrigatoriedade de uma análise discursiva extensa, mas atribuindo uma característica de personalidade, expressividade, ilustração de interanimação entre os atores envolvidos e acompanhamento das experiências vividas na pesquisa.

## 2.2.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mantendo-nos fieis ao objetivo de relacionar a vivência de metodologias embasadas nos princípios da educação popular em saúde com as competências da formação profissional desenvolvidas em um projeto de extensão universitária, iniciamos um movimento de reflexão e de análise, sem nenhuma obrigação com a verdade racionalista posta sob o crivo objetivo da ciência, mas comprometidos eticamente com a postura crítica diante do mundo, com a relatividade dos olhares lançados sobre o mesmo acontecimento, considerando a realidade enquanto composição de emaranhados de versões construídas no coletivo.

Partindo desse posicionamento, traçamos o caminho de discutir, primeiramente, as metodologias embasadas nos princípios da educação popular em saúde que utilizamos no projeto de extensão “Encontros e Encantos” e que acreditamos terem promovido o desenvolvimento de competências aos monitores, foram essas: rodas de conversas e Teatro do Oprimido.

## 2.2.7 RELATOS DO COTIDIANO NO PROJETO DE EXTENSÃO: EM BUSCA DE METODOLOGIAS

Nosso posicionamento político-pedagógico para construção de estratégias sempre foi superior a estratégia em si. Aqui consideramos metodologia ou práticas pedagógicas enquanto um caminho seguido para alcançar a formação de competências necessárias ao

profissional de saúde e para garantir a integração ensino-serviço-comunidade no projeto de extensão “Encontros e Encantos”. Tomamos a estratégia apenas como uma possibilidade e não como uma fôrma a ser usada indiscriminadamente para atingir fins específicos. Pois, na educação popular em saúde amplia-se a possibilidade de construir alternativas metodológicas adaptadas a cada contexto desde que essas tenham radicalmente as seguintes bases: diálogo, amorosidade, emancipação, problematização, construção compartilhada de conhecimento, compromisso com o projeto democrático popular.

Significamos a roda de conversa enquanto agregadora de todas essas bases e optamos, inicialmente, em utilizá-la. Sabemos que enquanto dispositivo metodológico, ultrapassam o aspecto visual da disposição das cadeiras em círculo, apesar dessa disposição postular que todos estão lado a lado, nem a frente e nem atrás (SAMPAIO et al, 2014). Elas abrangem o posicionamento ético político da possibilidade de: olhar, afetação, diálogo genuíno, compartilhamento de construção de conhecimentos, compromisso com a democracia e com a emancipação e o empoderamento, portanto, espaço de criação, recriação, expressividade, escolhas, interação social, produção de sentidos e circulação da palavra.

Metodologicamente, cada roda teria em si, pelo menos, um instrumento e uma pergunta geradora. Por exemplo, no primeiro encontro discutimos ancestralidade. Tivemos como instrumentos as fotos de família dos participantes, os mapas do Brasil e do continente africano. Enquanto perguntas geradoras: sua família veio de onde? Você identifica alguns percursos dela nesse mapa do Brasil? Que etnias parecem estar ligadas a construção da sua família? Você já conhecia o mapa da África? Existe algum nome nele que te chama a atenção? Essas perguntas foram lançadas sem a obrigatoriedade de serem respondidas, o discurso gerado por elas foi sempre mais importante que uma resposta para as mesmas.

A nossa intenção inicial era pautar-se nesse método durante toda a execução do projeto de extensão. Entretanto, deparamo-nos com especificidades em realizar rodas de conversas com pessoas que construíram vínculos de pertencimento diferenciados dos modos ocidentais, e que se ligavam enquanto mais velhos, representantes da transmissão oral dos saberes ancestrais, e mais novos, aprendizes desses saberes. Isso por si só remete a lugares e simbologias de falas diferenciadas entre os participantes da roda.

Essa leitura foi problematizada em um dos encontros, o que levou a reflexão dos participantes que era difícil transpor formas de dialogar diferentes da representação das

figuras religiosas. Essa dificuldade acontecia independente dos objetivos da vivência, especialmente porque estávamos dentro dos Terreiros, já representados por eles enquanto espaço sagrado. Mesmo o propósito não sendo religioso, remetia a representação de que os filhos de santo tendessem a ficarem calados ou a concordarem sempre com os Pais e Mães de Santo.

[...], mas não havia me passado pela cabeça que é uma questão cultural deles, da religião e a nossa cultura é de que democraticamente, enquanto prática social, todo mundo tem que falar (EDELVAIS).

Sabe, quando o mais velho estava falando todos tinham que escutar então nós, nosso olhar, se for pensar assim, colonizador trouxemos para aquele momento (BROMÉLIA).

Enquanto equipe de trabalho da extensão universitária, nos vimos diante de um desafio: promover a circulação da palavra sem intervirmos nos vínculos sagrados firmados pelos participantes do projeto. Isso foi foco em diversos momentos nas reuniões com os monitores. Talvez precisássemos mudar as estratégias, o que não seria inviável, pois acreditávamos que:

Quando trabalhamos com enfoque participativo, nossa intenção não deve estar centrada nos instrumentos, métodos e técnicas, mas naquilo que constitui a questão central da participação: o poder. Ou melhor, as disputas sobre o poder. Instrumentos participativos têm como função principal ajudar a estruturar as disputas sobre poder entre atores sociais, torná-las transparentes e, dessa forma, contribuir para a distribuição mais equitativa de poder (BROSE, 2004, p. 11).

Mas o nosso olhar não podia ser firmado numa concepção puramente eurocentrada de poder, pois estávamos diante de um fenômeno da ancestralidade africana, que não podíamos desrespeitar e nem ignorar, apesar de até então termos pouco conhecimento dele.

Isso é bem claro. Esse lugar quando eu cheguei lá com alguns termos como: mãe pequena. Será que isso se tratava de uma prática machista? Porque a mãe é pequena? Ai eu vi que se tratava de uma hierarquia, que é uma relação de poder, mas não de dominação. O que nós da Universidade acreditaríamos que se tratava, que o termo mãe pequena representaria? Foi o que me fez pensar. Existe poder, mas não uma dominação. Exemplo: pai, mãe, filho, filha, pequeno, grande, os lugares de fala, que foi uma coisa que me chamou a atenção, quando o pai tá falando, o filho silenciar. Ele pode falar? (MONITOR OLEANDRO)

O fenômeno mais próximo disso que conhecíamos, o de ter alguém que sabe e outros que são aprendizes, nos remetia a algo presente no contexto educativo formal, mas que no Terreiro gerava sentimentos diferentes entre os participantes, sobretudo nos monitores. A leitura dos diários de campo mostrava que, no contexto acadêmico, os monitores sentiam-se desconfortáveis com os papéis de professores dominadores e donos do saber que buscavam transmitir. Já nos Terreiros eles reconheciam esse saber do mais velho e não os representavam enquanto dominadores. Refletimos que a diferença principal se dava na amorosidade. A relação de ensino-aprendizagem, por meio da oralidade, parecia permeada por sentimentos, cuidado e reconhecimento do outro, enquanto as relações acadêmicas pareciam objetificantes, sendo: a teoria objeto de conhecimento, o professor objeto de distribuição desse conhecimento, o estudante objeto do depósito, a população objeto da intervenção.

Pronto isso soou assim para mim: ela é uma liderança religiosa e chegou para ela dessa forma que ela não pode ter um posicionamento como instituição de terreiro sem antes conversar com os filhos, coisa que na universidade é ao contrário, que a gente tem que se colocar no lugar, e esse lugar é quase impenetrável de todos saber. Aqui a gente tem um suposto saber, que por isso fica sem permitir um lugar mais flexível, mais fluido na realidade do outro (OLEANDRO).

Chamando as pessoas pelos termos (BROMÉLIA).

Aprendemos que a roda era uma metodologia de co-produção de saberes historicamente vivida nos espaços tradicionais de Terreiros: rodas de capoeira, de afoxé, de rituais religiosos, de encontros para contações de histórias e ensinamentos sagrados. Por meio da transmissão oral, nos foi ensinado que, nas rodas dos rituais sagrados, o mais velho vai a frente, mas que no final da roda está sempre o mais novo, remetendo-os a simbologia de que o mais novo precisa saber que um dia ele será o mais velho e proporcionando que o mais velho não esqueça que um dia ele foi o mais novo. Essa filosofia é marcada pela empatia, pela amorosidade, pelo afeto. Assim, a roda já era tão significativa, naquele espaço, que precisamos buscar outra forma de circulação da palavra. Ocorreu-nos em buscar apoio na dramatização, acreditando que ela promoveria um espaço de afetação diferente da disposição em círculo, mas manteria a construção compartilhada de saberes, a singularidade da representação e todos os demais princípios da educação popular em saúde, então, buscamos o Teatro do Oprimido (TO).

O Teatro do Oprimido é uma metodologia criada por Augusto Boal na década de 1960. Contemporânea e correlacionada ao pensamento freireano visa, através da dramaturgia, promover libertação, democracia, emancipação, sendo permeada pela vivência afetiva, amorosidade, problematização, diálogo, que são posicionamentos ético-políticos da Educação Popular em Saúde. Dentre as várias possibilidades do TO usamos o teatro-fórum (BARBOSA; FERREIRA, 2017), pois ele apresenta ao público um ou vários problemas em forma de teatro, o que nos permitiu mantermos a relação com temas ou perguntas geradoras. O público é estimulado a entrar em cena e criar finais para a história representada, isso possibilitou a ampliação a circulação da fala independente dos papéis religiosos dos participantes do projeto e uma ampliação do diálogo entre monitores (atores) e público em geral. Nisso, a construção compartilhada de saberes pode ser ampliada. Os monitores relataram em seus diários que se sentiram mais autônomos, livres, criativos e sujeitos em relação com outros sujeitos.

Após 18 (dezoito) meses de existência do projeto de extensão, os monitores foram convidados a participarem de uma roda de conversa sobre: suas experiências, as metodologias vividas e as implicações em sua formação profissional enquanto estruturadoras de competências. Nos debruçaremos agora sobre essa produção discursiva.

#### 2.2.8 ENCONTROS E ENCANTOS NA FORMAÇÃO EM SAÚDE: UM OLHAR PELOS REPERTÓRIOS LINGUÍSTICOS NA CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS

A análise dos repertórios linguísticos nessa pesquisa remeteram ao desenvolvimento de algumas competências durante a vigência do projeto de extensão: cuidado, diálogo, educação permanente, ética, processos democráticos de autogestão, pactuação de compromissos. Já as DCN's propõem a necessidade de desenvolvimento das seguintes: Atenção à Saúde, tomada de decisão, comunicação, Liderança, Administração e gerenciamento, educação Permanente (BRASIL, 2004).

Seguiremos agora estabelecendo uma relação entre ambas competências, tanto as que surgiram no repertório, quanto as gerais das DCN. Para isso, produzimos cinco categorias de análise tomando por base as competências que foram desenvolvidas no projeto de extensão, conforme exposto nos mapas dialógicos no apêndice, a saber: 1) A ética: competência e/ou posicionamento ético-político?; 2) Atenção em Saúde e Cuidado: aproximações possíveis; 3) Comunicação ou Diálogo: a marca da amorosidade no olhar;

4) Educação Permanente em Saúde : radicalização do compromisso emancipatório na construção social do SUS; 5) Processos democráticos de autogestão: alternativa libertadora a Administração e gerenciamento

#### 2.2.8.1 A ÉTICA: *COMPETÊNCIA E/OU POSICIONAMENTO ÉTICO-POLÍTICO?*

A Ética não aparece explicitamente nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de saúde enquanto uma competência a ser desenvolvida. Contudo nos debruçaremos um pouco sobre ela por ter surgido de modo significativo nos discursos dos monitores enquanto algo que construíram durante o desenrolar do projeto de extensão. Não pretendemos nos deter sobre o constructo conceitual e as tensões filosóficas, e nem tampouco buscamos apresentar uma nova conceituação para esse termo, mas estamos comprometidos em buscar os sentidos que a ética foi vivida e construída pelos monitores. Percebemos que este sentido se relaciona com o da ética como elemento constituinte do ser humano, ultrapassando a dimensão dos códigos, normas e condutas acordadas a priori na sociedade, mas sem menosprezar a existência deles.

Chauí (2000) apresenta que a origem da palavra ética vem do grego Ethos que podia assumir dois significados: costume ou caráter (índole natural). Portanto, poderia fazer referência sequencialmente à senso moral e à consciência ética individual. No que concerne ao costume, a ética habitualmente se liga ao sentido de valores e obrigações de um grupo ou sociedade. Ressalta que o nascimento desse campo deu-se com Sócrates ao questionar as pessoas sobre os seus valores. Posteriormente, Aristóteles acrescenta a visão do saber prático, da práxis, na qual agente, ação e finalidade de agir são inseparáveis, pois o sujeito é o que ele faz e o faz com uma finalidade boa e virtuosa. Assim, para os antigos, demarcamos o sentido da ética perpassado pelo racionalismo, naturalismo (a vida virtuosa seria agir em conformidade com a razão ou com a natureza) e pela inseparabilidade entre a ética e a política, a vida na Polis.

A entrada da Idade Média demarca a ética na perspectiva da relação com Deus e não com a cidade e nem com os outros, e o campo de escolha, de liberdade é de seguir ou não a obediência a lei divina. Inicia então a associação com o Dever, o que irá permanecer mesmo com a entrada do Renascimento que descentraliza a teocracia. Com a chegada da modernidade e a ascensão do humanismo, gerou-se um receio de que a queda da lei divina levasse o ser humano a viver os seus instintos livremente gerando caos e malefício social.

Então, pensou-se na existência de códigos nos quais as normas pudessem ser racionalmente compreendidas, pois certamente cada uma seria questionada e caberia aos legisladores e filósofos o uso do argumento justificador e convencedor. Assim, teríamos uma norma universal para um homem universal, frustrando a auto-análise e favorecendo a auto-reprodução envolta de um véu de ilusões entre a distinção adequada e normativa entre certo e errado (BAUMAN, 1997, p.8)

Se se veio a se distinguir a "moral" como o aspecto do pensar, sentir e agir do homem relativo à discriminação entre "certo" e "errado", foi obra de modo geral da idade moderna. Na maior parte da história humana, fez-se pouca diferença entre padrões agora estritamente distintos da conduta humana, tais como "utilidade", "verdade", "beleza", "propriedade". No modo "tradicional" de vida, em que raramente se olhava a distância e em consequência raramente se refletia, tudo parecia flutuar ao mesmo nível de importância, sendo pesado sobre as mesmas escalas de coisas "certas" versus "erradas" a serem feitas.

A modernidade marca o sentido da ética prescritiva (SPINK, 2000), que caracteriza-se por poder materializar-se em códigos e leis escritas, diferentemente da ética dialógica, renegociada em diversos contextos. Esse segundo sentido, parece mais consonante com a discussão sobre a novidade da abordagem pós-moderna da ética” consistir primeiramente e sobretudo “não no abandono de conceitos morais caracteristicamente modernos, mas na rejeição de maneiras tipicamente modernas de tratar seus problemas morais” apresentando “regulamentação normativa coercitiva na prática política” (BAUMAN, 1997, p.8).

Aqui podemos remeter ao fato dos códigos de ética que regem o trabalho do profissional de saúde, os quais ditam normas prescritivas e costuma ser estudados em disciplinas específicas durante a formação. Esses códigos são importantes e necessários, contudo, resta-nos o questionamento se as competências propostas e avaliadas nas graduações, partindo especificadamente dos códigos, formam o sujeito para a vivência de qual ética: prescritiva ou dialógica. A análise das informações produzidas nessa pesquisa, remete-nos a pensar os monitores do projeto de extensão considerarem que uma disciplina é insuficiente para a vivência ética num sentido relacional e não puramente prescritivo.

Pelo menos para mim parte muito dessa idéia de se deparar com o que não se é discutida na educação, a questão ética. Não no sentido de uma disciplina de ética, moral, mas no sentido de ética o lugar do aluno, o lugar do professor, mas o lugar dessa relação, essa relação que a gente

pouco discute e quando discute a gente acaba polarizando, que existem os lugares (OLEANDRO).

E me chamou muito atenção justamente essa parte ética (IRIS).

Esse discurso, da reflexão sobre um lugar, lembra que a modernidade aprisionou o ser humano no próprio humanismo, levando a crença de uma universalidade no humano e delimitando-o na compreensão/conhecimento de si mesmo proporcionando uma prisão na normatividade de um modelo universal. Aqui talvez expressa na normatividade do lugar de estudante e de professor, de profissional de saúde e de paciente. Essa prisão o deixa imerso no fazer, levando-o a “esquecer de que esqueceu de si<sup>2</sup>” havendo a necessidade de momentos de libertação. Esses momentos podem acontecer no “cuidar de si” remetendo a concepção de ética, marcada pelo direcionamento da própria subjetividade reflexiva, para si buscando maneiras de se reinventar e de elaborar a própria vida, traçando um movimento, em determinadas situações, de recolher-se reflexivamente para depois agir sobre o mundo (GALVÃO, 2014).

Portanto, a visão de cuidar de si para conseguir cuidar do outro responsabilizando-se para com o mundo, deslocando-se de regras de condutas pré-estabelecidas, dos códigos. Essa perspectiva é encontrada também em Lévinas (2000) ao apresentar o estar com o outro como sendo a atributo humano primário, inseparável da responsabilidade e independente do conhecimento a priori das qualidades do outro. Para ele, só é possível ser responsável sendo sujeito, pois a responsabilidade é um atributo constituinte da estrutura da subjetividade.

Os diários de campo dos monitores apresentam momentos nos quais eles mostram que se perceberam cuidando de si:

A dinâmica possibilitou como já mencionei uma autoavaliação, foi me descobrindo em tantas coisas colocadas, e reconstruindo novas possibilidades do meu “ser” estar no mundo, dá importância do silêncio, dos momentos que tenho que me e manter centrado em eu mesmo (DIÁRIO DE CAMPO JACINTO).

se trata do processo de entendimento que facilita a harmonização de necessidades próprias, com as necessidades de outros de forma empática. Esse processo envolve uma mudança de foco, entre nossos erros, e os erros de outrem, unificando-os para a necessidade de todos (DIÁRIO DE CAMPO JASMIM).

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada por Heidegger ao afirmar que o pensamento metafísico, leva o homem ao “obscurecimento do ser” e, conseqüentemente, esquecimento de si mesmo e ao “esquecimento de seu esquecimento”, desprendendo-se assim do “mais digno de ser pensado”, o sentido do ser. (GALVÃO, 2014)



Em relação aos monitores do projeto de extensão, a necessidade de ser sujeito e de realizar o encontro com o outro, pareceu ter favorecido o desenvolvimento de uma implicação de compromisso responsável, surgindo por diversas vezes na produção de seus discursos:

[...] por que mudou, acho que o meu lugar de vê-lo mudou (OLEANDRO).

[...] até que vi que o meu lugar ali não era esse e nem o deles e nem o de ninguém eram pessoas tentando mudar uma realidade social (EDELVAS).

E eu acho que na educação popular o outro tem um lugar, o outro tem uma importância, o outro é um sujeito (BROMÉLIA).

[...] foi um lugar de adquirir responsabilidade para lhe dá com a subjetividade do outro, com o que o outro apresenta de sua subjetividade (IRIS)

Assim, mudar o movimento reflexivo sobre o próprio lugar, parece ter favorecido a reflexão sobre o lugar do outro e ampliado a possibilidade de responsabilização. Acreditamos, com isso, que o desenvolvimento de habilidades e atitudes componentes do conceito de competência, conforme preconizado pelas DCN's dos cursos de graduação na área da saúde, podem favorecer a construção de saberes específicos. Contudo, se descolado da reflexividade podem promover um distanciamento objetivado pela suposta necessidade de neutralidade da ciência em relação aos seus objetos de estudo. Spink (2000) aponta que a competência pelo saber (expertise) pode coisificar o objeto de intervenção pelo mecanismo tecnológico, já que esse saber supõe competência para fazer as coisas de modo adequado usando conhecimentos específicos.

No campo da formação em saúde a coisificação do objeto de estudo pode remeter a coisificação do próprio estudante que passa a se sentir instrumento de aplicação dos saberes que desenvolveu devendo, portanto, demonstrar suas habilidades e atitudes nas práticas de saúde. Ressalta-se ainda que os envolvidos nesse processo educativo teriam, inicialmente, a condição humana (docentes, discentes e pacientes). Essa questão academicista surgiu no discurso dos monitores enquanto aprisionamento, o que favoreceu a necessidade de espaços de liberdade, emancipação, de um movimento auto-reflexivo e, ao mesmo tempo, comprometido com o outro, representado anteriormente como um cuidar de si mesmo. Os recortes seguintes nos levaram a essa reflexão:

[...] por que o fluxo do grupo nos permitiu isto, não nos colocarmos como objeto desta ciência (EDELVAS).

Quando nós chegamos no terreiro, nós não nós nos colocamos como objeto desta ciência psicológica, por que quando nós apontamos que o olhar dual, o funcionamento dual deles, que o relacionamento é outro, faz parte da nossa mente que neste espaço nós não nos colocamos a objeto desta ciência (BROMÉLIA).

[...] que é como um sujeito, uma pessoa que deve ser respeitada, uma pessoa que tem conhecimentos, tem saberes e que eu não sou a detentora do Saber do que essa pessoa deve fazer. E eu não posso principalmente tratar ela como objeto da minha ciência pobre (né?) e aqui na faculdade a gente lida com isso todo dia com as pessoas tratando outras pessoas como objeto em nome da ciência e eu sempre penso: no projeto não é assim... (BROMÉLIA).

E uma coisa que me marcou muito é que ,e que me marca muito até hoje, é que no projeto com educação popular eu entendi como é que o outro deve ser tratado nos meus trabalhos, nos meus processos, nas minhas vivências (OLEANDRO).

eu entendo a importância da academia , mas a importância que o projeto me trouxe eu espero até, então, que eu leve a frente pra vida é de lidar, primeiramente com o sujeito , o meu fazer psicológico é um suporte, não é o centro do negócio (EDELVAIS).

A reflexividade leva a competência ética para a ampliação da responsabilidade com o outro, consigo mesmo e com a sociedade. Essa perspectiva parece manter uma aproximação da proposição de ética dialógica discutida por Spink (2000), enquanto relativista, co-construída, negociada, (re)significada por vozes diferentes. Isso não representa um abandono dos códigos de ética das profissões, mas remete a atribuição de sentidos e à pactuações de compromissos pautados na construção do projeto democrático social e emancipação de todas as formas de opressão.

Esse olhar para a ética parece mais condizente com a sociedade pós-moderna que se forja mais enquanto descoberta da impossibilidade de concretude das promessas de salvação pela ciência marcantes da era moderna, do que por um fim cronológico desta:

O código ético a toda prova — universal e fundado inabalavelmente — nunca vai ser encontrado; tendo outrora chamuscado muitíssimas vezes nossos dedos, sabemos agora o que não sabíamos então ao embarcarmos nessa viagem de exploração: que uma moralidade não aporética e não ambivalente, uma ética que seja universal e "objetivamente fundamentada", constitui impossibilidade prática; talvez também um oxímoron, uma contradição nos termos de acordo (BAUMAN, 1997, p. 99).

Assim, uma ética pós-moderna readmite o Outro como próximo, muito perto: da mão e da mente, no cerne do eu moral. “Restaura o significado moral autônomo da proximidade; uma ética que lança novamente o Outro como a figura decisiva no processo pelo qual o eu moral chega ao que é seu” (BAUMAN, 1997, p. 99). Para ele, os grandes temas da ética não perderam força, mas precisam ser revisados para serem tratados de modo novo, o que pode significar uma alvorada a ética e não um entardecer, pois ela tem a possibilidade de ser vivida num propósito mais amplo, nunca vivido na história da humanidade. Assim, a condição da ética que é indissociável da responsabilidade, também é atrelada ao cuidado, que também não aparece nas DCN’s, mas que pode ser correlato a ideia de atenção em saúde, embora possa ser mais abrangente.

#### *2.2.8.2 ATENÇÃO EM SAÚDE E CUIDADO: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS*

As competências gerais comuns expostas nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação na Saúde, inclusive no curso de medicina que realizou mudanças mais recentemente no ano de 2014, apresentam a Atenção em Saúde enquanto uma competência que necessita ser desenvolvida pelos acadêmicos. Vamos, então, nos debruçar sobre esse conceito tomando por base as próprias DCN’s e, posteriormente, analisarmos os discursos nessa pesquisa de modo a identificarmos e problematizarmos as competências desenvolvidas pelos monitores.

Na Resolução nº 5, de 15 de março de 2011, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, a atenção em saúde está definida da seguinte forma:

os profissionais devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde psicológica e psicossocial, tanto em nível individual quanto coletivo, bem como a realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética (BRASIL, 2011, art. 4).

No mesmo sentido, com algumas alterações gráficas e acréscimos de alguns termos o Parecer CNE/CES nº 1.133/2001, aprovado em 7 de agosto de 2001, autoriza as diretrizes curriculares dos cursos de graduação nas áreas de enfermagem, medicina, nutrição que são publicadas em resoluções posteriores, afirmando textualmente:

Atenção à saúde: os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito profissional, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e continua com as demais instâncias do sistema de saúde. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto a nível individual como coletivo (BRASIL, 2001, p. 04,10,15)

Em 2014, o curso de medicina revê suas Diretriz Curricular Nacional publicada pela Resolução CNE/CES nº 3/2014, mantendo a competência geral da Atenção à Saúde, e agregando algumas novas dimensões, referentes a consideração das dimensões que compõem o espectro da diversidade humana que singularizam cada pessoa ou cada grupo social, tais como: biológica, subjetiva, étnico-racial, de gênero, orientação sexual, socioeconômica, política, ambiental, cultural, ética.

Essa orientação busca concretizar o SUS no sentido das diretrizes básicas, das evidências científicas, alto padrão de prática, da gestão da clínica e dos processos de trabalho, do protagonismo dos usuários, dos direitos, sustentabilidade, ética profissional, bioética, comunicação e promoção da saúde e pela primeira vez nas DCN's apresenta nesse item uma relação com o cuidado. Que relação é possível entre atenção à saúde e cuidado em saúde? As discussões sobre atenção à saúde surgem no âmbito da reforma sanitária e apresentam uma perspectiva de busca por um sistema integrado e superação dos modelos biomédicos e campanhistas até então vigentes. Dessa forma, a inclusão desse termo nas DCN's avançam na consolidação da mudança do modelo de assistência à saúde, com vistas à organização das práticas em resposta às necessidades de saúde da população, principalmente por meio dos princípios da equidade, integralidade e universalidade. A atenção à saúde se expressa por meio de políticas, programas e serviços de saúde (MATTA, MOROSINI, 2008, in:PEREIRA, 2008).

Dessa forma, espera-se que a formação possa desenvolver competências que promovam no egresso a capacidade de trabalhar no SUS de modo a atenciosamente seguir as diretrizes básicas e assim consolidar os modelos clínicos, os protocolos, as especificidades, a complexidade da demanda, mantendo o mais alto padrão de atendimento. Essa característica surge marcadamente nos textos das Diretrizes Curriculares. Por mais que a competência da atenção à saúde, historicamente, seja um avanço, talvez ela precise ser ampliada para atitudes mais relacionais ligadas as

dimensões humanas do cuidado. A centralidade da graduação em desenvolvimento de competências ligadas apenas à atenção, parece ter sido percebida pelos monitores do projeto de extensão enquanto insuficiente para uma formação humanizada. Parece que eles relacionaram de modo mais direto com o tecnicismo.

O sujeito é o psicótico (MAGNÓLIA).

Que tem um transtorno mental X, que tem não sei o que, que blá blá blá ( BROMÉLIA).

Lida com o transtorno, não com a subjetividade do outro, vai tornando-se tecnicista o negócio ( BROMÉLIA).

Lida com o outro a partir deste rótulo (EDELVAS).

E a gente... A gente morre dizendo que não vai fazer isso e faz ( BROMÉLIA).

[...] e os trabalhos, as formas que os trabalhos são passados aqui obrigam a gente fazer as coisas desta maneira (MAGNÓLIA).

É ... exatamente, não para controlar aqueles, não para enquadrar aqueles, não pra fazer muito o que a gente ver nos corredores:" - "olhe a borderline passando, eh!" dos próprios alunos. - "Olha a num sei o quê!" - Olha a transtornada (BROMÉLIA).

Com o objetivo de controle (EDELVAS).

Por que eu já vejo demais aqui ( BROMÉLIA).

Cheio de arcabouço epistemológico, não é pra isto... (MAGNÓLIA).

Sabendo que as competências diagnósticas e técnicas são importantes, mas insuficientes, sugere-se a ampliação da atenção para o cuidado. As diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em medicina, reformuladas em 2014, incorporam o cuidado na competência da Atenção à Saúde, muito embora os caminhos de ambas não sejam tão congruentes, apesar de complementares. O cuidado foi apresentado da seguinte forma (BRASIL, 2014b, p.2):

[...] cuidado centrado na pessoa sob cuidado, na família e na comunidade, no qual prevaleça o trabalho interprofissional, em equipe, com o desenvolvimento de relação horizontal, compartilhada, respeitando-se as necessidades e desejos da pessoa sob cuidado, família e comunidade, a compreensão destes sobre o adoecer, a identificação de objetivos e responsabilidades comuns entre profissionais de saúde e usuários no cuidado; e

Promoção da equidade no cuidado adequado e eficiente das pessoas com deficiência, compreendendo os diferentes modos de adoecer, nas suas especificidades.

“O cuidado em saúde não é apenas um nível de atenção do sistema de saúde ou um procedimento técnico simplificado, mas uma ação integral que tem significados e sentidos voltados para compreensão de saúde como o direito de ser” (PINHEIRO, 2008, p. 112 apud PEREIRA, 2008). A atenção pode ser vista como um dos componentes do cuidado. Esse acontece em atos no cotidiano e abrange: zelo, desvelo, atenção, responsabilidade numa perspectiva ética dialógica, e por isso consegue ser continuado, porque acontece no âmbito do dia-após-dia, tendo no outro o seu lugar. Então somente pode acontecer em um espaço de inter-relação. É provável que a relação, a dimensão da amorosidade, do afeto, do vínculo seja a grande diferença entre o cuidado e a atenção. Os dois modos podem usar a mesma técnica e o mesmo instrumento mas a implicação ética do tornar-se responsável com o outro, é quem vai mobilizar o cuidar. Essa questão se manifesta do discurso dos monitores:

Enfim, eu não lhe dei com a mãe de santo, eu não lidei com o meu objeto de estudo, mas eu lhe dei com Mãe xxxxx pessoa, pessoa física, que transmitiu pra mim o que transmiti para ela nas minhas pequenas intervenções, entende? (BROMÉLIA).

Para lidar com o seu próprio saber. Inclusive tem uma fala da xxxxxx que ela fala que as entrevistas quando iam perguntar para ela as questões dos fenômenos epistemológicos de matrizes africana, como a conversão a idéia do... da... do santo chegar e baixar o santo né? e tal tem a ideia de sociopatologizar, sociopatologizar este fenômeno. Foi uma das coisas que ela falou, as únicas entrevistas que eu dei para o pessoal da psicologia foi esta, se era psicopatológico? Não era psicopatológico? (OLEANDRO).

Aqui manifesta-se o acolhimento, a escuta do outro enquanto sujeito, enquanto centralidade da ação, sendo isso mais importante que a técnica. Uma entrevista foi sentida como desrespeitosa, pois não parecia ser empática e cuidadosa. No encontro com o profissional de saúde, os sujeitos esperam muito mais cuidado do que diagnóstico, apesar desse também ser necessário. “O cuidado em saúde é uma dimensão da integralidade em saúde que deve permear as práticas de saúde, não podendo se restringir apenas as competências e tarefas técnicas” (PINHEIRO, 2008, p. 113 In:PEREIRA, 2008). Assim, consideramos a inclusão dos saberes dos usuários necessária e essa experiência quando vivida pelos graduandos no projeto de extensão parece ter proporcionado certa

desmistificação dos saberes acadêmicos. Acreditamos que isso pode gerar mais segurança ao lidar com o outro.

Enfim, e, tipo e... e de perceber a importância disto que o XXXX trás, tipo existe um saber da academia que é inerente ao fazer psicológico em campo, enfim... que é inerente ao meu fazer psicológico e tem o saber gigantesco que o terreiro me trouxe na minha relação com o sujeito (EDELVAIS)

Eu... eu vejo muito assim é... que o suporte que a academia me dá, né? Arcabouço epistemológico é... (OLEANDRO)  
eu entendo muito que depende da sua pessoa naquele processo, da sua postura, mas não somente (IRIS)

Não precisávamos instrumentalizá-los com o saber da psicologia. Por que eles em si já tinham instrumentos, arcabouços epistemológico, entendeu? (OLEANDRO)

É que a gente faz da psicologia, às vezes, um bicho e 7 cabeças... (EDELVAS)

A experiência de entrar em contato com o outro foi vivida pelos/as monitores/as enquanto propiciadora de formação de uma competência relacionada ao compromisso com o cuidar enquanto futuros profissionais de saúde. Parece ter remetido a busca por abordagens que lhe dessem base para cuidar do outro enquanto sujeito e não enquanto objeto.

[...] porque na psicanálise a gente trabalha uma questão fundamental dentro da clínica que é a questão ética, que parte da ideia do desejo e que eu lá dentro, inclusive tem um texto do Paulo freire que é extensão e intenção, uma coisa assim, que na psicanálise a gente usa esse termo: extensão, intensão. Justamente para dizer que há outras possibilidades de se fazer uma escuta, um caminho, um percurso (OLEANDRO).

É a questão que quando você vai fazer um trabalho péssimo de confissão da psicologia você primeiro coloca ele num lugar de sofrimento e no lugar de que ele tem que reconhecer o que ele está sofrendo (EDELVAS).

E a questão é que uma vez uma professora falou assim: “Há psicologia onde há sofrimento.” E a educação popular, não só tem educação popular onde há sofrimento. A educação popular onde tem alegria, também tem e eu acho que é isso que diferencia (EDELVAS).

Por, nesta questão da academia ou de patologização, eu entendo e entende, com a vivência do projeto a importância do saber que eu recebo numa academia pra tá ali não acaba ali (BROMÉLIA)  
Muitas vezes é isso que é proposto, é isso que é passado e quantas pessoas não têm uma oportunidade, talvez, ou pelo menos ainda não

tiveram de ter esse outro olhar e sai fazendo isso, que é o que a gente mais ver (MAGNÓLIA).

Os monitores falam que a vivência dos princípios da educação popular em saúde cria possibilidades de reorientação do processo formativo em saúde, indicando que essa vivência poderia fazer diferença para outros estudantes mudarem sua visão de cuidado da mesma forma que parece ter ocorrido em suas trajetórias e vivências. O cuidado, na nossa vivência, não se descolou da amorosidade e nem do diálogo, pois esses criaram condições de encontros genuínos com o outro desvelando aspectos de subjetividade e representações do mundo.

### 2.2.8.3 *COMUNICAÇÃO OU DIÁLOGO: A MARCA DA AMOROSIDADE NO OLHAR*

O diálogo remete ao estar com o outro, conhecê-lo e reconhecê-lo, reconhecer-se nele e apesar dele, romper barreiras, traçar possibilidades e demarcar fronteiras. Enquanto princípio da Política Nacional de Educação Popular em Saúde o diálogo é representado como:

[...] encontro de conhecimentos construídos histórica e culturalmente por sujeitos, ou seja, o encontro desses sujeitos na intersubjetividade, que acontece quando cada um, de forma respeitosa, coloca o que sabe à disposição para ampliar o conhecimento crítico de ambos acerca da realidade, contribuindo com os processos de transformação e de humanização (BRASIL, 2013, p.2).

Essa foi a forma que vivemos o diálogo no projeto de extensão, de modo a nos transformarmos continuamente a cada encontro genuíno. Em uma das minhas anotações de diário de campo fiz referência a essa experiência, sentindo-me representada nas palavras poéticas de Moreno (2008, p.9):

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face  
[...]  
então verei você com seus olhos  
e você me verá com meus olhos  
Então até a coisa mais comum servirá ao silêncio e  
nosso encontro permanecerá meta sem cadeias  
Um lugar indeterminado, num tempo indeterminado  
Uma palavra indeterminada para um homem indeterminado



O olho no olho, foi proporcionado pela configuração em roda, mas sobretudo por uma postura ética de colocar-se na frente do outro como sujeito. O ato mecânico de estar na frente do outro não garante que haja uma relação entre dois sujeitos, a não ser que ambos se permitam a isso, que se permitam a trocar os olhos e não só os olhares.

[...] o afeto deles, tem um afeto ali e isso eu trouxe para mim, sabe, enfim... o afeto deles me afetou (IRIS).

[...] tem que servir em benefício deste diálogo, deste tipo de projeto, deste tipo de roda de conversa, por exemplo, tem que servir a favor disso... tem que ser ... (OLEANDRO).

[...] é no início ficou muito “nossa vão fazer para mim” tanto de lá como cá e no decorrer do projeto a gente foi falando com eles e eles com a gente (BROMÉLIA).

Também, dialogar com eles não era dialogar a partir do nosso conhecimento da nossa universidade. Dialogar com eles era dialogar (BROMÉLIA).

[...] naquelas 4 horas acontecia uma conversa as pessoas que se ouviam (MAGNÍLIA).

Nessa fala nós como monitores que nos implicamos nós saímos do Olhar racional para o olhar da experiência (JACINTO).

[...] e o movimento do grupo pedia uma troca autêntica (IRIS).

O encontro com as lideranças de terreiro, embora temeroso e ansioso que fiquei na expectativa, provocou-me uma prendizagem valiosa na qual nem consigo descrever minuciosamente por que simplesmente não encontro palavras para descrever essa sensação propiciada pelo contato com o teatro, com a dinâmica, com a organização e com a satisfação de dever cumprido (DIÁRIO DE CAMPO EDELVAIS).

Portanto dialogar é mais amplo que comunicar, perpassa pelo princípio da amorosidade. Por amorosidade entende-se “a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade” (BRASIL, 2013, p.2) essa ampliação favorece ultrapassar os limites das argumentações logicamente organizadas.

Dessa forma, o diálogo no projeto foi alicerçado na afetação e na troca, o que parece ter promovido um movimento identitários, especificadamente, libertador em relação ao ser mulher e ser negro.

[...] falou sobre mim, falou sobre as minhas raízes, sobre a força que eu tenho, que eu quero ter e que eu quero passar, o que eu passo (MAGNÓLIA).

[...] ver o poder de força daquelas mulheres, de mãe XXXXX que foi que mais me implicou participar do projeto inteiro (BROMÉLIA).

[...] de não saber de que eu não estou no processo sozinha (MAGNÓLIA).

Sabe isso acrescentou muito na minha vivência enquanto pessoa (BROMÉLIA).

[...] ... Ah Se Meu Povo, mas enfim, é isso mesmo, que o meu povo carrega da identidade que eu tenho do quanto eu me reconhecendo a fala dela e de ver o processo que ela chegou e de que eu tenho força para isso (MAGNÓLIA).

Saber que a força dela reflete em mim, que eu tenho força também, por isso foi tão enriquecedor, porque houve uma representatividade muito forte (MAGNÓLIA).

Parece-me que a perspectiva relacional, identitária e dialógica é a única que se completa com a necessidade de formarmos profissionais para o cuidado em saúde. Parece-me que a competência da comunicação fica posta em um nível tecnicista de saber científico e que não é capaz de gerar o cuidado em ato. Por comunicação as diretrizes curriculares nacionais apresentam: “os profissionais devem ser acessíveis e devem manter os princípios éticos no uso das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral” (BRASIL, 2001, p. 2).

Assim, comunicar significa guarda sigilo de informações, selecionar as informações a serem repassadas na interação com profissionais e público. Ou seja, ter posse de um dado e fazer o manejo desse dado na relação com as pessoas. A comunicação tem dois componentes: conteúdo (Transmite informação sobre factos, opiniões, sentimentos, experiências) e relação (Exprime, direta ou indiretamente, algo sobre os interlocutores). Ou seja, a marca da comunicação é a transmissão de códigos, remetendo a necessidade de evitar ruídos na mensagem.

Essa reflexão lembra-me que em um dos encontros do grupo os Povos de Terreiros pediram que fizéssemos uma oficina sobre uma temática que tiveram acesso na comunidade: comunicação não violenta enquanto base para a mediação de conflitos. Esse encontro foi preparado pelos monitores e o vivemos com base no teatro do oprimido. As reflexões no diário de campo sobre a essa experiência mostram que eles se habituaram no diálogo de modo que a simples comunicação os incomodava:

Confesso que encontrei dificuldades de assimilação do conteúdo sobre a proposta da Comunicação Não Violenta(CNV), pois vi uma generalização dos fenômenos subjetivos e um psicologismos acerca das relações humanas. Tendo em vista uma leitura superficial sobre a CNV, busquei no Augusto Boal um suporte epistemológico para dá prosseguimento a essa investigação, senti-me confuso com o conteúdo sobre CNV, e limitado a expressar o que estava faltando para encaixar a teoria a práxis proposta para o Encontro (DIÁRIO DE CAMPO OLEANDRO).

Acredito que se tivesse exposto no grupo essa dificuldade, provavelmente poderia ter tido um suporte. Todavia, não encontrei recursos para isso, apenas me solidarizei com quem estava tendo a mesma dificuldade (DIÁRIO DE CAMPO OLEANDRO).

Os momentos nos quais discutimos e alinhamos as reflexões acerca da práxis nos encontros possibilitam aparecer dificuldades e possibilidades de se trabalhar o nosso próprio processo de autonomia na vida acadêmica, os elementos grupais que fortalecem nossa integração e a construção da nossa identidade dentro do grupo, e nossas potencialidades são desenvolvidas conjuntamente e os desafios superados como grupo (DIÁRIO DE CAMPO MAGNÓLIA).

O que pude observar nesse segundo momento foi quão a nossa forma de se comunicar com o outro, ela muitas vezes soa como uma relação de imposição e não de pedido, que cria barreiras para que possamos construir uma relação de confiança com as pessoas, e também nos impossibilita de construir um diálogo, pois o que acontece é uma negação do outro a partir da imposição das minhas verdades (DIÁRIO DE CAMPO JACINTO).

Deleuze e Guattari (1995) discutem que a comunicação é impossível para o humano, pois sempre traduzimos o que queremos comunicar, ou seja, usamos a linguagem enquanto tradução de singularidades, restando a comunicação apenas para o alguns animais como as abelhas ou para a transmissão biológica de códigos genéticos, pois somente esses conseguem transmitir as mensagens que receberam sem nenhuma mudança ou tradução.

Em contrapartida, Freire (1970, p.44) problematiza que o diálogo somente é possível entre dois sujeitos, portanto humanos, pois “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”, tendo em vista que partindo dele fazem atribuições de sentidos e transformam o mundo. Dia-logos é o conhecimento (logos) entre (dia), em suma, a acepção forte do diálogo que é a produção de conhecimento entre dois sujeitos. Enquanto capacidade transformadora não faz parte do universo animal. Dessa forma, a competência para a comunicação parece deslocar-se da

condição humana, remetendo a pensarmos que a competência para o diálogo poderia propiciar um processo educação permanente transformador e condizente com uma profissional mais humanizada.

#### *2.2.8.4 EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE: RADICALIZAÇÃO DO COMPROMISSO EMANCIPATÓRIO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUS*

A educação permanente em saúde, nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação, apresentam-se enquanto dever dos profissionais, de serem capazes de aprendizagem contínua em sua formação e em sua prática, além de responsabilizar-se e comprometer-se com a sua educação e o treinamento das futuras gerações de profissionais, de modo a estimular e desenvolver a mobilidade acadêmica e profissional, a formação e a cooperação por meio de redes nacionais e internacionais (BRASIL, 2001, p.2). O compromisso e a responsabilidade parecem se ligar as formas pedagógicas mais do que ao outro em formação. No caso das vivências, no projeto de extensão o compromisso com o outro parecia anteceder e motivar o surgimento de um compromisso com a formação.

Trago a tona esse tocante porque sobre meu olhar, nunca foi preocupação dessa instituição (universidade), provocar transformações realmente palpáveis pras populações mais sectarizadas da sociedade, que majoritariamente não estão ocupando um lugar nesse espaço, porque a educação não é pensada para esses, temos na verdade uma estrutura branca, elitista e conservadora, que a todo o momento a uma negação desses povos, para a ocupação desse espaço. Esses questionamentos são o que cotidianamente me fazem refletir e me questionar sobre o nosso papel dentro das universidades e sobre tudo o do projeto, que tem me trazido uma perspectiva de transformação como já mencionada no início, encantadora. Isso dá pelas trocas mútuas e recíprocas de experiência, vivências e aprendizados (DIÁRIO DE CAMPO JACINTO).

[...] porque a sensação que eu tenho é que as pessoas não levam em consideração a vida do outro, é só o objetivo (IRIS).

E uma coisa que me marcou muito é que, e que me marca muito até hoje, é que no projeto com educação popular eu entendi como é que o outro deve ser tratado nos meus trabalhos, nos meus processos, nas minhas vivências (BROMÉLIA).

Por, nesta questão da academia ou de patologização, eu entendo e entende, com a vivência do projeto a importância do saber que eu recebo numa academia pra tá ali não acaba ali (BROMÉLIA).

[...] que eu acho que a educação popular em saúde me possibilitou reconhecer dentro da psicologia. Então não é que eu vá descartar não o saber de 5 anos, mas que existem outras pessoas dentro da psicologia que discutem também, que dialogam com essa mesma linha de pensamento (EDELVAIS).

Escrever o capítulo do livro deu sentido ao vivido, articulá-lo teoricamente no coletivo. Assim a relação teoria prática e experiência ensino pesquisa e extensão e construção coletiva fundamentaram a existência e a produção de saber que envolve saber ser, conviver e aprender (DIÁRIO DE CAMPO BROMÉLIA).

Os discursos acima parecem remeter a perspectiva de que o conhecimento acadêmico científico é importante e necessário ao/a graduando/a, e necessário estar voltado ao outro. Acreditamos que esse entendimento pode ter sido facilitado pela vivência do princípio da construção compartilhada de conhecimento, a qual faz referência a processos educativos envolvendo “[...] pessoas e grupos de saberes, culturas e inserções sociais diferentes, na perspectiva de compreender e transformar de modo coletivo as ações de saúde desde suas dimensões teóricas, políticas e práticas” (BRASIL, 2013, p.2). No projeto de extensão, a transformação das relações e das práticas no cotidiano da academia e dos serviços de saúde, que é foco da educação permanente em saúde foi instrumentalizada pela construção compartilhada e experienciada de saberes:

Ai eu parto da experiência, porque eu acredito que a experiência também é uma forma de conhecimento, não o conhecimento epistemológico acadêmico, mas um conhecimento de vida (JACINTO).

E esse respeito mútuo, essa troca mutua, não é hierarquizada de tipo, eu tenho um saber verdadeiro e não. Existe uma hierarquia dentro da religião, é obvio que existe, mas não é uma questão de tipo um conhecimento que a academia coloca como hierárquico. Tipo, olha a minha verdade é absoluta (OLEANDRO).

E o que eu acho interessante dos povos de terreiro é que lá a gente não aprende a partir do conhecimento científico a gente aprende a partir do relato de experiência da vida de cada membro que tá ali dentro do terreiro, cada pessoa que viveu sua experiência, o seu momento de violência, que teve uma determinada demanda de saúde e quer dentro do terreiro essa demanda ou essas demandas poderão ser atendidas e que tipo o terreiro tem toda uma organização (JASMIM).

um grupo da psicologia com pessoal do direito e lá começou a ser apresentado algumas questões que iam para além disso que iam para além disso, das discussões da Psicologia, do ponto de vista dos direitos humanos (OLEANDRO).

E para eles foi algo tão interessante, porque a discussão que a gente tem da academia, gênero, foi até a realidade deles apenas no fluxo do grupo (OLEANDRO).

Então eu penso que de um certo ponto enquanto ferramenta metodológica, já que a roda de conversa é para isso, o que eu aprendi e o que me tocou, me implicou, eu acho que é isso: a possibilidade da experiência tem que ser extremamente implicada, pessoal, então se eu não largar o pré e não me permitir aceitar e me tocar, aí acontece isso de que na hora se faça não um debate coletivo, um debate de aprendizado, mas uma aparição de intelectuais (EDELVAIS).

como XXXXI que entende que a experiência também é conhecimento, mas que não é um conhecimento acadêmico, é um conhecimento de vida e que cada sujeito ali (JACINTO).

a nossa fala era compartilhada então nós poderíamos contribuir (IRIS).

É! A troca. E eu soube o que era aquela casinha (BROMÉLIA).

Permitir-se a construção de conhecimentos partindo da experiência, não implica em abrir mão dos saberes construídos academicamente, para um mergulho exclusivista no saber popular, mas implica em ampliar as possibilidades humanas de se construir conhecimentos. Assim, também fez parte das nossas vivências as discussões sobre que teorias nos embasavam, de que modo elas poderiam nos dar suporte para criarmos as nossas ações, que terminologias precisávamos aprender e que estratégias usaríamos para aprender.

por que assim dizer que educação popular é só do saber do outro é uma utopia, porque o próprio Paulo Freire ele escreve pedagogias. E pedagogias é uma ciência, né? (EDELVAIS)

Por que se você pegar a psicologia ela é totalmente diferente da Educação Popular, porque as práticas psicológicas são todas de confissão e Educação Popular não foi feita por psicólogo, foi feita por um outro tipo de saber que não foi o psicológico. (EDELVAIS)

Mas não é só necessariamente na educação popular que se pode fazer um trabalho desse. Mas que a educação popular é sim uma grande contribuição para o trabalho do psicólogo. (OLEANDRO)

Mas tipo, eu vejo que as falas que a gente ainda está tendo aqui e agora, alguns ainda se perdem no uso dos termos, a questão de falar sobre yalorixá, babalorixá, ogum... E que tipo eu vejo que tenho um entendimento maior disso pela questão de eu ser de terreiro, eu tive a oportunidade de frequentar e Tentar conhecer. Então eu acho que é assim, com relação a esses termos, a gente poderia passar a saber mais, a conhecer mais. (JASMIM)

Não precisávamos instrumentalizá-los com o saber da psicologia. Por que eles em si já tinham instrumentos, arcabouços epistemológico, entendeu? (OLEANDRO)

Assim, a competência da educação permanente em saúde foi vivenciada pelos/as participantes do projeto e esteve alicerçada em metodologias embasadas nos princípios da educação popular em saúde. Os muros entre academia-serviço-comunidade foram rompidos para além do ambiente físico, foram atravessados por: amorosidade, diálogo e construção compartilhada de saberes. Ao fazermos essa afirmativa, partimos da conceituação exposta na política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), a qual remete ao entendimento dela ter base na aprendizagem significativa e na possibilidade de transformar as práticas profissionais, ou seja, de aprendizagem-trabalho, acontecendo no cotidiano da vida das pessoas e das organizações, tomando os problemas enfrentados na realidade e considerando os conhecimentos e as experiências que as pessoas já construíram (BRASIL, 2007).

Processos democráticos de autogestão: alternativa libertadora a Administração e gerenciamento

Os problemas que surgem no cotidiano das pessoas e das organizações, no que concerne à saúde, não estão somente atrelados a demandas de cuidados voltadas ao processo saúde-doença. Eles também se voltam as demandas da organização do próprio processo de trabalho, por isso, Ceccim (2005, p. 161) discute que:

A Educação Permanente em Saúde, ao mesmo tempo em que disputa pela atualização cotidiana das práticas segundo os mais recentes aportes teóricos, metodológicos, científicos e tecnológicos disponíveis, insere-se em uma necessária construção de relações e processos que vão do interior das equipes em atuação conjunta, – implicando seus agentes –, às práticas organizacionais, – implicando a instituição e/ou o setor da saúde –, e às práticas interinstitucionais e/ou intersetoriais, – implicando as políticas nas quais se inscrevem os atos de saúde.

Os terreiros de matrizes africanas demonstraram no cotidiano um modelo de gestão compartilhada na resolução de problemas e execução de tarefas, que propiciou aos monitores o desenvolvimento da competência de autogestão. A compreensão de autogestão aqui remete a uma ruptura com a noção de recursos humanos advinda da administração e da psicologia organizacional de modo a propor a noção de coletivos de produção, além da criação de dispositivos que propiciem o encontro desses coletivos favorecendo o processo de auto-análise (CECCIM, 2005)

O projeto de extensão em si baseou-se constantemente em dispositivos democráticos de autoanálise, aqui representados pelas rodas de conversas e pelo teatro do oprimido. Para além disso, “os terreiros mantêm sua tradição viva criando um microcosmo desta para legitimar a sua organização social (MELO, 2007, p. 3), o que permitiu aos monitores um contato com uma forma de organização afrocentrada, com formas diferentes de dividir e realizar tarefas voltadas co-responsabilização.

Esse funcionamento pode ser entendido como agir organizacional afro-diaspórico, marcado pela cosmovisão africana de não fragmentação do saber em áreas, o que remete a utilização do verbete teo-bio-mítico-social (HOFFMANN, 2015). Os discursos produzidos pelos monitores, nos leva a perceber o estranhamento e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de saberes:

Para mim foi a forma de contato com outra realidade totalmente diferente, porque eu não tinha nenhum contato com povos de outras religiões. (IRIS)

E como eles vivem e se organizam, eles se tratam. (BROMÉLIA)

são grupos mas há um grupo maior onde tem várias famílias, vários terreiros. (IRIS)

Eles realmente têm essa força entre eles (BROMÉLIA)

a relação que eles têm com a comida foi muito forte (IRIS)

eles ofertam, é importante, não pode ter desperdício, isso aquilo outro, essa forma que eles colocam assim. (IRIS)

foi, essa coisa do fazer, o afeto em relação ao fazer (né?), o fazer... a qualidade também, em relação a isso... (BROMÉLIA)

Aí tinha questão de dizer também que a gente faz uma macumba sustentável, a gente se preocupa com meio ambiente, a gente se preocupa com outro, a gente faz a comida e a oferta para o outro também, então a gente tem esse Cuidado. (IRIS)

Poxa, além desse campo de vida, de aprender com eles, de como eles vivem, da forma como eles se organizam, e mais aquela coisa. (BROMÉLIA)

Tem outros lugares que ocupam, diversos espaços sociais (OLEANDRO)

como eles conseguem se juntar para mudar uma situação. coisa que não vejo em quase nenhum lugar, em lugar nenhum, coisa que eu não faço. Me juntar com alguém para mudar uma situação. (BROMÉLIA)



que eu acho maravilhosa e que eu trago para mim que é que eles podem fazer alguma coisa e eles fazem e eu acho isso impressionante (BROMÉLIA)

Em contrapartida, as diretrizes curriculares nacionais apresentam a necessidade do desenvolvimento da competência de administração e gerenciamento, definindo-a como aptidão para tomar iniciativas, gerenciar a administrar a “força de trabalho, dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou líderes nas equipes de trabalho”. Esse conceito parece voltar-se mais a perspectiva dos recursos humanos proveniente da administração e da psicologia organizacional e menos voltado para os processos de auto-análise e auto-gestão, os quais parecem ter mais sustentabilidade em relação ao compromisso com o desenvolvimento do coletivo.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os discursos produzidos pelos monitores que participaram do projeto de extensão “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matrizeses Africana em Juazeiro do Norte – CE”, remeteram, na análise dos resultados, ao desenvolvimento das ressignificação ou ampliação das competências gerais dos cursos de graduação em saúde (BRASIL, 2004), orientando-as para os seguintes aspectos: da atenção à saúde ao cuidado em saúde; da comunicação ao diálogo; da ampliação da educação permanente em saúde articulando-se à educação popular em saúde; da ampliação da ética; da administração e da liderança aos processos democráticos de autogestão; da tomada de decisões à pactuação de compromissos. Tais deslocamentos orientam para uma ampliação ético-política que repercutirá em formação e em práticas mais humanizadas na saúde.

De certo modo, percebemos que a metodologia é importante, mas não é o ponto central da reorientação na formação em saúde, que talvez os processos formativos precisem firmar base no compromisso com o projeto democrático popular e na emancipação presentes na educação popular em saúde. Então não basta educar por competências e/ou com metodologias ativas, pois isso, a depender do compromisso ético-político, pode servir ao treino de habilidades para a inserção no mercado de trabalho de modo tecnicista, mantendo as mesmas relações de opressão.

Talvez esse seja um dos motivos pelos quais os egressos dos cursos de saúde mantêm de modo tão cristalizado as relações verticalizadas de poder, a fragmentação do processo de trabalho, a hierarquização e subalternação de saberes, chegando a reverberar em relações violentas e de violação de direitos entre as equipes de trabalho e a entre essas e os usuários. Talvez mais do que metodologias ativas precisemos de metodologias ou embasadas em pressupostos humanizados, ou seja, metodologias significativas, pois somente o humano é capaz de atribuir sentido e nisso desenvolver ética, cuidado, diálogo, compromisso e auto-gestão.

É provável que mais do que competência estejamos falando de prontidão para a vida, para si e para o outro. Estamos falando em sermos simplesmente humanos, sujeitos e não objetos na relação com o outro ou com os conteúdos acadêmicos e saberes diversos. Essa reflexão foi uma marca constante no projeto de extensão e nos resultados dessa pesquisa.

Foi possível para nós, vivermos aspectos da cosmovisão africana de não fragmentação do saber em áreas, o que nos colocou dentro de um movimento decolonizador e poder favorecer processos identitários e emancipatórios. Nisso rompemos com o preconceito de que a academia deverá ir fazer extensão na comunidade para levar um saber que eles não possuem mas que deveriam possuir. Ou seja, rompemos na nossa vivência com aspectos de um a universidade eurocentrada, voltada de modo tecnicista para o mercado.

A vivência de metodologias embasadas nos princípios da educação popular em saúde pode favorecer a sinergia da integração ensino-serviço-comunidade, sem sobreposição de saberes, mas com encontros genuínos, olho no olho, e com construção de saberes, desvelamento e revelamento de si e do outro. A comunidade de terreiros contribuiu de forma efetiva para uma formação verdadeiramente humana em saúde.

## BIBLIOGRAFIA

ARAGAKI, Sérgio Seiji; PIANI, Pedro Paulo e SPINK, Mary Jane. Uso de repertórios linguísticos em pesquisas In: SPINK, Mary Jane Paris; et al. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.** – 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-producao-de-informacao-na-pesquisa/> Acesso em 27 de dez. 2016

BARBOSA, Inês; FERREIRA, Fernando Ilídio. Teatro do Oprimido e projeto emancipatório: mutações, fragilidades e combates. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 2, p. 439-463, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*; tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BERNARDES, J. et al **A roda de conversa como dispositivo ético-político na pesquisa social.** In: LANG, C.E. et al. (Org). *Metodologias; pesquisa em saúde, clínica e práticas psicológicas.* Alagoas - Maceió: EDUFAL, 2015.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação Popular.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, C. R.; ASSUMPCÃO, R. **Cultura rebelde:** escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

BRASIL, Lei No. 8080/90, de 19 de setembro de 1990. Brasília: DF. 1990. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8080.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm)> Acesso em 27 de dez. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução N.3, de 20 de junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 jun. 2014b, sessão I, pag. 08.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n o 466, de 12 de dezembro de 2012.** Brasília, 2012. Disponível em: <[http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23\\_out\\_versao\\_final\\_196\\_ENCEP2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf)>. Acesso em: 04 Set. 2016

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 1.133/2001, de 7 de agosto de 2001**. Diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e nutrição. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1133.pdf>>

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do ministro. Parecer CNE/CES n. 62 de 19 de fevereiro de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília: DF. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces062\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces062_04.pdf)

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. **Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde**. Ministério da Saúde, Secretariade Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. - Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Situação em Saúde. **Saúde Brasil 2013: Uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionados à pobreza**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BROSE, Markus. **Metodologia participativa** : uma introdução a 29 instrumentos /Markus Brose (Org.). – 2. ed. – Porto Alegre : Tomo Editorial, 2010.

CARVALHO, M. M. de, PINHEIRO, D. V. de L. **Liberdade religiosa e direitos humanos: uma análise sobre a caminhada contra a intolerância religiosa em Juazeiro do Norte-CE**. In: MELO, M. Â. S. de, et al(org). Epistemologias em confronto no direito: reinvenções, ressignificações e representações a partir da interdisciplinaridade. Livro comemorativo dos 5 anos do LIEV. Editora CRV. Curitiba. 2017.

CECCIM, Ricardo Burg. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. 2005.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. 2. reimp. São Paulo: Ática, 2000.,

CORDEIRO, Mariana Prioli et al. Como pensamos ética em pesquisa. A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas, p. 31-56, 2014.

CUNHA, G. T. A construção da clínica ampliada na Atenção Básica. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. 20 de novembro de 1923 – postulados da linguística. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**–Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI. 1996

DIEHL, Rafael; MARASCHIN, Cleci; TITTONI, Jaqueline. Ferramentas para uma psicologia social. Psicologia em estudo. Maringá. Vol. 11, n. 2 (maio/ago. 2006), p. 407-415., 2006.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. Que fazer: teoria e prática em educação popular. Petrópolis, 1993.

GALVÃO, Bruno Abilio. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. Intuitio, v. 7, n. 1, p. 157-168, 2014.

GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. (orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em:  
<[http://www.ece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_metodos\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.ece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_metodos_de_pesquisa.pdf)  
> Acesso em: 23 de Ago. 2016.

JURDI, Andrea Perosa Saigh et al. Revisitar processos: revisão da matrizes curricular do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, 2017.

LÉVINAS, E. Totalidade. Infinito. Lisboa: Ed, v. 70, 2000.

MACHADO, A. F. **Filosofia africana: ancestralidade e encantamento para bem viver (descolonização, empoderamento e direito)**. In: MELO, M. Â. S. de et.al (Org.) Epistemologias em confronto no direito: reinvenções, ressignificações e representações a partir da interdisciplinaridade. Livro comemorativo dos 5 anos do LIEV. Editora CRV. Curitiba. 2017.

MATTA, Gustavo Corrêa; MOROSINI, Márcia Valéria Guimarães. **Atenção à saúde**. PEREIRA, Isabel Brasil et al. Dicionário da educação profissional em saúde. EPSJV, 2008.

MEDEIROS, J. D. **Experiências musicais e educação de terreiros: uma vivência observativa em um terreiro de candomblé de Juazeiro do norte** In: MELO, M. Â. S. de et.al (Org.). Saberes e dizeres no cariri cearense: gênero, religiosidades, africanidades e segurança pública. Livro comemorativo dos 4 anos do liev. Editora CRV. Curitiba. 2017. 2016.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane e MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas, In: SPINK, Mary Jane Paris; et al. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-producao-de-informacao-na-pesquisa/> Acesso em 27 de dez. 2016.

MÉLLO, R.P.; Silva, A.A.; LIMA, M.L.C.; Di PAOLO, A.F. “Construcionismo, Práticas Discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia & Sociedade**; 19 (3): 26-32, 2007

MELO, Emerson. Da natureza afro-religiosa: a (re)significação espacial dos terreiros de candomblé em São Paulo. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, 2007

MERHY EE, CECCIM RB. **A clínica, o corpo, o cuidado e a humanização entre laços e perspicácias: a educação da saúde nas práticas profissionais e a Política Nacional de Humanização** [Internet]. Niterói: UFF; [acesso 2009 Set 2]. Disponível em: <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/#indexados>.

MIGUEL, Iván Silva; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. O ENFOQUE POR COMPETÊNCIAS EM EDUCAÇÃO: PROBLEMATIZANDO A EXPERIÊNCIA EUROPEIA.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. **Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, Abr. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232014000401103&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000401103&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 Abr. 2016.

MORENO, Jacob Levy; **Psicodrama**. 16ª edição. São Paulo: Editora Cultrix: 2008.

NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; TAVANTI, Roberth Miniguine e PEREIRA Camila Claudino Quina. O uso de mapas dialógicos como recurso Analítico em pesquisas científicas In: SPINK, Mary Jane Paris; et al. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-producao-de-informacao-na-pesquisa/> Acesso em 27 de dez. 2016

NERES, J. M., Et.al. **Negro e negritude**, Volumes 2. 3 ed. Edições Loyola, 1999.  
NESPOLI, G. **Da educação sanitária à educação popular em saúde**. In: Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde: textos de apoio / Organização de Vera Joana Bornstein... [et al.]. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2016. Disponível em: [http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/cad\\_texto\\_edpopsus.pdf](http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/cad_texto_edpopsus.pdf)

OLIVEIRA, P. C.; CARVALHO, P. Alguns elementos da antropologia de Paulo Freire. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**. Volume 04 - Número 10 - Ano 2012. Disponível em: <[http://theoria.com.br/edicao10/alguns\\_elementos\\_da\\_antropologia\\_de\\_paulo\\_freire.pdf](http://theoria.com.br/edicao10/alguns_elementos_da_antropologia_de_paulo_freire.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2016.

PEDROSA, J. I. dos S. **Educação Popular no Ministério da Saúde: identificando espaços e referências**. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação popular e saúde. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. DF.Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

PINHEIRO, R. **Cuidado em saúde**. In: PEREIRA, Isabel Brasil et al. Dicionário da educação profissional em saúde. EPSJV, 2008.  
RESOLUÇÃO, C. N. E. CES nº 5, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes.  
SACRISTÁN, José Gimeno. Educar por competencias, ¿ qué hay de nuevo?. Ediciones Morata, 2008.

SAMPAIO, J. et al. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface – Comunicação, saúde, educação (Botucatu)**. Vol.18. Supl.2. Botucatu:2014.

SIMON, Eduardo et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem e educação popular: encontros e desencontros no contexto da formação dos profissionais de saúde. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 18, p. 1355-1364, 2014.

SPINK, M. J. P. e FREZZA, R. M. **Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social.** In: SPINK, M. J. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. edição on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais . Ipanema, Rio de Janeiro. 2013

SPINK, Mary Jane P. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. Psico (Porto Alegre), p. 7-22, 2000.

Spink, P. K. “O pesquisador conversador no cotidiano” Psicologia & Sociedade; 20, Edição Especial: 70-77 2008

STRECK, D.R et al. **Educação Popular e Docência.** São Paulo: Cortez, 2014.

UNILEÃO. Regimento interno. Disponível em: <http://leaosampaio.edu.br/secretaria>. Acesso em: 02/11/2017

VASCONCELOS, E. M. ; VASCONCELOS, M. O. D.; SILVA, M. O. da . Contribuição da educação popular para a reorientação das práticas e da política de saúde no Brasil. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 24, n. 43, p. 89-106, jan./jun. 2015. A

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular: de uma Prática Alternativa a uma Estratégia de Gestão Participativa das Políticas de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 14(1):67-83, 2004.



## 3 PRODUTO DE INTERVENÇÃO

### 3.1 TÍTULO:

Apresentação cultural: oralidade na co-produção de saberes na academia

### 3.2 PARCERIAS:

SEDEST - Secretaria de Assistência Social do Município de Juazeiro do Norte-CE

COMIRA - Conselho Municipal de Igualdade Racial

TERREIROS DE MATRIZES AFRICANA:

- Ile Alaketou Ijoba Ase Logun Y Oiya
- Ile Axe Omimdadereci Y Mutalegi
- Ile Asé Osun Tunji

### 3.3 PÚBLICO ALVO:

- Participantes do III Congresso de Psicologia do Cariri
- Profissionais inseridos no trabalho em políticas públicas e em carreiras jurídicas
- Ativistas do movimento social negro, feminista e comunidades das RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS
- Pesquisadores de Grupos de Estudo ou de Pesquisa em Direitos Humanos
- Alunos da UNILEÃO (Direito, Psicologia e Serviço Social) e demais instituições de ensino superior do Cariri Cearense
- Docentes de Instituições de Ensino Superior, especialmente da UNILEÃO vinculados aos cursos de Direito, Psicologia e Serviço Social.

### 3.4 INTRODUÇÃO:

Por ocasião da qualificação do projeto, havíamos optado por fazer um sarau. Contudo, em maio a comissão organizadora do III Congresso de Psicologia do Cariri, lançou um edital de seleção de atividades culturais para comporem a programação do evento. Enxergamos nesse edital uma oportunidade, um contexto ideal para reunir pessoas e ampliar a visibilidade do produto dentro e fora do Centro Universitário Leão Sampaio, propiciando assim Compartilhar com um número maior de pessoas as experiências de integração ensino-serviço-comunidade vividas durante o projeto de extensão “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matrizes Africana em Juazeiro do Norte-CE.

O Congresso aconteceu no dias 22, 23 e 24 de agosto de 2018 (apêndice A- pagina 93), no Campus Lagoa Seca, nas dependências da UNILEAO, contou com a participação de renomados pesquisadores e profissionais do nordeste, inclusive do Professor Jefferson de Souza Bernardes. O tema do evento foi: sofrimento psíquico: a ética no cuidar e teve por objetivo proporcionar o diálogo e a reflexão dos estudantes e profissionais da Psicologia e de áreas afins sobre a ética na formação e na profissão, bem como debater as questões contemporâneas que envolvem o sofrimento psíquico.

Tanto o tema quanto o objetivo do Congresso se relacionavam totalmente com as vivências do projeto de extensão campo-tema dessa pesquisa e com os resultados da mesma. A ética e o cuidado foram as principais competências que percebemos terem sido desenvolvidas pelos monitores e a formação sempre foi o nosso alicerce. Contudo, não pretendíamos fugir das bases da proposta de um Sarau, mas não podíamos mantê-lo na íntegra, pois o tempo seria incompatível com o disponível no edital lançado pela comissão organizadora.

Nesse caso, refletimos que o mais importante não era o tempo e, sim, a manutenção do objetivo inicial, com ampliação do público além de não abrimos mão da arte enquanto palavra de ordem e da representação que o sarau adquiriu no século XXI, ou seja, a de apropriação comunitária. Para que o Sarau adquirisse essa representação ele precisou se deslocar da cultura letrada que o configurava no século XX nos salões nobres ao pó do sol, para figurar em espaços urbanos de periferia (TENNINA, 2013).

Nesse sentido, a atividade de apresentação cultural proposta e aprovada pela comissão organizadora do projeto assumiu uma caracterização de posicionamento político na qual a palavra pode transformar os sujeitos na medida em que falam e são ouvidos. Assume as premissas de realização com base nos princípios da Educação Popular em Saúde (diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação, compromisso com a construção do projeto democrático e popular) tomando forma estrutural e ideológica da roda.

Essa apresentação foi proposta para se realizar em dois momentos no mesmo dia, sendo um matutino e outro noturno. Pela manhã foi realizada uma exposição de fotos produzidas durante as vivências dos projeto de extensão, exposição de produções acadêmicas, recital de poesias, contação de histórias e roda de ciranda (apêndice B e C— página 93 e 94). Pela noite foi realizada uma roda de Afoxê.

Receber os povos de terreiros durante as atividades da apreseentação cultural foi um grande momento de integração ensino-serviço-comunidade, sobretudo por termos nos

permitido ser tocados e construir conhecimentos partindo de uma cosmovisão africana. Os dois momentos mais significativos nesse sentido foram a contação de história e as danças circulares.

A contação de história possibilita o conhecimento da cultura de um povo, por meio de narrativas. Essa é a forma mais expressiva de pretaologias, pois no continente africano a transmissão de saberes se dava pela oralidade. Além disso, os povos escravizados aqui no Brasil usaram a oralidade enquanto forma de resistência para garantir a manutenção da sua cultura e dos seus saberes. Hoje os terreiros utilizam da oralidade como forma de construção e manutenção dos saberes e do cuidado(SOUZA, 2012). No projeto de extensão aprendemos de modo cotidiano por meio da oralidade: cantigas, danças, linguagem, os valores culturais e religiosos, histórias de vida.

As danças circulares também trazem uma perspectiva de resistência de um povo, pois mantém as suas raízes vinculadas a cultura desse povo e as suas tradições. É marcada por um movimento não coreográfico, mas essencialmente identitário, de encontro e de construção coletiva, no qual a entrada na roda não é demarcada pelas habilidades com os passos, mas sim pelo desejo de fazer parte(OSTETTO, 2009). Em geral as pessoas se apoiam mutuamente para que o círculo todo dance. As músicas que embalam as danças circulares carregam aspectos culturais, valores, histórias, crenças, pertencimento, costumes e celebração, como se agregassem em um contínuo: passado, presente e futuro.

Ressaltamos, ainda, que na realização desse produto, vivemos um movimento de integração ensino-comunidade em direção inversa ao vivido durante todo o desenvolvimento do projeto de extensão, ou seja, ao invés de representantes da academia irem aos Terreiros de Candomblé. Pactuou-se a mobilização do povo de Terreiro em direção a academia, não para buscar conhecimentos em um espaço histórico de suposto saber, mas para possibilitar ao corpo docente e discente a construção de competências e saberes interculturais por meio da pedagogia da oralidade e da musicalidade, que lhe são tão peculiares nas rodas cotidianas das vivências dos Terreiros de Matrizes Africana.

A roda é a forma por excelência da manifestação africana. Se universal, encontra-se plena na troca de vitalidade pelo círculo. Não deixa expressar hierarquias e permite que todos possam se comunicar pelo olhar num mesmo nível. Todos ficam voltados para o centro, em que todos os encontros se dão (ROSA, 2013, p.93 apud FONTOURA, SALOM, TETTAMANZY, 2016, p. 6).

Na perspectiva da formação em saúde, a roda sempre esteve presente em todos os momentos de construção e vivências no projeto de extensão universitária “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiro de Matrizes Africana”,

pautadas nos princípios e metodologias da Educação Popular em Saúde e buscando a construção das competências gerais comuns aos graduandos no campo da saúde e expostas nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos.

Assim a apresentação cultural também propôs um espaço para que os demais membros da comunidade acadêmica pudessem entrar em contato com os resultados na formação dos monitores no que concerne ao desenvolvimento de competências necessárias ao profissional no âmbito do SUS, que foram: cuidado, diálogo, educação permanente, ética, processos democráticos de autogestão, pactuação de compromissos.

Nesse cenário, mesmo o Projeto Encontros e Encantos no âmbito da sua extensão e no eixo da sua pesquisa voltada ao Mestrado Profissional em ensino na saúde já tendo desenvolvido diversos produtos, que serão citados no quadro abaixo, vislumbramos a necessidade de sensibilizar a comunidade acadêmica para às metodologias com base nos princípios da Educação Popular em Saúde enquanto promotoras do desenvolvimento de competências necessárias ao SUS e integradoras do ensino-serviço-comunidade. Assim, as vozes da comunidade de terreiros, dos monitores e orientadores que viveram essa experiência puderam, apoiando-se na arte, construir um movimento que agregou e afetou discentes e docentes.

Quadro 2: Outros produtos relacionados ao Projeto de Pesquisa integração ensino-serviço-comunidade: educação popular em saúde e coprodução de competências na graduação e ao Projeto de Extensão Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matrizes Africana em Juazeiro do Norte - CE

Produto	Período	Características
I Afroquermesse	Novembro de 2016	Encontro realizado durante todo um final de semana, com promoção de oficinas culturais (atabqui, turbante e dança), comidas típicas e palestras, tendas de rezas, buzios e banhos. Todas as atividades foram coordenadas pelos povos de terreiro. Encerrando-se com um bingo. A renda do evento serviu para apoiar a produção da caminhada contra a intolerância religiosa. Local de Realização: Teatro Marquize Branca, Juazeiro do Norte (CE)
II Caminhada Contra a Intolerância Religiosa	Janeiro de 2017	Camihada pelas principais ruas da cidade de Juazeiro do Norte com faixas, cartazes, carros de som com falas alusivas ao respeito, aos direitos e a dignidade da pessoa no âmbito da vivência religiosa. Agregou pessoas e representantes de diversas religiões. Os

		povos de Terreiro caminharam com suas vestes de representação religiosa.
I Fórum contra a Intolerância Religiosa da região do cariri	Junho 2017	Agregou lideranças religiosas cristãs e de Terreiros em torno da discussão sobre o respeito à diversidade religiosa. Contou com o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho de Juazeiro do Norte. Teve 4 horas de duração e aconteceu na cedo do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) do Bairro João Cabral.
I Capacitação para profissionais das políticas públicas de saúde, educação e Assistência Social em temas relacionados ao respeito, a tolerância Religiosa e ao combate ao racismo	Em andamento	Após os eventos anteriores, a Seretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho de Juazeiro do Norte, convidou os povos de Terreiro para promoverem uma capacitação no município e esses indicaram os professores do projeto de extensão encontros e encantos para desenvolverem a capacitação da rede e indicaram a vivencia e as metodologias usadas no projeto enquanto referência de tabalho. No momento as proposta da Educação permanente está sendo elaborada
Publicação em capítulos de livro relatando as experiências do projeto	2017	1 – Os sentidos da Educação Popular: encontros e encantos em educação popular em saúde com povos de terreiro de matrizes africana em Juazeiro do Norte-CE. 2- Relatos e experiências do cotidiano com povos de terreiro do Cariri Cearense a partir da educação popular em saúde e direitos fundamentais.
Realização do I UBUTU	Outubro 2017	Encontro no centro universitário dr. Leão Sampaio durante um sábado que agregou mesas redondas compostas por representantes dos Terreiros, da gestão municipal, da justiça e da academia para discutir direito a diversidade e formas de enfrentamento das violências relacioandas ao racismo e ao racismo religioso
II Afroquermesse	Novembro de 2017	Em construção

Criação do conselho de igualdade racial	2018	<p>A construção desse conselho em Juazeiro do Norte, agregará representantes das diversas secretarias do governo e no âmbito da saúde visa garantir a execução da Política Nacional de Atenção Integral da Saúde da População Negra. Os povos de terreiro indicaram o nome da coordenadora do projeto encontros e encantos para representar o setor saúde no conselho.</p> <p>A formalização desse conselho aconteceu por meio de projeto de Lei aprovado na câmara de Vereadores do município e efetivou-se por meio da eleição de conselheiros e conselheiras.</p>
Criação do Núcleo de Educação para a Promoção da Igualdade Racial – NEPIR	2018	<p>Esse núcleo foi aprovado no organograma da gestão pela câmara municipal de vereadores e tem a missão de: Fomentar e promover a igualdade racial, fortalecendo, elaborando e acompanhando a efetivação das políticas públicas para a garantia de direitos e o fortalecimento das identidades étnicas raciais em Juazeiro do Norte-CE.</p>
Apresentações de trabalhos em eventos científicos	2016/ 2017	<p>1 - III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar</p> <p>10 a 13 de maio de 2016. Trabalho apresentado: <b>RODAS EDUCATIVAS: PROBLEMATIZANDO AS VIVÊNCIAS EDUCACIONAIS A PARTIR DO DIÁLOGO COM POVOS DE TERREIRO</b></p> <p><b>2 – II CONGRESSO INTERNACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA DO VALE DO PARNAÍBA. VI SEMINÁRIO DE ENSINO NA SAÚDE. TRABALHO APRESENTADO: EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: SAÚDE MENTAL DAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS DE MATRIZES AFRICANAS (COMUNICAÇÃO ORAL- PUBLICAÇÃO NA REVISTA INTERDISCIPLINAR CIÊNCIA E SAÚDE, VOLUME 4, NÚMERO 2, EDIÇÃO 2017.).</b></p> <p><b>3 – I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REDES DE ATENÇÃO À SAÚDE: COMPARTILHANDO SABERES E PRÁTICAS COM INTERLOCUÇÃO NA APS. EIXO TEMÁTICO 1: FORMAÇÃO E UNIVERSALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO EM</b></p>

		<p style="text-align: center;"><b>SAÚDE COLETIVA COM EIXO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE.</b></p> <p style="text-align: center;"><b>TRABALHO APRESENTADO: EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE EM ESPAÇOS RELIGIOSOS: ENCONTROS E ENCANTOS EM TERREIROS DE MATRIZES AFRICANA.</b></p> <p style="text-align: center;"><b>(TRABALHO PREMIADO)</b></p> <p>4 - VII Artefatos da cultura negra. Trabalho apresentado: AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: MOVIMENTOS SOCIAIS E LUTAS POLÍTICAS DENTRO DO TERRITÓRIO SAGRADO DE MATRIZES AFRICANA</p>
--	--	---

Fonte: Autora, 2018.

A atividade cultural foi realizada enquanto possibilidade de via de encantamento da academia pela comunidade ampliando os vínculos de integração de cuidado adequado as demandas da população. Esses dois verbetes assumem nessa proposição um posicionamento político de que somente no encontro verdadeiramente posto entre duas pessoas é que o diálogo pode se dar e que a humanização pode ser vivida plenamente. Somente no encontro pode acontecer o encantamento na perspectiva da filosofia africana discutida por MACHADO (2017, p. 89):

No seio dos terreiros de religiões de matrizes africana o encantamento é uma experiência efetiva e afetiva, dá-se na sua relação com o entorno, no cuidado de si para potencializar sua força vital, sua energia, seu axé...assim, aumentar ou diminuir essa força dependerá da capacidade de encantar-se e encantar outros/as. Encantar-se é agir com ética, com cuidado, com responsabilidade e desejo por outros mundos melhores.

Assim, a apresentação cultural realizada abrangeu: a dimensão ético-filosófica do SUS, as necessidades da formação em saúde, as competências desenvolvidas pelos

monitores, às necessidades humanas para a construção do projeto democrático e os outros princípios da educação popular em saúde.

### **3.5 OBJETIVOS:**

#### **Objetivo Geral:**

Compartilhar experiências de integração ensino-serviço-comunidade vividas durante o projeto de extensão “Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matrizes Africana em Juazeiro do Norte-CE”.

#### **Objetivo Específico:**

Refletir sobre possibilidades de intervenção integrada ensino-serviço-comunidade

promotoras de transformações e superação de desafios na realidade cotidiana do SUS;

Promover um espaço de produção de conhecimento no universo acadêmico com uso da oralidade advinda da cultura popular dos povos de Terreiros de Matrizes Africana como metodologia pedagógica;

Criar um espaço de escuta dos monitores de modo a problematizar a produção de conhecimentos científicos construídos no âmbito das vivências do projeto de extensão universitário embasados nos princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde.

### **3.6 METODOLOGIA:**

**Local:** jardim interno da UNILEAO campus Lagoa Seca

**Turno:**

<b>Matutino</b>	<b>Noturno</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Recital;</li><li>• Exposição de fotos, banner, trabalhos científicos produzidos durante a vigência do projeto de extensão;</li><li>• Contação de história</li><li>• Danças circulares: Roda de ciranda</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Danças circulares: roda de Afoxé</li></ul>

**Data:** 23 de agosto de 2018

**Etapas:**

1. Reunir-se com as coordenações dos cursos de direito, psicologia e serviço social para solicitar apoio para o evento



2. Reunir-se com os povos de Terreiros para pactuar a realização da atividade. Negociar que utilizem contações de histórias, partindo da sua tradição de oralidade, com base nas experiências vividas durante as rodas de conversas dos encontros. Essas contações podem ser regadas da musicalidade e do uso de indumentárias tradicionais.
3. Elaborar com os monitores uma proposta de apresentação cultural que problematize as narrativas das suas experiências durante o projeto de extensão com foco nas competências desenvolvidas.
4. No turno matutino: produzir dinâmica de acolhimento e recepção das pessoas, tomando a roda como elemento agregador e potente, utilizando-se de recital e contação de história, terminando essa etapa da vivência com uma ciranda.
5. Elaborar painéis de fotos para compor uma exposição dos momentos vividos durante o projeto. Essas fotos devem ser selecionadas pelos povos de terreiros, profissionais, monitores e docentes do projeto
6. Organizar uma exposição de livros, artigos e publicações que foram elaboradas durante a vivência do projeto de extensão.
7. Durante a apresentação, dispor colchonetes em roda sobre a grama do jardim, mantendo a representação da circularidade usada em todo o projeto.
8. Para o turno noturno: reservar caixa de som e microfones. Realizar a roda de Afoxé.

### **3.7 RESULTADOS:**

Iniciamos com a minha fala agradecendo a presença de todos e todas, especialmente, a do meu orientador, Jefferson Bernardes. Senti-me muito feliz dele ter viajado uns 600 km e poder estar ali naquele momento tão significativo para todos nós que vivemos o projeto. Certamente, a presença dele gerou expectativas nos monitores de querer mostrar uma fagulha do que vivemos durante os 24 meses do projeto. Com a chegada do público essa expectativa foi se expandindo. Parecia que havia um grito silencioso, “vivam conosco um pouco do que vivemos”, num misto de altruísmo e vaidade. Parecia que ter vivido essa experiência havia nos tornado um pouco mais especiais na vida. Não sei se de fato temos propriedade de nós sentirmos especiais naquele momento, mas com certeza após experiência do projeto de extensão e da apresentação cultural, não éramos mais os mesmos.

Mas, sentíamos também saudade e falta, pois alguns dos monitores que nos acompanharam no percurso não puderam comparecer, pois já colaram grau e estavam em outros caminhos: mestrado, residência e trabalho. Contudo, sentíamo-nos gratificados, pois via redes sociais todos tinham contribuído na composição daquele momento: separando fotos, trabalhos, confeccionado banner, sugerindo poesias e ornamentação. Pela manhã num grupo de mídia social que compartilhamos, todos enviaram felicitações. Parecia que estávamos longe fisicamente, mas em uma mesma sintonia.

Logo após os agradecimentos que situou o público no sentido da apresentação, recitei uma poesia a pedido de um dos monitores que não pode estar presente. A escolha dos versos esteve relacionada ao encontro identitário que ele viveu com suas origens no âmbito do projeto e ao fato de ter percebido que poderia fazer ciência dentro dos Terreiros sem precisar objetificar o outro e, mais, que poderia ir enquanto acadêmico ao Terreiro simplesmente enquanto pessoa que encontra com outras pessoas em uma roda de conversa e vive a educação popular em saúde. A poesia é da escritora Conceição Evaristo:

Tenho a impressão que as palavras não serão suficientes para abarcar a dimensão do vivido no dia da realização dessa atividade. Primeiramente, o fato de haver na grama almofadas coloridas, toalha com livros, artigos e objetos expostos e um varal com fotos em preto e branco, chamou a atenção do público por fugir a representação comum do que se ver em trabalhos na academia.

### **Encontrei minhas origens**

Conceição Evaristo

Encontrei minhas origens  
em velhos arquivos  
..... livros  
encontrei  
em malditos objetos  
troncos e grilhetas  
encontrei minhas origens  
no leste  
no mar em imundos tumbeiros  
encontrei  
em doces palavras  
..... cantos  
em furiosos tambores  
..... ritos  
encontrei minhas origens  
na cor de minha pele  
nos lanhos de minha alma

em mim  
em minha gente escura  
em meus heróis ativos  
encontrei  
encontrei-as enfim  
me encontrei  
Filhos na rua  
O banzo renasce em mim.  
Do negror de meus oceanos  
a dor submerge revisitada  
esfolando-me a pele  
que se alevanta em sóis  
e luas marcantes de um  
tempo que aqui está.

O banzo renasce em mim  
e a mulher da aldeia  
pede e clama na chama negra  
que lhe queima entre as pernas  
o desejo de retomar  
de recolher para  
o seu útero-terra  
as sementes  
que o vento espalhou  
pelas ruas...

Em seguida, a monitora Jéssica Salvador recitou uma poesia que, para ela, representava o fato de ter se fortalecido no projeto, de ter ampliado a consciência de si mesma, de ter podido encontrar nas mulheres negras do Terreiro aspectos da sua ancestralidade, de empoderamento, de reconhecimento da sua negritude. Ao escolher os versos ela relatava temer ficar emocionada e chorar durante o recital, pois aqueles versos diziam muito sobre ela e foram escritos pela compositora, coreógrafa e desenhista, expoente da arte afroperuana Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra. Uma outra mulher negra que ela teve contato durante o projeto de extensão e a mobilizou no compromisso social e no espelhamento pessoal.

Esse poema tem sido recitado no mundo todo e ganhado espaço nas mídias sociais enquanto bandeira na luta contra o racismo. Ele expressa o cotidiano de que todo negro vive, ou já viveu, e reflete a interiorização de uma autoimagem que nega sua autoestima. Contudo, no decorrer dos versos, há uma crescente recitação da palavra “negra”, que começa como características de insulto, se vai se transformando em afirmação valorosa da identidade e da humanidade negra.

## Gritaram-me negra

Victoria Santa Cruz

Tinha sete anos apenas,  
apenas sete anos,  
Que sete anos!  
Não chegava nem a cinco!  
De repente umas vozes na rua  
me gritaram Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!  
“Por acaso sou negra?” – me disse  
SIM!  
“Que coisa é ser negra?”  
Negra!  
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.  
Negra!  
E me senti negra,  
Negra!  
Como eles diziam  
Negra!  
E retrocedi  
Negra!  
Como eles queriam  
Negra!  
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos  
e mirei apenada minha carne tostada  
E retrocedi  
Negra!  
E retrocedi . . .  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Neeegra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
E passava o tempo,  
e sempre amargurada  
Continuava levando nas minhas costas  
minha pesada carga  
E como pesava!...  
Alisei o cabelo,  
Passei pó na cara,  
e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Neeegra!  
Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que ia cair  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Negra!  
E daí?

E daí?  
Negra!  
Sim  
Negra!  
Sou  
Negra!  
Negra  
Negra!  
Negra sou  
Negra!  
Sim  
Negra!  
Sou  
Negra!  
Negra  
Negra!  
Negra sou  
De hoje em diante não quero  
alisar meu cabelo  
Não quero  
E vou rir daqueles,  
que por evitar – segundo eles –  
que por evitar-nos algum dissabor  
Chamam aos negros de gente de cor  
E de que cor!  
NEGRA  
E como soa lindo!  
NEGRO  
E que ritmo tem!  
Negro Negro Negro Negro  
Negro Negro Negro Negro  
Negro Negro Negro Negro  
Negro Negro Negro  
Afinal  
Afinal compreendi  
AFINAL  
Já não retrocedo  
AFINAL  
E avanço segura  
AFINAL  
Avanço e espero  
AFINAL  
E bendigo aos céus porque quis Deus  
que negro azeviche fosse minha cor  
E já compreendi  
AFINAL  
Já tenho a chave!  
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO  
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO  
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO  
Negra sou!

Ao terminar de recitar, pareciam que todos estavam meio paralisados. Certamente um poema forte que deve ter despertado lembranças diversas no público. Eu já estava emocionada. Relembrei de vivências da infância e adolescência e de como eu gostaria de naquela época ter a mesma autoafirmação que tenho hoje. Fiquei procurando em que momento da minha vida eu me descobri valorizada enquanto mulher negra. Emocionei-me ao lembrar da minha primeira gravidez, quando não pude mais colocar química no cabelo para alisar, e tive que cortá-lo. Ver o olhar de carinho e admiração do meu companheiro, foi uma das coisas que me levou a pensar que poderia me sentir bonita sem alisar o cabelo. Depois que não fiz mais isso, percebi o quanto nunca precisaria ter feito.

Depois a entrada no projeto também me foi muito empoderador. Aprendi com as mulheres do Terreiro a usar turbante. A receptividade e o acolhimento deles comigo dizia-me silenciosamente, você tem um lugar aqui. Sei que já conquistei muitos lugares na vida, vários até que nem acreditava conseguir, mas aquele território pareceu-me diferente, não o conquistei, fui conquistada pelas pessoas de lá. Parecia especial, ancestral, uma pequena representação de lutas, de resistências, de quilombo. Por que só pude encontrá-lo nesse momento da minha vida? Nunca o busquei por acreditar que lá só deveriam ir quem tivesse ideais religiosos. Hoje sei que posso ir independente de qualquer vinculação religiosa, pois encontros genuínos podem acontecer em qualquer lugar. Todas essas lembranças que narrei passaram como um filme em minha memória enquanto ouvia a voz forte, verdadeira e imponente da Jéssyca Salvador.

Então, chegamos ao momento da contação de história, a qual foi preparada afetuosamente e dedicadamente por Jéssyca Diniz. Nesse momento ela colocou-se no meio do círculo, com suas vestes características, o seu rosto pintado e um tecido amarrado nas bordas, gerou curiosidade e expectativas na plateia, enquanto ela contava, as pessoas pareciam arrebatadas pela história, era a magia da pedagogia da oralidade africana. Esse encantamento tornava-se mais intenso quando ela tocava a Kalimba. Um som nunca ouvido pelo público, inclusive por mim. Ela escreveu especialmente para esse momento o conto do “Verbo Ser”. Ao final da apresentação, meus olhos lagrimaram quando ela me deu um abraço e disse que havia feito pensando em mim, pois o projeto de extensão tinha sido um caminho de libertação. Jamais imaginei ouvir algo tão significativo e belo naquele dia.

## **Conto: Verbo Ser**

Autora: Jéssyca Diniz

graduada em música, mestra em educação, contadora de histórias e participante do projeto enquanto Filha de Santo de um dos Terreiros de matrizes Africanas

“Em um tempo muito distante em terras africanas, habitava o verbo Ser, esse verbo era cheio de características próprias e de profunda e plural beleza, podendo estar ora como rio, ora como vento; terra ou ainda como ar. O verbo Ser ainda trazia consigo a possibilidade de se auto misturar entre todos esses elementos. Ao mesmo tempo, esse verbo vivia livre, cantava, dançava, brincava e tocava o seu instrumento de saudação a natureza por onde passava, a sua kalimba. E esse instrumento tinha o formato de um útero, pois a sua principal função além de acompanhar e alegrar o verbo Ser, era garantir a fertilidade do mundo em que vivia, então, toda vez que, a natureza ouvia o som da kalimba, tanto um novo ciclo era iniciado, como também a revitalização e reconexão do mundo acontecia de forma cíclica e profunda.

Naquele mesmo tempo, e não muito distante dali, habitava o verbo Oprimir, esse admirava tanto o verbo Ser que queria ser como tal, mas não tinha habilidades suficientes e nem nada parecido com o verbo Ser. Com o tempo, essa admiração passou a virar raiva, depois um profundo rancor e, em seguida, ódio, a ponto de querer destruir e apagar tudo que memorasse o verbo Ser. Então numa estratégia bem articulada e planejada, o verbo Oprimir captura o verbo Ser e o tranca dentro de um porão frio de navio e o leva para bem longe, bem longe mesmo, onde o verbo Ser não fosse admirado e nem amado pela natureza.

Durante a captura, não deu tempo do verbo Ser se despedir de nada, e levou no seu coração um profundo sentimento de saudade, a sua kalimba e dentro do seu ventre um fruto. Durante a viagem tratou de esconder a kalimba, leva-la consigo foi um ato de coragem, não a tocava, apenas a contemplava a noite, tinha imenso medo de que a tirassem dele. Ao chegar, em um tempo muito distante do seu, tratou logo de esconder a kalimba em um local seguro, e torcendo diariamente para e o seu fruto Renascer, já que foi arrancado para tão longe.

Aprisionado pelo verbo Oprimir, tudo que tentou refazer naquele tempo presente, o verbo Oprimir tratava de negar e deslegitimar, desse modo, o verbo Ser ao tentar dançar para se alegrar recebia um NÃO Ser; ao tentar cantar riam e diziam NÃO Ser, quanto tentava falar ou ocupar algum espaço, novamente recebia um NÃO Ser, isso fez com que fosse se entristecendo aos poucos.

Tempos depois quando o verbo Ser estava totalmente imergido pelo NÃO, e próximo a ser totalmente apagado da face da terra, o verbo Renascer que foi afastado do verbo Ser logo ao vir ao mundo, sentia-se só e triste, vagava por aquele tempo e de tanto ouvir história do NÃO Ser, não encontrava sentido na vida. Porém um dia, ao saber de uma história dos antepassados do verbo Ser, ficou sabendo que existia um instrumento místico, que em tempos passados quando tocada, ajudava a criar vida e embelezar mais e mais ainda a natureza e todas as suas essências.

Então o verbo Renascer saiu loucamente e com objetivo de encontrar a kalimba, de tanto andar encontrou o verbo Ser, mas não o reconheceu de imediato pois haviam tantos NÃO na sua frente que demorou muito a perceber que ali eram: essência, descendência e ancestralidade juntos. Foi então que o verbo Ser contou de fato a história da kalimba e todo o seu poder de prosperidade e paz que gerava. O verbo Ser contou, mas sugeriu que não tocasse a kalimba pois o verbo Oprimir poderia se irritar e capturar o verbo Renascer, assim como fez com o verbo Ser.

Mas o verbo Renascer não deu muita atenção a essa parte da história e, assim, ao encontrar a kalimba tratou de apresentar logo esse som a natureza desse tempo, de senti-lo e fez Renascer no verbo Ser toda aquela sentimentalidade de alegria, força, paz e prosperidade. Conseguiram fugir do verbo Oprimir e, desde então, o verbo Ser, luta para não dar ouvidos ao NÃO, que vive correndo atrás querendo tomar a frente do Ser, o verbo Renascer habita entre a natureza do Ser e da sonoridade mística da Kalimba, apresentando a todos os tempos, a possibilidade que Renasce sempre quando se procura e se silencia para ouvir o Ser que habitou a nossa natureza do passado”.

Por fim, o nervosismo parecia me invadir, iria puxar uma roda de ciranda (apêndice C - P. 94). Nunca havia dançado na Faculdade. Mas não poderia terminar algo tão representativo sem uma dança circular. Parecia que dançar iria levar para o movimento todos os sentimentos de empoderamento, de construção compartilhada de saberes e de alegria por estarmos levando um pouquinho da nossa vivência no projeto para as demais pessoas da instituição. A música escolhida não podia ser outra, Minha Ciranda na voz de Lia de Itamaracá.



## **Minha ciranda**

Minha ciranda não é minha só  
Ela é de todos nós  
A melodia principal quem  
Guia é a primeira voz

Pra se dançar ciranda  
Juntamos mão com mão  
Formando uma roda  
Cantando uma canção

À noite, o grupo de afoxê apresentou-se no pátio em frente ao auditório principal. A sua chegada atraiu os olhares, por estar adentrando a academia um grupo de pessoas vestidas com indumentárias caracteristicamente africanas. Havia um misto de curiosidade e ansiedade para iniciar a roda de afoxé (apêndice E – página 94). Ao som dos atabaques e da exuberante voz da Mãe Herlania (apêndice F – página 94) acompanhada da sua família de santo do Terreiro: Ile Axe Omimdadereci Y Mutalegi, iniciamos as músicas.

A comunidade presente ficou na posição de um círculo, mas tentavam fazer alguns passos e buscavam se espelhar em algumas pessoas que dançavam. Foi quando a dois filhos de santo foram para o centro do e me convidaram para fazermos uma roda. A comunidade se espelhou nos passos deles e começamos a circularidade da dança, por fim, estávamos em um só passo: academia-ensino-serviço, embalados pelo som dos atabaques e das musicalidade africana. O semblante dos presentes era de encantamento.

A realização do produto nos levou a estarmos um com outro, a produzirmos saberes sem nós tornarmos objetos da ciência e sem objetificarmos o outro. Aprendemos: sobre ciranda e afoxé, aprendemos mais ainda a pegar na mão, a brincar, a sorrir e andar no mesmo passo, um ao lado do outro e dentro da academia. Aprendemos a ouvir, o que nunca tínhamos ouvido sem perguntar qual o autor, e assim a oralidade se fez pretagogia nas músicas e símbolos presentes nelas e no conto. Aprendemos pela sensibilidade empática com quem fala a sentir a negritude nos poemas sem nos escondermos por traz de uma teoria. Mas também aprendemos que a academia para viver tudo isso não precisa abrir mão da produção acadêmica, pois nos deparamos com trabalhos científicos apresentados, publicados e um premiado em congresso internacional. Todos resultantes das vivências do projeto de extensão. Aprendemos que academia-ensino-serviço não são antagônicos e que o serviço não é o lugar para executar uma prática, sentimos ali que todos estavam no mesmo espaço, enquanto contínuos singulares e possíveis da vida.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução N.3, de 20 de junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 jun. 2014, sessão I, pag. 08.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do ministro. Parecer CNE/CES n. 62 de 19 de fevereiro de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília: DF. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces062\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces062_04.pdf)

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. **Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília, 2013.

FONTOURA, Pâmela Amaro; SALOM, Julio Souto; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Sopapo Poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 49, p. 153-181, 2016.

MACHADO, A. F. **Filosofia africana: ancestralidade e encantamento para bem viver (descolonização, empoderamento e direito)**. In: MELO, M. Â. S. de et.al (Org.) *Epistemologias em confronto no direito: reinvenções, ressignificações e representações a partir da interdisciplinaridade*. Livro comemorativo dos 5 anos do LIEV. Editora CRV. Curitiba. 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Na dança e na educação: o círculo como princípio. *Educação e Pesquisa*, v. 35, n. 1, p. 177-193, 2009.

SEPÚLVEDA, L. O.. **A palavra é sua! Os Jovens e os Saraus Marginais em Belo Horizonte**. 2017. Dissertação (Mestrado em conhecimento e inclusão social em educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2017.

SILVA, F. G. et. al. Saraus Contemporâneos: a importância dos saraus como espaço político de socialização. **Cadernos CESPUC**. Nº.29. 2016. P. 150 – 167.

SOUZA, Solange Gibin Roeles de. *Ensino da história e cultura afrobrasileira e africana através de contos africanos*. 2012.

TENNINA, L. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Nº. 42, 2013, p. 11-28.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO ACADÊMICO

A integração ensino-serviço-comunidade aconteceu no projeto de extensão enquanto encontros constantes consigo mesmo e com o outro, tanto nos espaços da academia quanto nos espaços dos Terreiros de religiões de matrizes africanas, o que foi possibilitado pelo embasamento nos princípios da política nacional de educação popular em saúde: amorosidade, diálogo, compromisso com a construção do projeto democrático popular, construção compartilhada de conhecimentos, problematização e emancipação. Esses princípios foram vivenciados utilizando-se de metodologias significativas, tais como: rodas de conversas e teatro do oprimido. E foram propusoras para o desenvolvimento de competências.

Ao discutirmos competências não tivemos nenhuma pretensão de traçar um conceito específico, mas sim, de deslocá-la dos fazeres para os compromissos assumidos enquanto sujeitos sociais. Então compreendemos as competências para a formação em saúde enquanto manifestações autênticas demonstrativas de que o sujeito estar em compromisso com uma sociedade equânime, traduzida em ações conscientes em prol da consolidação do SUS.

Os discursos dos monitores do projeto de extensão Encontros e encantos: educação popular em saúde com povos de terreiros de matrizes africanas em Juazeiro do Norte –CE, na pesquisa por intermédio de uma roda de conversa sobre as suas experiências, remeteram a formação das seguintes competências: cuidado, diálogo, educação permanente, ética, processos democráticos de autogestão, pactuação de compromissos. Essas não são antagônicas as propostas nas diretrizes curriculares nacionais (Atenção à Saúde; Tomada de Decisão; Comunicação; Liderança; Administração, Gerenciamento; Educação Permanente) contudo são mais abrangentes e remetem a aspectos de humanização nas relações.

A humanização nas relações de trabalho e cuidado em saúde são metas para um processo formativo adequado as necessidades da saúde. Essa reorientação depende de metodologias, mas não só delas. Percebemos que o fator mais relevante no projeto de extensão para o desenvolvimento de competências fundamentais foi embasamento no compromisso com o projeto democrático popular e a emancipação, sendo esses sustentados pelo diálogo e a amorosidade, os quais se desenvolveram por meio da problematização e da construção compartilhada de conhecimentos. Assim, resta-nos afirmar que a metodologia enquanto técnica por si só não é garantia de reordenamento no

processo formativo em saúde, a não ser que estejam pautadas em posicionamentos-éticos políticos equânimes.

Viver a integração ensino-serviço-comunidade é ultrapassar os muros da academia não só no sentido físico do lugar, mas no sentido subjetivo de lugar de suposto saber, de supremacia da razão e dominação. É se permitir construir saberes com a população e com a valorização dos seus saberes. Não é somente ir na comunidade, é se reconhecer nela, sobretudo é se reconhecer enquanto sujeito, é emancipar-se da objetificação da ciência. Assim, enquanto produto dessa pesquisa, realizamos uma atividade cultural na UNILEAO, com a qual aprendemos por intermédio da oralidade, das danças circulares, das cantigas, aprendemos por meio da afetação, aprendemos especialmente a fazermos um encontro genuíno e integrador.

A construção de um trabalho acadêmico nos mobiliza em zonas de desconfortos, inquietações e descobertas. Impossível permanecer no mesmo lugar. Após esse trabalho não sou mais a mesma docente. Houve uma ampliação do meu compromisso com o processo formativo enquanto possibilidade de transformação.

## REFERÊNCIAS GERAIS

ARAGAKI, Sérgio Seiji; PIANI, Pedro Paulo e SPINK, Mary Jane. Uso de repertórios linguísticos em pesquisas In: SPINK, Mary Jane Paris; et al. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-producao-de-informacao-na-pesquisa/> Acesso em 27 de dez. 2016

BARBOSA, Inês; FERREIRA, Fernando Ilídio. Teatro do Oprimido e projeto emancipatório: mutações, fragilidades e combates. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 2, p. 439-463, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*; tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BERNARDES, J. et al **A roda de conversa como dispositivo ético-político na pesquisa social**. In: LANG, C.E. et al. (Org). *Metodologias; pesquisa em saúde, clínica e práticas psicológicas*. Alagoas - Maceió: EDUFAL, 2015.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, C. R.; ASSUMPCÃO, R. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

BRASIL, Lei No. 8080/90, de 19 de setembro de 1990. Brasília: DF. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8080.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm) Acesso em 27 de dez. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução N.3, de 20 de junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 jun. 2014, sessão I, pag. 08.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução N.3, de 20 de junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 jun. 2014b, sessão I, pag. 08.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n o 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23\\_out\\_versao\\_final\\_196\\_ENCEP2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf). Acesso em: 04 Set. 2016

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 1.133/2001, de 7 de agosto de 2001**. Diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e nutrição. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1133.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do ministro. Parecer CNE/CES n. 62 de 19 de fevereiro de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília: DF. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces062\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces062_04.pdf)

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do ministro. Parecer CNE/CES n. 62 de 19 de fevereiro de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília: DF. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces062\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces062_04.pdf)

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. **Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. **Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde**. Ministério da Saúde, Secretariade Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. - Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Situação em Saúde. **Saúde Brasil 2013: Uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionados à pobreza**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BROSE, Markus. **Metodologia participativa** : uma introdução a 29 instrumentos /Markus Brose (Org.). – 2. ed. – Porto Alegre : Tomo Editorial, 2010.

CARVALHO, M. M. de, PINHEIRO, D. V. de L. **Liberdade religiosa e direitos humanos: uma análise sobre a caminhada contra a intolerância religiosa em Juazeiro do Norte-CE**. In: MELO, M. Â. S. de, et al(org). Epistemologias em confronto no direito: reinvenções, ressignificações e representações a partir da interdisciplinaridade. Livro comemorativo dos 5 anos do LIEV. Editora CRV. Curitiba. 2017.

CECCIM, Ricardo Burg. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. 2005.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. 2. reimp. São Paulo: Ática, 2000.,

CORDEIRO, Mariana Prioli et al. Como pensamos ética em pesquisa. A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas, p. 31-56, 2014.

CUNHA, G. T. A construção da clínica ampliada na Atenção Básica. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. 20 de novembro de 1923 – postulados da linguística. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

DELORS, Jacques et al. **Educação**: um tesouro a descobrir–Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI. 1996

DIEHL, Rafael; MARASCHIN, Cleci; TITTONI, Jaqueline. Ferramentas para uma psicologia social. Psicologia em estudo. Maringá. Vol. 11, n. 2 (maio/ago. 2006), p. 407-415., 2006.

FONTOURA, Pâmela Amaro; SALOM, Julio Souto; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Sopapo Poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 49, p. 153-181, 2016.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. Petrópolis, 1993.

GALVÃO, Bruno Abilio. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. Intuitio, v. 7, n. 1, p. 157-168, 2014.

GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. (orgs). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em:

<[http://www.ece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_metodos\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.ece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_metodos_de_pesquisa.pdf)

> Acesso em: 23 de Ago. 2016.

JURDI, Andrea Perosa Saigh et al. Revisitar processos: revisão da matrizes curricular do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, 2017.

LÉVINAS, E. Totalidade. Infinito. Lisboa: Ed, v. 70, 2000.



MACHADO, A. F. **Filosofia africana: ancestralidade e encantamento para bem viver (descolonização, empoderamento e direito)**. In: MELO, M. Â. S. de et.al (Org.) Epistemologias em confronto no direito: reinvenções, ressignificações e representações a partir da interdisciplinaridade. Livro comemorativo dos 5 anos do LIEV. Editora CRV. Curitiba. 2017.

MATTA, Gustavo Corrêa; MOROSINI, Márcia Valéria Guimarães. **Atenção à saúde**. PEREIRA, Isabel Brasil et al. Dicionário da educação profissional em saúde. EPSJV, 2008.

MEDEIROS, J. D. **Experiências musicais e educação de terreiros: uma vivência observativa em um terreiro de candomblé de juazeiro do norte** In: MELO, M. Â. S. de et.al (Org.). Saberes e dizeres no cariri cearense: gênero, religiosidades, africanidades e segurança pública. Livro comemorativo dos 4 anos do liev. Editora CRV. Curitiba. 2017. 2016.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane e MÉLLO, Ricardo Pimentel. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas, In: SPINK, Mary Jane Paris; et al. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-producao-de-informacao-na-pesquisa/> Acesso em 27 de dez. 2016.

MÉLLO, R.P.; Silva, A.A.; LIMA, M.L.C.; Di PAOLO, A.F. “Construcionismo, Práticas Discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia & Sociedade**; 19 (3): 26-32, 2007

MELO, Emerson. Da natureza afro-religiosa: a (re)significação espacial dos terreiros de candomblé em São Paulo. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, 2007

MERHY EE, CECCIM RB. **A clínica, o corpo, o cuidado e a humanização entre laços e perspicácias**: a educação da saúde nas práticas profissionais e a Política Nacional de Humanização [Internet]. Niterói: UFF; [acesso 2009 Set 2]. Disponível em: <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/#indexados>.

MIGUEL, Iván Silva; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. O ENFOQUE POR COMPETÊNCIAS EM EDUCAÇÃO: PROBLEMATIZANDO A EXPERIÊNCIA EUROPEIA.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. **Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, Abr. 2014. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232014000401103&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000401103&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 Abr. 2016.

MORENO, Jacob Levy; **Psicodrama**. 16ª edição. São Paulo: Editora Cultrix: 2008.

NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; TAVANTI, Roberth Miniguine e PEREIRA Camila Claudino Quina. O uso de mapas dialógicos como recurso Analítico em pesquisas científicas In: SPINK, Mary Jane Paris; et al. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/a-producao-de-informacao-na-pesquisa/> Acesso em 27 de dez. 2016

NERES, J. M., Et.al. **Negro e negritude**, Volumes 2. 3 ed. Edições Loyola, 1999.

NESPOLI, G. **Da educação sanitária à educação popular em saúde**. In: Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde: textos de apoio / Organização de Vera Joana Bornstein... [et al.]. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2016. Disponível em: [http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/cad\\_texto\\_edpopsus.pdf](http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/cad_texto_edpopsus.pdf)

OLIVEIRA, P. C.; CARVALHO, P. Alguns elementos da antropologia de Paulo Freire. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**. Volume 04 - Número 10 - Ano 2012. Disponível em: <[http://theoria.com.br/edicao10/alguns\\_elementos\\_da\\_antropologia\\_de\\_paulo\\_freire.pdf](http://theoria.com.br/edicao10/alguns_elementos_da_antropologia_de_paulo_freire.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2016.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Na dança e na educação: o círculo como princípio. *Educação e Pesquisa*, v. 35, n. 1, p. 177-193, 2009.

PEDROSA, J. I. dos S. **Educação Popular no Ministério da Saúde**: identificando espaços e referências. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação popular e saúde. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. DF.Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

PINHEIRO, R. **Cuidado em saúde**. In: PEREIRA, Isabel Brasil et al. Dicionário da educação profissional em saúde. EPSJV, 2008.

RESOLUÇÃO, C. N. E. CES nº 5, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes.

SACRISTÁN, José Gimeno. *Educar por competencias, ¿qué hay de nuevo?*. Ediciones Morata, 2008.

SAMPAIO, J. et al. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface – Comunicação, saúde, educação (Botucatu)**. Vol.18. Supl.2. Botucatu:2014.

SEPÚLVEDA, L. O.. **A palavra é sua! Os Jovens e os Saraus Marginais em Belo Horizonte**. 2017.Dissertação (Mestrado em conhecimento e inclusão social em educação). Universidade Federal de Minas Gerais.Minas Gerais, 2017.

SILVA, F. G. et. al. Saraus Contemporâneos: a importância dos saraus como espaço político de socialização. **Cadernos CESPUC**. Nº.29. 2016. P. 150 – 167.

SIMON, Eduardo et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem e educação popular: encontros e desencontros no contexto da formação dos profissionais de saúde. *Interface- Comunicação, Saúde, Educação*, v. 18, p. 1355-1364, 2014.

SOUZA, Solange Gibin Roeles de. Ensino da história e cultura afrobrasileira e africana através de contos africanos. 2012.

SPINK, M. J. P. e FREZZA, R. M. **Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social**. In: SPINK, M. J. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. edição on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais . Ipanema,Rio de Janeiro. 2013

SPINK, Mary Jane P. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. *Psico (Porto Alegre)*, p. 7-22, 2000.

Spink, P. K. “O pesquisador conversador no cotidiano” *Psicologia & Sociedade*; 20, Edição Especial: 70-77 2008

STRECK, D.R et al. **Educação Popular e Docência**. São Paulo: Cortez, 2014.

TENNINA, L. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Nº. 42, 2013, p. 11-28.

UNILEÃO. Regimento interno. Disponível em: <http://leaosampaio.edu.br/secretaria>. Acesso em: 02/11/2017

VASCONCELOS, E. M. ; VASCONCELOS,; M. O. D.; SILVA , M. O. da . Contribuição da educação popular para a reorientação das práticas e da política de saúde no Brasil. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 24, n. 43, p. 89-106, jan./jun. 2015. A

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular: de uma Prática Alternativa a uma Estratégia de Gestão Participativa das Políticas de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 14(1):67-83, 2004.

## **APÊNDICE**

APÊNDICE A- Logomarca do III Congresso de Psicologia do Cariri



APÊNDICE B - Contação de histórias



APÊNDICE C - Ciranda



APÊNDICE D - Jessyca Diniz – contadora de histórias



APÊNDICE E - Roda de Afoxé



APÊNDICE F - Mãe Herlania cantando na roda



## APÊNDICE E - Mapa dialógico

PRINCÍPIO DA PNEPS/ISIS – DIALOGO: é o encontro de conhecimentos construídos historicamente e culturalmente por sujeitos, ou seja, o encontro desses sujeitos na intersubjetividade, que acontece quando cada um, de forma respeitosa, coloca o que sabe à disposição para ampliar o conhecimento crítico de ambos acerca da realidade, contribuindo com os processos de transformação e de humanização	DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
<p>Que experiências tiveram? O que vocês fazem? O que vocês viveram nesse projeto?</p> <p>Como foi para você participar do projeto de extensão?</p> <p>Isso que me instigou muito a participar do projeto até o fim</p> <p>Como já bem sabemos, mas cara aquela questão da falta que você mencionou, saber que ele está acabando desse um ano de convivência eu fiquei com vontade de saber um pouco do que você aprendeu para você, assim para sua vida...</p> <p>fala das questões burocráticas?</p> <p>assim tipo: Olha antes disso eu acho que existia isso depois disso eu acho que tal coisa mudou em mim. A partir desse momento que você tava falando você consegue chegar nisso ou não?</p> <p>E mais, enquanto o projeto, também, além da minha vivência no campo de experiência pessoal Com Paulo Freire eu tinha um certo contato.</p> <p>Sim... acho que o momento, que o momento que eu mais vi isso acontecer foi no encontro que teve no crajubar.</p> <p>olha eu vi realmente a educação popular, quando eu sei, mas eu era apenas um mediador</p> <p>Eu falei: não, aí, é um projeto, a gente trabalha com Educação Popular em Saúde.</p> <p>A minha experiência no projeto desde o início...</p> <p>não há um dia que eu não pense: se fosse no projeto...</p> <p>uma troca autêntica e sincera das experiências com os povos de terreiro e na nossa experiência como universitários estavam lá</p> <p>construir dentro do diálogo falando com eles das nossas experiências estando ou não dentro do terreiro, que a gente via outros universitários da filosofia, da história, da Letras das poses, cientificando, racionalizando tudo.</p> <p>Você concluiu uma coisa que você aprendeu. Eu passei a entender como o outro deve ser tratado, assim: O que das nossas vivências te levou a perceber, assim como o outro deve ser tratado, né. Aí você falou assim que achava que o outro deveria ser tratado como sujeito, assim. Como foi que isto chegou para você?</p> <p>Hunnum. É por que, é... no começo da faculdade, que foi quando eu entrei no projeto</p> <p>A gente chega no campo, numa escola por exemplo, reunir um grupo, sugar as informações, independentemente da reação que as pessoas ali vão ter, que os alunos ali, as crianças, os adolescentes ali vão ter, independentemente do que eles estão falando, do que eles vão sentir, da consequência daquilo. Se eles vão ter apoio pra falar disso depois, aí a gente suga, bota no relatório, mistura com a teoria, de uma pessoa a que não escreveu nada sobre a situação daqui, do Juazeiro, do Carri. Manda pra professora, ela dá uma nota, trata a pessoa como objeto e que particularmente este semestre eu falei isso e um dos meus trabalhos e a proposta era fazer isso.</p>	<p>Experiências, participar, instigou, convivência, vontade, contato, vi, encontro, mediador, troca autêntica, conhecimento de vida, mudou em mim, sincera,</p> <p>educação popular em saúde, universitários, cientificando, racionalizando, aprendeu, reunir, grupo, projeto de extensão, fundamentar a escuta e o olhar, conhecimento acadêmico, artigo, ganhar o prêmio academia, monitor, estudos, saber da psicologia, arcabouço epistemológico, Paulo Freire ético, construir, pressupostos éticos, sobre esse olhar, perceber, outro, deve ser tratado, sujeito, sugar, apoio, bota no relatório, mistura com a teoria, objeto, importância, participante, práticas, pensando, outro saber,</p> <p>construído socialmente, tem para dar ao outro, trocas mútuas de saberes, hierarquizar saberes, espaço</p>	<p>Formação profissional e pessoal</p>	<p><b>diálogo,</b> <b>educação permanente,</b> <b>ética</b> <b>dialógica,</b> <b>Pactuação de compromissos</b></p>	





PRINCÍPIO DA PNEPSISUS – DIALOGO: é o encontro de conhecimentos construídos histórica e culturalmente por sujeitos, ou seja, o encontro desses sujeitos na intersubjetividade, que acontece quando cada um, de forma respeitosa, cobra o que sabe à disposição para ampliar o conhecimento crítico de ambos acerca da realidade, contribuindo com os processos de transformação e de humanização	DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
	<p>           Aí a minha avó era de terreiro, ela era mãe de santo em Santiago em Fortaleza, então, assim, quando ela perguntou, aí começou, assim, então ela não me deixava entrar no terreiro. Digo ela tinha a casa da frente. E ainda na época que o terreiro ficava nos fundos da casa. E eu lembro muito porque o então foi a primeira coisa quando eu cheguei no terreiro que eu escutei, aí veio, assim, aquela memória de séculos e séculos. Aí? Geniel? Falei assim: ...aí eu lembrei imediatamente da minha avó, que ela era bem brava, como seria se fosse viva hoje            Porque eu acredito que ela nos resguardava, de certa forma, justamente para não haver essa tensão entre os parentes            aí fez um F5 de trazer à memória da minha avó pro presente. Se ela fosse viva hoje, como ela está engajada nesse movimento, ouvindo neto dela aqui.            Entendeu? Porque minha família sabe, porque minha família Cristã, porque sempre quando eu vou lá as fotos no Facebook, a gente costumava compartilhar, aí perguntaram: ah tu tá envolvido com macumba?            É tipo... é porque querendo ou não, esses povos, essas matrizes africanas sempre ocuparam o fundo das cidades, tinha um certo lugar reservado para eles.            aí eu tenho um tio que ele ainda é, porque ele ficou com essa Herança da minha avó, e ele dentro do meu sistema familiar ele, assim, não participa. (sabe?)            porque assim, como eles são evangélicos e testemunhas de Jeová. Éээээ... o meu tio quando ia lá, éээээ, a minha irmã chegava a proibir o meu tio, na época na         </p>	<p>           Eles se reúnem, tem os cultos lá em frente na minha casa, tem o pessoal da igreja que vai lá.            Então quando teve uma situação específica que a família... que... vamos chamar o Luiz Carlos que o nome dele é Luiz Carlos. Aí para que? vamos chamar os pastores. Porque minha irmã queria, minha irmã que não é evangélica, chamar o meu tio porque pensava que era uma coisa espiritual. E aí minha irmã não, não vamos e como ficou assim a sua relação com ele a partir das suas vivências: da família, do projeto, enfim.            Eu lembro dele. Como eu fui criado pela minha avó, ele era super presente na minha vida.            que de certa forma eu não dava a bênção a ele, porque como eu era testemunha de Jeová, não dá a bênção e depois que eu fui voltando eu fui me aproximando dele, ...eu quero dar uma ênfase assim... que eu não dava mais atenção a ele, que eu não saía mais com ele, tipo para passear com ele, que eu não saía mais porque o pessoal da religião proíbe. Então ele mesmo não entendia.            E há muito tempo atrás eu decidi que eu não me envolvia com nenhuma religião não ter uma relação que eu vejo que tanta gente tem com o sagrado seja lá o que for com deuses, com ondas.            e eu disse que nunca mais ia me envolver com religião que religião só presta para dogmatizar as coisas e ofender as pessoas e ditar o que as pessoas devem fazer e não faz bem nenhum para ninguém            que disse que era no terreiro eu fiquei pensando nunca tive um contato com pessoas de terreiro. Então eu disse, já é bom, como eu nunca tive contato, então eu não sei.            Isso foi o tempo foi passando e isso foi mudando e eu comecei a entender que não que não era uma ligação com o sagrado ali         </p>	<p> <b>religiosidade e família</b> </p>	<p>           Terreiro, minha avó, mãe de santo, deixava entrar, casa da frente, o terreiro ficava nos fundos, lembro, quintal, grande, palmeiras, barulho, atabaque, escutei, memória de séculos e séculos, falei, lembrei, imediatamente, minha avó, brava, viva hoje, acredito, resguardava, tensão, parentes, engajada nesse movimento, ouvindo o neto dela aqui, família, cristã, fotos no facebook, costumava, compartilhar, envolvido, macumba, esses povos, matrizes africanas, certo lugar, tio, herança, sistema familiar, evangélicos, testemunhas de Jeová, irmã, proibir, minha casa, chegar perto, sobrinhas, ser macumbeiro, não queria, perto, reúnem, cultos, frente na minha casa, pessoal, igreja, vamos chamar, coisa espiritual, embate, apareceu, brigaram, se afastou, retomando o vínculo, contato, relação, vivências, família, projeto, minha vida, dava a bênção, fui voltando, fui me aproximando, não dava mais atenção, religião proíbe, não entendia, decidi, não me envolvia com nenhuma religião, relação, sagrado, deuses, ondas, dogmatizar, presta, ofender pessoas, ditar, não faz bem, eu não sei, mudando, começo, nome, babalorixá, orixá, termos, apedrejado, queimado, invadido         </p>

PRINCÍPIO DA PNEPS/SUS - DIALOGO: é o encontro de conhecimentos construídos histórica e culturalmente por sujeitos, ou seja, o encontro desses sujeitos na intersubjetividade, que acontece quando cada um, de forma respeitosa, coloca o que sabe à disposição para ampliar o conhecimento crítico de ambos acerca da realidade, contribuindo com os processos de transformação e de humanização		COMPETENCIA
DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO
<p>ver o poder de força daquelas mulheres, de mãe Célia que foi que mais me implicou participar do projeto inteiro</p> <p>Porque os movimentos sociais acabam caindo em cima e tipo eu vejo o lugar dela, ela trazendo esse relato com todos esses relatos,</p> <p>Uma vez conversando com Alice, Mãe Célia, outras mulheres, em off, Alice estava falando sobre a questão do do cabelo né, sobre o quanto as</p> <p>acrescentou todas as ações que eu já passei em relação ao meu cabelo</p> <p>outra uma vez acho que foi Zuleide não me lembro...</p> <p>lêve um dia que a gente estava num encontro lá, eu estava com as costas doendo e encostei na casinha, pra mim é a casinha, aí lá vem mãe</p> <p>Célia: - Menina, aí é a casa de Exu, desencosta.</p> <p>falou sobre mim, falou sobre as minhas raízes, sobre a força que eu tenho, que eu quero ter e que eu quero passar, o que eu passo.</p> <p>eles falam muito: a casa, a família</p> <p>a ideia da população negra das suas necessidades de ter que falar de matrizes religiosas</p> <p>Sabe isso acrescentou muito na minha vivência enquanto pessoa</p> <p>Todos sabem da relação que eu tenho com comida e com a vida,</p> <p>assim, qual é a tua relação com a comida?</p> <p>Só que quando eu vim morar só (né?) começou ter que cozinhar para mim mesmo (né?) gera um processo (né?)</p> <p>Você trouxe para você o afeto em relação a isso, a comida, foi?</p> <p>foi, essa coisa do fazer, o afeto em relação ao fazer (né?), o fazer... a qualidade também, em relação a isso..</p> <p>O que mudou em tu em relação a comida a partir disso?</p> <p>O tempo em que entrei no projeto foi o tempo que eu vim morar aqui, vim morar só aqui e cozinhar para mim, né?</p> <p>Aí tinha questão de dizer também que a gente faz uma macumba sustentável, a gente se preocupa com meio ambiente, a gente se preocupa com</p> <p>outro, a gente faz a comida e a oferta para o outro também, então a gente tem esse Cuidado</p> <p>eu não sabia que você tinha essa relação com a comida.</p> <p>assim (né?)... assim... também eu sou do interior (né?) todo mundo sabe que no interior a comida une as pessoas.</p>	<p>ser mulher</p> <p>identidade étnica</p> <p>a gente não quer só comida</p>	<p>ver, poder, força, mulheres, mãe, implicou participar, projeto, movimentos sociais, caindo em cima, lugar, trazendo, relatos, relato, conversando, mulheres, questão, cabelo, pessoas, preocupadas, acrescentou, ações, relação, meu cabelo, lembro, encontro, costas doendo, encostei, casinha, menina, Exu, desencosta.</p> <p>Falou sobre mim, minhas raízes, força, tenho, quero, ter, passar, passo, casa, família, população negra, necessidades, matrizes religiosas, falar, acrescentou, vivência, pessoa</p> <p>relação, sabem, comida, vida, morar só, começou, cozinhar, gera um processo, trouxe, você, afeto, essa coisa do fazer, qualidade, mudou, entrei no projeto, morar, macumba sustentável, a gente faz, se preocupa, meio ambiente, comida, oferta, outro, cuidado, sou do interior, a comida une as pessoas.</p>
		<p><b>autogestão, pactuação de compromissos</b></p> <p><b>autogestão, pactuação de compromissos</b></p> <p><b>diálogo, autogestão, pactuação de compromisso.</b></p>

**PRINCÍPIO DA PNEPSUSUS - DIALOGO:** é o encontro de conhecimentos construídos histórica e culturalmente por sujeitos, ou seja, o encontro desses sujeitos na intersubjetividade, que acontece quando cada um, de forma respeitosa, coloca o que sabe à disposição para ampliar o conhecimento crítico de ambos acerca da realidade, contribuindo com os processos de transformação e de humanização

DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
<p>o afeto deles, tem um afeto ali e isso eu trouxe para mim, sabe, enfim... Então eles faziam isso... enfim... entendem? Olha mudou mesmo. Viu. ? a gente fez no primeiro, aquela encenação onde eles se reconheceram. Você tá falando, então, do que você viveu, do que você sentiu Vocês estão muito calados no diálogo entre si. O que está acontecendo? porque eu não tinha contado com isso. Sabe? Diz, Kamila, o que parece ter te chamou a atenção? Eu estava conversando com umas pessoas pouco tempo atrás e as pessoas falando uma coisa At eu conversava muito com Jéssica principalmente dizendo naquelas 4 horas acontecia uma conversa as pessoas que se ouviam até conversei com Moema uma vez Também, dialogar com eles não era dialogar a partir do nosso conhecimento da nossa universidade. Dialogar com eles era dialogar Porque até eu lembro da fala da mãe Celia, ela disse: olha eu não entendo realmente eu vou levar para os meus filhos pra gente essa fala: eu não posso dizer nada porque eu preciso conversar com os meus filhos. É! A troca. E eu soube o que era aquela casinha Exatamente. como que chegou pra você que o lugar daquele outro ali era sujeito? Exatamente. Só um minuto tá pra eu concluir a fala de... é no início ficou muito-nossa vão fazer para mim: tanto de lá como cá e no decorrer do projeto a gente foi falando com eles e eles com a</p>	<p><b>Atridade e diálogo</b></p>	<p>afeto, trouxe, faziam, mudou, encenação, se reconheceram, falando, viveu, sentiu, diálogo, contato, diz, parece, chamou, atenção, pessoas, falando, conversa, ouviam, nosso conhecimento, nossa universidade, dialogar com eles era dialogar, lembro, eu não entendo, vou levar, meus filhos., eu não posso, preciso conversar, troca, chegou, lugar daquele outro ali, sujeito, servir em benefício desse diálogo, projeto, roda de conversa, não ouvir, falou, pouquinho, se permite, se sente, acontecendo, caladinhos, questão, inquietação, enquanto, sujeito, não sei responder, fiquei pensando, faz sentido, entendo, estalo, completar, pensando, relação, experiência, percebi nosso movimento, ter outros compromissos.</p>	<p><b>diálogo, autogestão, ética, pactuação de compromissos</b></p>

<p><b>CONTINUAÇÃO MAPA DIALÓGICO - DIÁLOGO - repertório: afetividade e diálogo</b>  <b>PRINCÍPIO DA PNEPSUSUS - DIÁLOGO:</b> é o encontro de conhecimentos constituídos histórica e culturalmente por sujeitos, ou seja, o encontro desses sujeitos na intersubjetividade, que acontece quando cada um, de forma respeitosa, coloca o que sabe à disposição para ampliar o conhecimento crítico de ambos acerca da realidade, contribuindo com os processos de transformação e de humanização</p>		
DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO
<p>tem que servir em benefício deste diálogo, desse, dessa ... deste tipo de projeto, deste tipo de ... de roda de conversa, por exemplo, tem que servir a favor disso e não é... tem que ser ...</p> <p>Pra mim?</p> <p>Não ouvi nada do Tadeu, Daniel falou pouquinho. Vocês tem algo pra falar que é diferente?</p> <p>Sim</p> <p>Você sente se você se permite mais?</p> <p>O que é isso?</p> <p>O que é que tá acontecendo que vocês estão assim tão caladinhos, hein?</p> <p>Eu vou falar aqui primeiro, a partir, porque, da entrada no projeto</p> <p>E aí a questão de entrar no projeto. Eu sempre conversava com Daniel era sobre essa questão, sobre essa inquietação mesmo enquanto eu não sei responder, mas, fiquei pensando. E, se faz sentido ou não.</p> <p>Tu tá entendendo (né?), me deu um estalo.</p> <p>Acho que é isso que eu tenho para completar.</p> <p>Daniel, você quer falar?</p> <p>Tadeu você quer falar mais alguma coisa?</p> <p>Alguém ainda quer falar mais alguma coisa?</p> <p>Eu percebi nosso movimento, a gente chegou momento onde vocês tá estão começando a ter outros compromissos. <input type="checkbox"/> Carlos tem que sair, a Jéssica tem uma prova para fazer.</p>	<p><b>Atividade e diálogo</b></p>	<p>afeto, trouxe, faziam, mudou, encenação, se reconheceram, falando, viveu, sentiu, diálogo, contato, diz, parece, chamou, atenção, pessoas, falando, conversa, ouviam, nosso conhecimento, nossa universidade, dialogar com eles era dialogar, lembro, eu não entendo, vou levar, meus filhos, eu não posso, preciso conversar, troca, chegou, lugar daquele outro ali, sujeito, servir em benefício desse diálogo, projeto, roda de conversa, não ouvir, falou pouquinho, se permite, se sente, acontecendo, caladinhos, questão, inquietação, enquanto sujeito, não sei responder, fiquei pensando, faz sentido, entendo, estalo, completar, pensando, relação, experiência, percebi nosso movimento, ter outros compromissos.</p> <p><b>diálogo, autogestão, ética, pactuação de compromissos</b></p>

PRINCÍPIO DA PNEPS/ISUS - EMANCIPAÇÃO: é um processo coletivo e compartilhado no qual pessoas e grupos conquistam a superação e a libertação de todas as formas de opressão, exploração, discriminação e violência ainda vigentes na sociedade e que produzem a desumanização e a determinação social do adoecimento			
DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETÊNCIA
<p>mas dentro do terreiro eu pude ver, e isso, a experiência de uma potência tanto do ponto de vista político quanto do ponto de vista social, porque tudo o que é passado para a gente é muito da questão da religião, né, e não como eles se articulam enquanto grupo o significado, da pessoa dela dentro do terreiro com papel de destaque que ela ocupa</p> <p>E uma coisa que me marcou muito é que, e que me marca muito até hoje, é que no projeto com educação popular eu entendi como é que o empunho das pessoas de lutar por um terreiro mais presente dentro da comunidade, porque foi uma fala até do Pai Isaac que disse assim: para ela ver o terreiro dela aberto para comunidade, para todos, tipo não precisar ser mais aquela casinha no fundo do quintal e não deixar os E depois com o passar do tempo, do projeto, a gente vai entendendo algumas coisas. Né? e tentando pelo menos, dentro da minha realidade, é trazer para eles o outro olhar que não seja esse olhar de demonização das religiões de matriz africana, que tem outras demandas, que tem problemas como toda religião tem, lá dentro da igreja por que mudou, acho que o meu lugar de vê-lo mudou.</p> <p>Agora eu vejo o meu tio Luiz Carlos.</p> <p>Tem outras participações sociais tem outros lugares, que o povo de terreiro estão abertos ao público, os Terreiros são abertos, não são mais então não se trata disso se trata da experiência da tomada de consciência que não posso determinar nada sem antes compartilhar com terreiro.</p> <p>ver como ela lutou e luta constantemente para se manter enquanto mulher dentro da religião.</p> <p>ela pintava o cabelo de roxo, Alice usava cacheado ou fazia o que der na telha. E isso ela trazer nesse relato de empoderamento dela enquanto mulher negra de sustentar um cabelo liso Por que é uma pressão mulher negra ter um cabelo liso ao empoderamento</p> <p>Saber que a força dela reflete em mim, que eu tenho força também, por isso foi tão enriquecedor, porque houve uma representatividade muito</p>	<p><b>Viver a Religiosidade</b></p>	<p>Terreiro, pode ver, potência, experiência, político, social, passado, religião, articulam, significado, pessoa, papel, destaque, ocupa, me marcou, entendi, educação popular, vivências, processos, lutar, comunidade, presente, casa lá no fundo, terreiro dela aberto, para todos, cristã, conflitos familiares, experiência religiosa, tensão entre os familiares, tempo, entendendo, realidade, olhar, demonização, religiões, matriz africana, igreja, mudou, participações sociais, terreiros são abertos, tomada de consciência, compartilhar com terreiro.</p>	<p><b>autogestão, pactuação de compromisso, educação permanente</b></p>
<p>ver como ela lutou e luta constantemente para se manter enquanto mulher dentro da religião.</p> <p>ela pintava o cabelo de roxo, Alice usava cacheado ou fazia o que der na telha. E isso ela trazer nesse relato de empoderamento dela enquanto mulher negra de sustentar um cabelo liso Por que é uma pressão mulher negra ter um cabelo liso ao empoderamento</p> <p>Saber que a força dela reflete em mim, que eu tenho força também, por isso foi tão enriquecedor, porque houve uma representatividade muito</p>	<p><b>Ser mulher</b></p>	<p>Lutou, constantemente, mulher, religião, cabelo, pintava, roxo, cacheado, fazia o que der na telha, empoderamento, relato, mulher negra, cabelo liso, pressão, força, reflete em mim, enriquecedor, representatividade, muito forte.</p>	<p><b>autogestão, pactuação de compromisso,</b></p>

CONTINUAÇÃO MAPA DIALÓGICO: PRINCÍPIO DA PNEPSISUS – EMANCIPAÇÃO: é um processo coletivo e compartilhado no qual pessoas e grupos conquistam a superação e a libertação de todas as formas de opressão, exploração, discriminação e violência ainda vigentes na sociedade e que produzem a desumanização e a determinação social do adocimento		COMPETENCIA
DISCURSOS		GLOSSARIO
REPERTÓRIO	Identidade étnica	
<p>Mulher acrescentou a força que eu sei que eu tenho que eu sei que o meu povo tem.</p> <p>...Ah, Se Meu Povo, mas enfim, é isso mesmo, que o meu povo, a carga da identidade que eu tenho do quanto eu me reconhecendo a fala dela e de ver o não hoje eu vejo eles ocupando as cidades. E aí a gente não é somente esse lugar melhor do que isso isso é muito legal</p> <p>Eles realmente têm essa força entre eles</p> <p>o movimento era deles, o fluxo era deles, a produção era deles, o conhecimento era deles, era tudo deles.</p> <p>E aí eu vi a relação que eles têm com a comida, isso me afetou né, como faço.</p> <p>então quando a gente se depara com o outro, com realidade deles, a gente vê que não é isso.</p> <p>Tem outros lugares que ocupam, diversos espaços sociais</p> <p>então é toda uma construção mesmo.</p> <p>quebrar com um estigma que eu levava socialmente dessas pessoas, uma nova forma de ver isso</p> <p>com laço social saudável quem pelo menos entre eles ali ou naquele momento</p> <p>E aí eu fui percebendo que o movimento é outra coisa que o que eu achava da dali era outra coisa que mesmo não acreditando no que eles acreditam em uma coisa que eles acreditam</p> <p>como eles conseguem se juntar para mudar uma situação, coisa que não vejo em quase nenhum lugar, em lugar nenhum, coisa que eu não faço. Vêe juntar com alguém para mudar uma situação</p> <p>mas é uma experiência social muito social eu e outras pessoa</p> <p>até que vi que o meu lugar ali não era esse e nem o deles e nem o de ninguém eram pessoas tentando mudar uma realidade social.</p> <p>de nos permitir o lugar de fala</p> <p>Eu acho que foi muito a questão de ter voz de ser sujeito</p> <p>Eles têm autonomia e eu não digo que nós demos autonomia pra eles, porque nós não demos autonomia pra eles, nós demos autonomia pra ninguém, mas eles têm autonomia. Eles têm... é voz, eles têm desejos, eles têm implicações naquilo, eles conseguem se reunir, eles não precisam de nós.</p> <p>Hum... e não fazer o outro de objeto</p> <p>pra mim o que transmitiu para ela nas minhas pequenas intervenções, entende?</p> <p>E... exatamente, não para controlar aqueles, não para enquadrar aqueles, não pra fazer muito o que a gente ver nos corredores: - "olhe a borderline passando, eh!" dos próprios alunos. - "Olha a num sei o quê!" - Olha a transornada.</p> <p>deles...</p> <p>Exatamente foi mais de lá pra cá, né? Só que se fosse em outro lugar, um outro povo, seria outra coisa, o nosso movimento seria outro, lá a gente... o movimento era deles mesmo, né, entende?</p> <p>Mas de hoje eu quero sinalizar que pelo que eu percebo é que na verdade dentro do projeto aconteceu o que foi o fortalecimento da nossa própria identidade. E como se cada um tivesse encontrado lá dentro do projeto algo seu, não algo do outro e que na verdade a possibilidade de ser sujeito não foi a possibilidade de deixar o outro ser sujeito, foi de eu me tornar sujeito, de eu não ser sujeito no contato com o outro, né</p>	<p>Mulher, acrescentou: força, tenho, meu povo, carga, identidade, eu me reconhecendo, fala, ver o processo, tenho força, vejo, ocupando, cidades, somente esse lugar, melhor do que isso, é muito legal.</p>	<p>Força, movimento, fluxo, produção, conhecimento, era tudo deles, relação, comida, afetou, faço, depara com o outro, realidade, ver, lugares, espaços sociais, ocupam, construção, quebrar, estigma, socialmente, pessoas, percebendo, acreditando, juntar, mudar, situação, me juntar com alguém, tentando, realidade social, permitir, lugar de fala, ter voz, ser sujeito, autonomia, voz, desejos, implicações, conseguem, reunir, não precisam, outro, objeto, mãe de santo, pessoa física, transmitiu, pequenas intervenções, controlar, enquadrar, transornada, mobilização, povo, sinalizar, percebo, fortalecimento, própria identidade, encontrado, algo seu, ser sujeito, tornar sujeito, contato com o outro.</p> <p><b>autogestão, cuidado, ética, diálogo,</b></p>

DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETÊNCIA
<p>por não termos isso dentro da grade curricular do curso de psicologia até então ainda não tinha pagado de psicologia da religião só tinha sim então mais ou menos noção em relação a questão de educação popular através que só agora que a gente tem na psicologia uma disciplina de direitos humanos isso no meio acadêmico então foi no livr que a gente começou a ter contato com essas discussões e que na graduação como o Gabriel já falou nós temos contato mas são europeus falando de negros e outra coisa que eu não lembro o que... risos... Então quando tive contato com com essa experiência foi extra sala mesmo no contão e tudo que até então já havia me vindo passada por uma cultura eurocêntrica, como já foi falado, mas que eu não tinha muito conhecimento Acho que foi no encontro de abertura, eu coloquei isso até no meu diário de campo, porque realmente aconteceu a educação popular. Educação popular em saúde sem exceções, só que eu acho que a educação popular e o que fez faz parte da educação popular, porque tipo, As vezes a gente tá na universidade tem um saber, acha que a gente tem um saber para ofertar para o outro, Em pensar em o jeito que a conversa vai, a forma com que as coisas tomam, e eu ficava sempre pensando o quão a universidade não proporciona isso, não tinha condição de proporcionar isso. E eu acho que na educação popular o outro tem um lugar, o outro tem uma importância, o outro é um sujeito que é como um sujeito, uma pessoa que deve ser respeitada, uma pessoa que conhecimentos, tem saberes e que eu não sou a detentora do Saber do que essa pessoa deve fazer? E eu não posso simplesmente tratar ela como objeto da minha ciência pobre (né?) e aqui na faculdade a gente lida com isso todo dia com as pessoas tratando outras pessoas como objeto em nome da ciência e eu sempre, penso: no projeto não é assim. E então eu tinha muito essa discussão e quando você fez o convite da gente participar e tal do projeto então não éramos nós que estávamos lá para deixar eles falarem Eu acho que não foi muito a questão de nós demos porque assim se não tivesse dado Eles teriam tomado a voz entrado no mesmo ritmo (entendeu?) porque acho que o grupo vai fazer dois anos foi isso a gente vinha ocupando os lugares à medida que eles nos permitiram isso Pronto isso suou assim para mim: ela é uma liderança religiosa e chegou para ela dessa forma que ela não pode ter um posicionamento como instituição de terreno sem antes conversar com os filhos, coisa que na universidade é ao contrário, que a gente tem que se colocar no lugar, e esse lugar é quase impenetrável de todos saber. Aqui a gente tem um suposto saber, que por isso fica sem permitir um lugar mais flexível, mais fluido na realidade do outro. Coisa que se eu chegar para um professor e dizer eu não posso responder isso que eu preciso consultar os meus colegas, da mesma forma se chegar para um colega ele perguntar alguma coisa eu não sei pesquisar isso ai ele já vai deduzir que eu não sei que eu não estudei que é isso que aquilo igual a gente costuma dizer na psicologia: você não está preparado e porque você não sabe fazer essa intervenção (entendeu?) A gente achava que ocupava esse lugar de suposto saber...é... assim? Ótimo. Este lugar de suposto saber e a coisa do fluxo do grupo Exatamente Chamando as pessoas pelos termos .....e ai eu ficava me perguntando: - Eu devo perguntar? Ai eu perguntei a Moema - Devo perguntar? Eu perguntei a Moema</p>	<p><b>Formação e atuação</b></p>	<p>dentro da grade curricular, pagado, , relação, educação popular, disciplina, livr, discussões, graduação, são europeus falando de negros, interdisciplinar com outros cursos, cultura eurocêntrica, conhecimento, educação popular, universidade tem um saber, para ofertar para o outro, , na educação popular o outro tem um lugar, o outro é um sujeito, tem saberes, eu não sou a detentora do Saber, objeto da minha ciência pobre, objeto em nome da ciência, participar, projeto, deixar eles falarem, nós demos, se não tivesse dado Eles teriam tomado a voz, ocupando os lugares, nos permitiram, liderança religiosa, posicionamento como instituição de terreno, se colocar no lugar, lugar é quase impenetrável, saber, suposto saber, fluido na realidade do outro, não sei pesquisar, deduzir, não sabe fazer, intervenção, Chamando as pessoas pelos termos, como funciona as coisas do terreno, interesse, ensinar, preciso saber, teorias, o lugar de objeto, transtorno metá X, subjetividade, tecnicista, negócio, rótulo, obrigam, deslocamento, arcabouço, epistemológico sociopatológico, psicopatológico, saber gigantesco que o terreno me trouxe, objetivo de controle, postura, trabalho péssimo de confissão, lugar de sofrimento, questão ética, ética o lugar, ponto de vista ético, intelectual, teórico, olhando, questionando, ressignificar, resistência, colonizar, trocas mútuas, projeto, fazer, compreender, reproduzindo a mesma lógica,</p>	<p><b>diálogo, ética, pactuação de compromisso, autogestão, cuidado, educação permanente</b></p>



**CONTINUAÇÃO: MAPA DIALÓGICO REPERTÓRIO - formação e atuação - PRINCÍPIO DA PNEPSISUS - problematização: implica a existência de relações dialógicas e propõe a construção de práticas em saúde alicerçadas na leitura e na análise crítica da realidade.**

DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
<p>Ai... Se eu poderia perguntar- Ei explica ai como funciona as coisas do terreiro. Ai ia ficar uma aula, uma coisa que não é do interesse deles, de teorias, e dessa, deste lugar que o sujeito ocupa quando tem um psicólogo na sala, que a gente morre dizendo que deve ser o lugar do sujeito, mas O sujeito é o psicológico</p> <p>Que tem um transtorno metáfora X, que tem num sei o que, que blá blá blá</p> <p>Lida com o outro a partir deste rótulo.</p> <p>E a gente... A gente morre dizendo que não vai fazer isso e faz.</p> <p>e os trabalhos, as formas que os trabalhos são passados aqui obrigam a gente fazer as coisas desta maneira.</p> <p>O que a gente faz que é diferente desta outra perspectiva, de ir lá e pegar, de ir lá pegar um dado e trazer?</p> <p>Eu acho que a gente com uma dificuldade ou outra, um deslocamento ou outro, consegue entender que não é dono do saber. Que não vai ensinar nada, que não detém nada, que aquela pessoa não está ali para eu analisá-la.</p> <p>Eles não estão ali para que eu pegue as 120 palavras, misture com autor tal década tal, de país tal e crie um trabalho de tantas laudas. Num é pra isto. Cheio de arcabouço.</p> <p>Cheio de arcabouço epistemológico, não é pra isto...</p> <p>Foi exaltante assim, da psicologia não é... diz não a uma conversão religiosa, né? Em que sentido?</p> <p>Para lhe dá com o seu próprio saber. Inclusive tem uma fala da Valéria que ela fala que as entrevistadas quando iam perguntar para ela as questões dos fenômenos epistemológicos de matriz africana, como a conversão a ideia do... dá... do santo chegar e baixar o santo né? e tal tem a ideia de sociopatologizar, sociopatologizar este fenômeno. Foi uma das coisas que ela falou, as únicas entrevistadas que eu dei para o pessoal da psicologia foi esta, se era psicopatológico? Não era psicopatológico?</p> <p>Enfim, e tipo e... e de perceber a importância disto que o Carlos trás, tipo existe um saber da academia que é inerente ao fazer psicológico em campo, enfim... que é inerente ao meu fazer psicológico e tem o saber gigantesco que o terreiro me trouxe na minha relação com o sujeito que</p> <p>Eu... eu vejo muito assim é... que o suporte que a academia me dá, né? Arcabouço epistemológico é...</p> <p>Com o objetivo de controle</p> <p>por que eu já vejo demais aqui.</p> <p>Eu acho que também por conta desta postura que a gente precisa aprofundar para esta coisa acontecer, porque se a gente pudesse lá, pudesse entrar e perguntar, a experiência seria a mesma que qualquer lugar, vou perguntar o que elas têm a dizer e aí nós escrevermos num pedaço de papel vou-me embora fazer meu trabalho e já era.</p> <p>Ai eu fiquei, então, tentando entender que lugar é este, o lugar da academia, deste saber acadêmico.</p> <p>O lugar que a academia teve pra mim, é... durante o percurso do projeto é... é, com as coisas que se relacionam com o projeto</p> <p>Eu achava que pra mim reconhecer e saber disto como é esta utopia que o pessoal discute que é do outro e só do outro eu tinha que vivenciar pra poder saber, por que até então as leituras sobre Paulo Freire não apontava somente isto, se não ele não teria feito Pedagogia do Oprimido e Pedagogia do Saber Popular</p> <p>E que contribuição da educação popular a gente pode trazer, assim... para o trabalho do psicólogo?</p> <p>E para a gente enquanto psicólogos e assistentes sociais o que traz? É possível trazer algo?</p>	<p><b>Tomção e atuação</b></p>	<p>dentro da grade curricular, pagado, relação, educação popular, disciplina, lev, discussões, graduação, são europeus falando de negros, interdisciplinar com outros cursos, cultura eurocêntrica, conhecimento, educação popular, universidade tem um saber, para ofertar para o outro, na educação popular o outro tem um lugar, o outro é um sujeito, tem saberes, eu não sou a detentora do Saber, objeto da minha ciência pobre, objeto em nome da ciência, participar, projeto, deixar eles falarem, nós demos, se não tivesse dado Eles teriam tomado a voz, ocupando os lugares, nos permitiram, liderança religiosa, posicionamento como instituição de terreiro, se colocar no lugar, lugar é quase impenetrável, saber, suposto saber, fluído na realidade do outro, não sei pesquisar, deduzir, não sabe fazer, intervenção, Chamando as pessoas pelos termos, como funciona as coisas do terreiro, interesse, ensinar, preciso saber, teorias, o lugar de objeto, transtorno metáfora X, subjetividade, tecnicista, negócio, rótulo, obrigar, deslocamento, arcabouço, epistemológico, sociopatologizar, psicopatológico, saber gigantesco que o terreiro me trouxe, objetivo de controle, postura, trabalho péssimo de confissão, lugar de sofrimento, questão ética, ética o lugar, ponto de vista ético, intelectual, teórico, olhando, questionando, ressignificar, resistência, colonizar, trocas mútuas, projeto, fazer, compreender, reproduzindo a mesma lógica,</p>	<p><b>diálogo, ética, pactuação de compromisso, autogestão, cuidado, educação permanente</b></p>

A.	B.	C.	D.
<p><b>CONTINUAÇÃO: MAPA DIALÓGICO REPERTÓRIO - formação e atuação - PRINCÍPIO DA PNEP/SJ/SUS - problematização: implica a existência de relações dialógicas e propõe a construção de práticas em saúde alcançadas na leitura e na análise crítica da realidade.</b></p>			
<p><b>DISCURSOS</b></p> <p>É a questão que quando você vai fazer um trabalho péssimo de confissão da psicologia você primeiro cobra ele num lugar de sofrimento e no lugar de que ele tem que reconhecer o que ele está sofrendo</p> <p>E a questão é que uma vez uma professora falou assim: "Há psicologia onde há sofrimento." E a educação popular, não só tem educação popular onde há sofrimento. A educação popular onde tem alegria, também tem e eu acho que é isso que diferencia.</p> <p>Eu entendo muito que depende da sua pessoa naquele processo, da sua postura, mas não somente.</p> <p>Então como eu estudo em psicanálise, pensei, como a gente vai está dentro de uma experiência de educação popular em saúde tendo uma abordagem, com aspas e com muitas aspas.</p> <p>Se for pensar assim, há outras possibilidades de direcionar essa ideia da psicologia.</p> <p>Pelo menos para mim parte muito dessa ideia de se deparar com o que não se é discutida na educação, a questão ética. Não no sentido de uma disciplina de ética, moral, mas no sentido de ética o lugar do aluno, o lugar do professor, mas o lugar dessa relação, essa relação que a gente pouco discute e quando discute a gente acaba polarizando, que existem os lugares,</p> <p>Então é essa discussão do ponto de vista ético</p> <p>Então se não quer vai fazer outra coisa, né?</p> <p>Porque a diferença do intelectual e do teórico é essa, porque, o intelectual ele fala em nome do outro.</p> <p>Tipo tá falando e dizendo a verdade toda, aí todo mundo se calava, e tomava aquilo como verdade absoluta. E se você olhar para o pressuposto da educação popular, não tem isso. (né?)</p> <p>A gente está vendo aqui as meninas e meninos da psicologia, falando... e o pessoal do serviço social só olhando</p> <p>E eu ficava me questionando o porquê.</p> <p>Mas que consegue se ressignificar, e se manter na verdade, nesse processo de resistência histórica, aí, que está colocado socialmente.</p> <p>Aí eu adentro na Universidade (né?)</p> <p>De certa forma, você é o objeto, e aí tipo lá no serviço social, você é meu usuário</p> <p>eu vou chegar lá com um saber dado, e eu vou colonizar, eu vou usar esse termo, eu vou dizer o que vocês vão ter que fazer. Não. Mas a partir do que eu experiencio no Terreiro enquanto vivência, eu já tenho trocas mútuas de que eu não tenho verdades absolutas (né?). Eu posso a partir da educação popular eu adentrar no projeto, fazer, compreender, na verdade, essa forma de chegar totalmente diferente do que eu já tinha vivenciado em outras épocas anteriormente</p> <p>Você sentiu que você conseguiu viver essa experiência dentro de uma perspectiva de educação popular em saúde?</p> <p>eu tô na Universidade, mas eu tô aqui nesse espaço que é um projeto da Universidade, como eu já havia falado, mas será que eu, será que não esteja reproduzindo a mesma lógica de que eu havia pensado, (entende?) de acadêmico, de hierarquia, de um saber epistemológico acadêmico a ser dado ali.</p> <p>Tu disse, eu, tu se problematiza. Tu tá lá dentro do espaço da universidade (né?), mas qual era para tu a lógica de tu ir, de tá lá? Do Gabriel sem ser Universitário? Você fala de um saber da experiência, que experiência do Gabriel ou como Gabriel Universitário?</p> <p>Então é por isso que eu falei que a educação popular não é só o saber do outro é uma pedagogia que de toda forma tem uma própria questão metodológica que a gente sem saber a gente introduziu.</p> <p>Eu acho que nesse segundo momento, eu vou organizar essa parte de transcrição, e vou fazer uma devolutiva para vocês primeiro antes de publicar.</p> <p>Até mesmo porque é uma questão de respeito com vocês, como a gente sempre fez.</p>	<p><b>REPERTÓRIO</b></p> <p><b>formação e atuação</b></p>	<p><b>GLOSSÁRIO</b></p> <p>dentro da grade curricular, pagado, , relação, educação popular, disciplina, livro, discussões, graduação, são europeus falando de negros, interdisciplinar com outros cursos, cultura eurocêntrica, conhecimento, educação popular, universidade tem um saber, para ofertar para o outro, , na educação popular o outro tem um lugar, o outro é um sujeito, tem saberes, eu não sou a detentora do Saber, objeto da minha ciência pobre, objeto em nome da ciência, participar, projeto, deixar eles falarem, nós demos, se não tivesse dado Eles teriam tomado a voz, ocupando os lugares, nos permitiram, liderança religiosa, posicionamento como instituição de terreiro, se colocar no lugar, lugar é quase impenetrável, saber, suposto saber, fluido na realidade do outro, não sei pesquisar, deduzir, não sabe fazer, intervenção, Chamando as pessoas pelos termos, como funciona as coisas do terreiro.interesse, ensinar, preciso saber, teorias, o lugar de objeto, transtorno metá X, subjetividade, tecnicista, negócio, rótulo, obrigam, deslocamento, arcabouço, epistemológico, sociopatolizar, psicopatológico, saber gigantesco que o terreiro me trouxe, objetivo de controle, postura, trabalho péssimo de confissão, lugar de sofrimento, questão ética o lugar, ponto de vista ético, intelectual, teórico, olhando, questionando, ressignificar, resistência, colonizar, trocas mútuas, projeto, fazer, compreender, reproduzindo a mesma lógica,</p>	<p><b>COMPETENCIA</b></p> <p><b>diálogo, ética, pactuação de compromisso, autogestão, cuidado, educação permanente</b></p>

PRINCÍPIO DA PNEPSISUS – problematização: implica a existência de relações dialógicas e propõe a construção de práticas em saúde alicerçadas na leitura e na análise crítica da realidade.	DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
	<p>com realmente uma população que até então só conhecia os relatos da intolerância religiosa.</p> <p>Então coisas que às vezes a gente só via comentários de forma negativa em relação a determinadas instituições</p> <p>Então o Carlos traz que para ele, né, já tinha escutado várias coisas pejorativas em relação a população de terreiro</p> <p>Então os povos de terreiro tem demandas específicas sim, eles não é só questão da Macumba, como vocês dizem, da feitiçaria, que eles atrelam.</p> <p>Então porque não o meu tio (filho de branco, ou usar azul, os améis, os adereços que ele sempre usava)? Porque até isso quando ele tá lá em casa, eles ficam não na perspectiva de compreender a questão espiritual... né? Mas sim compreender a relação dele com o sagrado que é diferente da minha relação com sagrado</p> <p>Porque antes eu via, quer dizer não via, eu via a religião postar dentro de uma outra religião que demoniza as práticas de matizes africanas.</p> <p>as pessoas são todas alienadas quem está na religião</p> <p>Eu ficava pensando mas será que eu estou aqui e estou desrespeitando as pessoas por não acreditar nisso que elas acreditam mas está aqui da mesma forma?</p> <p>o que é esta casa?</p> <p>Experienciar essa questão de que claro que na Religião a gente tem uma hierarquia e a gente tem que respeitar essa hierarquia. A gente tem o Pai de Santo, o Pai Pequeno. (né?) Mas eu acho que uma coisa que me encanta muito enquanto filho de Terreiro, enquanto de umbanda, é a questão do respeito e de tipo eu abaixo a De poder</p> <p>De poder, eu acho que é isso.</p> <p>Essa relação não é de poder?</p> <p>Existe uma relação de poder a partir...</p> <p>Mas não de dominação</p> <p>Isso mesmo, de poder, mas não de dominação. Acho que é isso</p> <p>Isso é bem claro. Esse lugar quando eu cheguei lá com alguns termos como: mãe pequena. Será que isso se tratava de uma prática machista? Porque a mãe é pequena? Ai eu vi que se tratava de uma hierarquia, que é uma relação de poder, mas não de dominação. O que nós da Universidade acreditamos que se tratava, que o termo mãe pequena representaria. Foi o que me fez pensar, existe poder, mas não uma dominação. Exemplo: pai, mãe, filho, filha, pequeno, grande, ... os lugares de fala, que foi uma coisa que me chamou a atenção, quando o pai tá falando, quando o filho silenciar. Ele pode falar?</p> <p>mas não havia me passado pela cabeça que é uma questão cultural deles, da religião e a nossa cultura é de que democraticamente, enquanto prática social, todo mundo tem que falar.</p> <p>Mas a gente chegou a essa conclusão, assim, antes (né?) é porque nesse segundo momento a gente teve foco nas lideranças religiosas que teve mais</p> <p>Não eu acredito que é assim. É que a outra forma de organização não é a forma de organização, eu acredito na minha experiência, e enfim nas minhas leituras, eu acredito que os terreiros são espaços, são quilombos, eu chamo de quilombos porque são espaços de africanos na diáspora, construídos aqui então assim é claro</p> <p>Mas como a gente viu não era um, eram quatro terreiros.</p> <p>Eu até coloquei isso numa das reuniões mas foi dito que se a gente fosse ter esse tipo de abordagem, a gente estaria invadindo um espaço que é do terreiro.</p> <p>só que tipo a gente ainda trava um pouco com relação a esses termos, a saber distinguir quem é o pai quem é a mãe, essa questão da hierarquia.</p>	<p><b>Instituições e religiosidade</b></p>	<p>população, conchecia, relatos, intolerância religiosa, comentários, negativa, relação, instituições, pejorativas, população de terreiro, povos de terreiros, demandas, questão, macumba, feitiçaria, atrelam, tio, branco, azul, améis, guias, roupas do dia, compreender, espiritual, sagrado, diferente, excluí, minha vida, próximo, dizia, via, religião, postar, demoniza, práticas, matriz africana, pessoas, alienadas, pensando, desrespeitando, acreditar, acreditam, casa, experienciar, claro, hierarquia, respeitar, pai de santo, pai pequeno, encanta, filho de terreiro, umbanda, abaixo a cabeça, mais velho, bate a cabeça para mim, poder, dominação, lugar, mãe pequena, prática machista, universidade, pai, mãe, filha, pequeno, grande, lugares de fala, silenciar, cultural, cultura, democraticamente, prática social, falar, tem que, conclusão, lideranças religiosas, participação dos líderes, almoço, lugar da cozinha, escutar, olhar, colonizador, trouxemos, momento, outra forma, organização, leituras, terreiros, espaços, quilombos, africana, diáspora, construídos, acidentalmente, acidentalidade, patriarcado, fuge, quatro terreiros, não era um, reuniões, abordagem, invadindo, trava, termos, distinguir, quem é.</p>	<p><b>ética, educação permanente, autogestão, pactuação de compromisso</b></p>

**CONTINUAÇÃO: REPERTÓRIO - PROCESSOS DIALÓGICOS E MULTICULTURAIS. PRINCÍPIO DA PNEP/SUS - construção compartilhada do conhecimento:** consiste em processos comunicacionais e pedagógicos entre pessoas e grupos de saberes, culturas e inserções sociais diferentes, na perspectiva de compreender e transformar de modo coletivo as ações de saúde desde suas dimensões teóricas, políticas e práticas.

DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
<p>Também, dialogar com eles não era dialogar a partir do nosso conhecimento da nossa universidade. Dialogar com eles era dialogar e aconteceu naturalmente, de eu saber o que era a casa. A casa de Exul Pronto! E... E que é muito isto mesmo. Ela não se propôs a dá uma aula sobre casa ponto do ambiente, eu não me propus a ir perguntar isto, a ir incomodá-la com isto. Também não me propus a dá uma aula sobre como, sei lá, qualquer coisa aí que a psicologia possa propor. É, mas que a interação aconteceu e...</p> <p>porque eu visitei várias outras religiões espíritas, espíritista, católicas, protestantes e eu acho que faltava eu visitar e conhecer a realidade de uma religião de matriz africana por que as outras demais eu participei mesmo, tive contato em diversos pontos e, eu acho que não é questão de me, realmente conhecer, sentir o que era esta outra religião.</p> <p>E esse respeito mutuo, essa troca mutua, não é hierarquizada de tipo, eu tenho um saber verdadeiro e não. Existe uma hierarquia dentro da religião, é obvio que existe, mas não é uma questão de tipo um conhecimento que a academia coloca como hierárquico. Tipo, olha a minha verdade é absoluta.</p> <p>Não esse é uma ideia de poder, hierarquia, que é bem clara a questão dos lugares de filha, de mãe. Não existe, se for pensar assim, um emaranhado de relações. Os lugares são bem determinados.</p> <p>A gente colocou essa coisa né e um dos Pais de Santo perguntou acho que foi até o pai Miguel disse para a gente repensar a metodologia do projeto porque existe uma hierarquia e que tinha que ser respeitada aí a gente colocou olha não mas o fato da gente trazer a educação popular não é para desfazer destruir mudar os ritos de vocês só uma nova proposta, novo modo, eu acho que isso foi importante.</p> <p>E o tipo a questão da minha fala é mais para esse fato de essas questões com relação a termos a questão hierárquica eu acho que a gente poderia ter entendido mais (é é) conhecendo mais (é) o terreiro.</p> <p>Mas tipo, eu vejo que a gente ainda está tendo aqui e agora, alguns ainda se perdem no uso dos termos, a questão de falar sobre yalorixá, babalorixá, ogum... E que tipo eu vejo que tenho um entendimento maior disso pela questão de eu ser de terreiro, eu tive a oportunidade de frequentar e Tentar conhecer. Então eu acho que é assim, com relação a esses termos, a gente poderia passar a saber mais, a conhecer mais para que.</p> <p>E o que eu acho interessante dos povos de terreiro é que lá a gente não aprende a partir do conhecimento científico a gente aprende a partir do relato de experiência da vida de cada membro que tá ali dentro do terreiro, cada pessoa que viveu sua experiência, o seu momento de violência, que teve uma determinada demanda de saúde e quer dentro do terreiro essa demanda ou essas demandas poderão ser atendidas e que tipo o terreiro tem toda uma organização.</p>	<p><b>Processos dialógicos e multiculturais</b></p>	<p>nossa produção, projeto, educação popular em saúde, povos de terreiro, território, potência, política, social, econômica, questão, vivência, superaram, vivem, se organizam, grupos, várias famílias, vários terreiros, relação, comida, muito forte, ver isso acontecer, ir para o terreiro, ir para o projeto, ofertam, não pode ter desperdício, casa, campo de vida, aprender com eles, encontro, defendendo, tentava invadir, rito, contato, diferente, conviver, ligação com o sagrado, fera selvagem, barbárie, civilizado, compartilhamento, fala era compartilhada, poderíamos contribuir, dialogar, não se propôs a dar uma aula, não me propus a ir perguntar, a interação aconteceu, matriz africana, respeito mútuo, troca, saber verdadeiro, verdade absoluta, ideia de poder, lugares de filha, de mãe, um emaranhado de relações, os lugares são bem determinados, conhecendo mais o terreiro, repensar a metodologia do projeto, hierarquia, mudar os ritos, uso dos termos, ser de terreiro, oportunidade de conhecer, conhecimentos científicos, relato de experiência, violência, demanda, saúde, o terreiro tem toda uma organização,</p>	<p><b>diálogo, ética, autogestão, cuidado, educação permanente, pactuação de compromisso</b></p>

**CONTINUAÇÃO: MAPA DIALÓGICO - REPERTÓRIO: UNIVERSIDADE E PROCESSOS PEDAGÓGICOS. PRINCÍPIO DA PNEPS/SUS - construção compartilhada do conhecimento: consiste em processos comunicacionais e pedagógicos entre pessoas e grupos de saberes, culturas e inserções sociais diferentes, na perspectiva de compreender e transformar de modo coletivo as ações de saúde desde suas dimensões teóricas, políticas e práticas.**

DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
<p>e que Paulo Freire falava que a Daniela disse que a gente pode vivenciar no próprio projeto</p> <p>assim pelo menos é muita a vivência nossa deste semestre, de avaliação psicológica, entre tantos outras coisas que enfim, que a gente lida muito com o transnomo, num é, no projeto eu lho dei com Mãe Célia e as suas vivências eu não lhe dei com a... (Dgan?)</p> <p>por que assim dizer que educação popular é só do saber do outro é uma utopia porque o próprio Paulo Freire ele escreve pedagogias e pedagogias é uma ciência, né?</p> <p>Por que se você pegar a psicologia ela é totalmente diferente da Educação Popular porque as práticas psicológicas são todas de confissão e Educação Popular não foi feita por psicólogo, foi feita por um outro tipo de saber que não foi o psicológico,</p> <p>Mas não é só necessariamente na educação popular que se pode fazer um trabalho desse. Mas que a educação popular é sim uma grande contribuição para o trabalho do psicólogo.</p> <p>É sim. Para a psicologia traz informação, enfim...issssiss...eu acho..</p> <p>A questão é que a educação popular possibilita que o sujeito faça isso a partir da realidade dele.</p> <p>porque na psicanálise a gente trabalha uma questão fundamental dentro da clínica que é a questão ética, que parte da ideia do desejo e que eu lá dentro, inclusive tem um texto do Paulo Freire que é extensão e intenção, uma coisa assim, que na psicanálise a gente usa esse termo: extensão, intensão. Justamente para dizer que há outras possibilidades de se fazer uma escuta, um caminho, um percurso.</p> <p>que eu acho que a educação popular em saúde me possibilitou reconhecer dentro da psicologia. Então não é que eu vá descartar não o saber de 5 anos, mas que existem outras pessoas dentro da psicologia que discutem também, que dialogam com essa mesma linha de pensamento.</p> <p>Então eu penso que de um certo ponto enquanto ferramenta metodológica, já que a roda de conversa é para isso, o que eu aprendi e o que me tocou, me implicou, eu acho que é isso: a possibilidade da experiência tem que ser extremamente implicada, pessoal, então se eu não largar o pé e não me permitir aceitar e me tocar, aí acontece isso de que na hora se faça não um debate coletivo, um debate de aprendizado, mas uma aparição de intelectuais.</p> <p>como Gabriel que entende que a experiência também é conhecimento, mas que não é um conhecimento acadêmico; é um conhecimento de vida e que cada sujeito ali.</p> <p>E com relação a minha experiência dentro do projeto eu tive a oportunidade de estar participando desde a reunião de que a gente teve de ver as possibilidades das pessoas que poderiam participar junto com os terreiros</p>	<p>Grupo, questões, extra sala, contato, interdisciplinar, cursos, outros, direito, autores negros, racismo, lley, vivência, gênero, religiosidade, questões burocráticas, frequência, dever burocrático, vivência, sentir, necessidade, cumprir, burocracia acadêmica, projeto, exemplar, aprendi, mediador, fazer desnecessário, fala, encontro, entendeu, claro, dinâmica, vivência, academia, gênero, realidade, fluxo do grupo, não vejo, parte da experiência, instrumentalizá-los, saber a psicologia, instrumentos, arcabouços epistemológicos, objeto desta ciência, academia, patologização, saber, oficina, feedback, oportunidade de falar, expressar oportunidade pra pessoa, horizontal, fluido, roda de conversa, Paulo Freire, vivência nossa, avaliação psicológica, transnomo, educação popular, saber do outro, utopia, pedagogias é uma ciência, práticas psicológicas, confissão, outro tipo de saber, psicologia traz informação, clínica, ética, há outras possibilidades de se fazer uma escuta, reconhecer dentro da psicologia, descartar não o saber, dialogam, linha de pensamento, ferramenta metodológica, roda de conversa, me tocou, me implicou, possibilidade de experiência, extremamente implicada, permitir aceitar, largar o pé, debate coletivo, aparição de intelectuais, vida, sujeito, participar junto com os terreiros.</p>	<p><b>Universidade e Processos Pedagógicos</b></p>	<p><b>Diálogo, ética, cuidado, educação permanente</b></p>

DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETÊNCIA
<p><b>PRINCÍPIO DA PNEPSISUS - compromisso com a construção do projeto democrático e popular: é a reafirmação do compromisso com a construção de uma sociedade justa, solidária, democrática, igualitária, soberana e culturalmente diversa que somente será construída por meio da contribuição das lutas sociais e da garantia do direito universal à saúde no Brasil, tendo como protagonistas os sujeitos populares, seus grupos e movimentos, que historicamente foram silenciados e marginalizados.</b></p>			
<p>E antes desse seminário eu sempre vinha focado nessa questão de intolerância religiosa e da violência é só que tem, problemas. Mas que a liberdade religiosa deve prevalecer</p> <p>É o problema de a valorizar o saber, a sociedade não valorizar o saber deles</p> <p>não, tenho veemência disso que é justamente no dar voz, dar voz aos sujeitos e possibilitar que eles tomem partido para fazer suas diversas ações, transformações</p> <p>e que eu não vejo isto acontecendo no projeto.</p> <p>poristo eu digo que foi muito fluído daqui pra lá e de lá pra cá e a gente estava todo mundo no mesmo movimento dialógico, horizontal, maravilhoso.</p> <p>Que é isso que muitas vezes acontece quando não é uma prática conscientizadora. É justamente ir além do que somente colher</p> <p>Muitas vezes é isso que é proposto, é isso que é passado e quantas pessoas não têm uma oportunidade, talvez, ou pelo menos ainda não tiveram de ter esse outro olhar</p>	<p><b>liberdade religiosa</b></p>	<p>seminário, focado, intolerância, violência, liberdade, problemas, dar voz, sujeitos, valorizar, transformações, ações, possibilitar.</p>	<p><b>Pactuação de compromisso, ética</b></p>
	<p><b>Prática pedagógica:</b></p>	<p>projeto, não vejo, fluído, movimento, dialógico, horizontal, maravilhoso, prática conscientizadora, colher, oportunidade, outro olhar, ver,</p>	<p><b>Pactuação de compromisso, ética, diálogo</b></p>

PRINCÍPIO DA PNEPS/SUS - Amorosidade: é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas.	DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
<ul style="list-style-type: none"> <li>- e o quanto ela agora nesse momento de vida com o processo que ela passou na religião, que possibilitou a ela o amadurecimento</li> <li>- E essa crença tão do cristianismo estava tão impregnado em mim</li> <li>- E eu não tinha essa relação então estar dentro de qualquer religião para mim era muito sofrimento por não me encaixar naquilo não sentir o que as pessoas diziam que estavam sentindo e eu me sentia muito culpada tanto na protestante quanto na Católica</li> <li>- É como eu disse outra vez, eu entro em contradições constantes. Eu, Gabriel, sou filho de um Terreiro, de uma casa de umbanda, (né?) e experiência isso na minha casa e ao mesmo tempo eu sou Gabriel que tá na universidade mas que não deixa de ser filho de santo.</li> <li>- Acho que pode perceber isso. E até por já ser de Terreiro eu pude experimentar isso.</li> <li>- de indignação com aquela situação. Onde gerou ali o que há de mais real, que foi se deparar com esse vazio. E agora? O meu Terreiro, aqui no Ceará (né?) e</li> <li>- E aí como eu já tinha falado, esse lugar do objeto, de ser o objeto e de não ter voz, eu acho que esse lugar que eu estive, que eu ocupei enquanto filho, enquanto universidade, que traziam várias questões dentro de mim</li> <li>- e aí porque eu ficava naquele ranço da religião da coisa religiosa será que eu estou aqui enquanto pessoa religiosa ou enquanto uma observadora ou enquanto uma pessoa social que participa eu ficava buscando assim o meu lugar constantemente</li> <li>- e aí eu entro muito na contradição porque eu fico pensando , ficava</li> <li>- E aí eu fiquei muito incomodada e o trabalho não andou, não pode andar porque não é um lugar que eu queira ocupar e não é o lugar que eu queira que o outro ocupe quando eu tiver fazendo o meu trabalho</li> <li>- e aí eu me percebo nessa contradição, porque a universidade incute isso na nossa subjetividade</li> <li>- e aí foi muito gratificante para mim porque eu estava adentrando ao espaço universitário, era minha primeira experiência enquanto monitoria , enquanto projeto de extensão e mesmo eu sendo de terreiro eu pude perceber que foi muito enriquecedor para mim no que diz respeito a aprender.</li> <li>- E aí o contato com o terreiro eu acho foi mais assim do ponto de vista da experiência pessoal mesmo</li> <li>- e que eu acho super que ao decorrer de como a gente foi andando lá nas os entaves do povo do terreiro com o povo da academia</li> <li>- e, eu acho que é isto, a academia serviu de um aparato pra conseguir vivenciar esta experiência com mais responsabilidade, com mais respeito, com mais seriedade.</li> <li>- Então, assim, é contraditório, ver que eu me encontro nesse espaço de filho e de universitário</li> <li>- Então o que ligava todas essas pessoas? Então eu vi o sentimento dela, a emoção dela era justamente desse compartilhamento da experiência religiosa que quando chegou no momento de uma situação catastrófica que foi essa, ela se deparou com uma falta, um vazio, só que ela não estava só. (né?) Ela estava</li> </ul>		<b>Religiosidade e Universidade</b>	<p>amadurecimento, crença, cristianismo, sofrimento, não me encaixar, culpada, não sentir, o vazio, filho de santo, perceber, experienciar, Terreiro, objeto, incomodada, contradição, pensamento, enriquecedor, aprender, entaves, academia, povo de terreiro, responsabilidade, seriedade, respeito, aparato, mexeu comigo, não conhecia, candômbé, tá na universidade, não deixa de ser filho de santo, indignação, buscando assim o meu lugar, não é um lugar que eu queira, subjetividade, contraditório, cultura, instigada, mexeu comigo, o projeto modificou a visão dela sobre o sujeito, visão do projeto, eu não teria a força, contra, a favor, este lugar me incomoda, buscando um lugar fixo, minhas raízes, cego, experiências afetivas, constrangimentos, cabeça de monitor, entrar no projeto, linda, facilidade, proporcionar, vivência, vínculo, estudante, monitores, abraçado, bonito, ligação com o sagrado, matriz africana, seminário, faculdade, demonização, medo, universitário, Terreiro, Bandeira, levantar, vida, objetivo, engrandeceram, poder, força, religião matrilinear, LEV.</p>	

CONTINUAÇÃO; MAPA DIALÓGICO - REPERTÓRIO; RELIGIOSIDADE E UNIVERSIDADE. PRINCÍPIO DA PNEPS/SUS - Amorosidade: é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas.	DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
	<p>Por toda a questão da Raça eu senti muito instigada conhecer mais da cultura, do candomblé, aliás dos povos de Terreiros, que até então eu não conhecia.</p> <p>que eu estava me sentindo culpada por não ter falado para eles que eu era atea. E até coloquei isso porque isso mexeu comigo</p> <p>Eu estava experienciando não como Gabriel Universitário, mas como Gabriel que também é de Terreiro (né?) e lava me permitindo vivenciar aquilo que eu já havia vivenciado de uma outra maneira, porque foi a maneira da academia que a academia chegou para mim, mas a minha, a minha, a minha experiência dessa vez não foi como Gabriel acadêmico, mas foi como Gabriel despedido disso,</p> <p>Foi quando eu participei do LEV e foi muito gratificante</p> <p>mas eu entendo a visão de Camila sobre como o projeto modificou a visão dela sobre o sujeito, por que eu acho que se eu não tivesse tido a visão do projeto, vivenciado nesse, nestes dois anos, acho, é, neste dois anos, eu acho que eu não teria a força que eu já tinha de continuar com esta visão do sujeito, de tratar o sujeito, de dá a autonomia do sujeito</p> <p>logo eu não tinha nada contra e como eu tinha muita coisa contra quem falava mal dessas pessoas, eu já tinha alguma coisa a favor</p> <p>A gente não é só esse lugar.</p> <p>A gente ver várias pessoas dizendo, que a gente acredita, dizendo que não fazem isto e fazem. E este lugar me incomoda</p> <p>a gente vive buscando um lugar fixo, tipo: quais são as minhas raízes? Teve um ponto que eu fiquei nessa meio cego. O que é que eu estou sentindo aqui? embora todos esses constrangimentos criados na nossa cabeça de monitor,</p> <p>Alí eu acho que esse foi um dos pontos que me fez entrar no projeto.</p> <p>alí eu sempre dizia isso aqui é a coisa mais linda que a faculdade pode me proporcionar</p> <p>Alí quando depois da vivência do projeto, né? Se for pensar... assim... eu estreitei mais vínculo,</p> <p>Até nosso lugar como estudante monitores foi abraçado</p> <p>eu acho aqui tão bonito eu me sinto tão bem será que eu tô tendo uma ligação com o sagrado aqui?</p> <p>Foi um ponto assim que mais me chamou atenção porque quando nós tínhamos a ideia de matriz africana por que a gente teve um seminário quando eu entrei na faculdade.</p> <p>isso para mim foi uma coisa muito rica enquanto acadêmica. E eu acho que foi isso mesmo, é isso mesmo.</p> <p>isto não era tão forte, aqui na universidade, nas aulas, nas cadeiras que a gente estudava isto não era tão forte, mas agora, ao longo do projeto isto foi ficando mais forte dentro de sala de aula, SPA, enfim... livros... é.</p> <p>Mas que passa por diversos processos e aí essa questão da demonização, do medo.</p> <p>por que é bem complicado quando a gente é universitário a gente também é de terreiro a gente tem uma bandeira a levantar. Então fica mais difícil ainda você relatar uma experiência você teve dentro de um terreiro.</p> <p>porque a sensação que eu tenho é que as pessoas não levam em consideração a vida do outro, é só o objetivo.</p> <p>sem contar as altas vivências de vida que me engrandeceram eu não tenho nem como contar o alto poder de força de ver uma religião matrilinear</p>	<p><b>Religiosidade e Universidade</b></p>	<p>amadurecimento, crença, cristianismo, sofrimento, não me encaixar, culpada, não sentir, o vazio, filho de santo, perceber, experienciar, Terreiro, objeto, incomodada, contrariedade, pensando, enriquecedor, aprender, entaves, academia, povo de terreiro, responsabilidade, seriedade, respeito, aparato, mexeu comigo, não conhecia, candomblé, tá na universidade, não deixa de ser filho de santo, indignação, buscando assim o meu lugar, não é um lugar que eu queria, subjetividade, contraditório, cultura, instigada, mexeu comigo, o projeto modificou a visão dela sobre o sujeito, visão do projeto, eu não teria a força, contra, a favor, este lugar me incomoda, buscando um lugar fixo, minhas raízes, cego, experiências ativas, constrangimentos, cabeça de monitor, entrar no projeto, linda, faculdade, proporcionar, vivência, vínculo, estudante, monitores, abraçado, bonito, ligação com o sagrado, matriz africana, seminário, faculdade, demonização, medo, universitário, Terreiro, Bandeira, levantar, vida, objetivo, engrandeceram, poder, força, religião matrilinear, LEV.</p>	<p><b>diálogo, educação permanente, cuidado, etica</b></p>



PRINCÍPIO DA PNEPSISUS - Amorosidade: é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas.			
DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETÊNCIA
<p>E outra, como eu gosto muito de Paulo Freire, ver a educação populacional acontecer,</p> <p>E quando alguns intelectuais começavam a falar, eu percebia que era um sintoma automático.</p> <p>Ái fiquei com vontade de saber o que você aprendeu</p> <p>Ái fiquei com vontade de saber o que você aprendeu assim para você mesmo para sua vida o que de fato lhe marcou nesse projeto.</p> <p>tipo é ... eu acredito, aliás acredito não, a gente vivenciou muito uma relação muito horizontal das coisas</p> <p>tipo... Gabriel tu tá na Universidade, mas tipo tu experienciar isso da educação popular, não como um sujeito</p> <p>Eu acho que eu ficava muito (ééé), não é insatisfeito a palavra, é inquieto, quando os intelectuais começavam a falar nos encontros</p> <p>Nessa fala nós como monitores que nos implicamos nós saímos do Olhar racional para o olhar da experiência</p> <p>o projeto foi maravilhoso para mim que eu não poderia deixar de enfatizar</p> <p>olha, eu fiquei super curiosa de saber,</p> <p>e, eu fico muito feliz, que eu não vejo isto no projeto</p> <p>que foi bem legal. Todo mundo estava dizendo que gostou da ideia, porque isso acaba como uma motivação para a gente enquanto monitor. Isso eu achei bem interessante, isso também.</p> <p>Sim. Dentro desta relação que se deu dentro do projeto.</p> <p>Sim. Sim.. não é a toa que pelo fato de ter ido uma vez e depois de muito tempo ter visto essa possibilidade de entrar, aí na mesma</p>	<p style="text-align: center;"><b>O G O S S Á R I O</b></p>	<p>Paulo Freire, educação popular, marcou, relação horizontal, vivenciou, vontade, intelectuais, sintoma automático, feliz, não vejo, projeto, insatisfeito, palavra, intelectuais, falavam, encontros, feliz, vejo, maravilhoso, visão racional, experiência, curiosa, saber, relação, projeto, afetou, retornar, querer.</p>	<p><b>diálogo, educação permanente</b></p>

**PRINCÍPIO DA PNEPSUS - Amorosidade:** é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas.

DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETÊNCIA
<p>a minha relação com a comida acho que foi um ponto muito crucial, foi, porque eu liço.</p> <p>Á eu aprendi a gostar de cozinhar para mim.</p> <p>Eu realmente estou sociada</p> <p>foi ou da comida é o sentido das particularidades do encontro para cada um.</p> <p>Um pouco de café!!</p> <p>Parece que a comida tem algum sentido para a gente</p> <p>Á vem a comida e o barulho do atabaque.</p> <p>Assim... eu gosto muito de comer ( né? ).</p> <p>Então eu comecei a não gostar de cozinhar.</p>	<p>a gente não quer só a comida</p>	<p>relação com a comida, gostar de cozinhar, sociada, comida é o sentido das particularidades de cada um, café, comida e o barulho do atabaque, gosto de comer, não gosto de cozinhar.</p>	<p>autogestão, cuidado</p>

**PRINCÍPIO DA PNEPS/SUS - Amorosidade:** é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas.

DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETENCIA
<p>Eu achei fantástico isso, essa fala:</p> <p>a nossa fala era compartilhada então nós poderíamos contribuir de não saber de que eu não estou no processo sozinha e a coisa acontecia da forma mais bonita possível.</p> <p>e a questão dos afetos lá, isso me afetou.</p> <p>o que que a gente faz que é diferente disto que te incomoda?</p> <p>que você se desesperava com as questões das frequências</p> <p>, mas foi uma coisa que com o projeto eu pude vivenciar bem.</p> <p>Obrigada, cacheado.</p> <p>.. assim, eu me sinto mais próximo a ele, Luiz Carlos</p> <p>.. Como você se vê agora nessa relação, Carlos?</p> <p>a partir do que estava chegando para a gente ali da experiência</p> <p>A transformada fui eu</p> <p>Acho fantástico isso de tu falar do local que a gente ocupa, né?</p> <p>Ah teve outra coisa que me chamou bastante atenção, você disse</p> <p>Alá agora a gente retomando o contato: não tío não se preocupe, eu sair, a gente vai se ver.</p> <p>as memórias se tornaram mais vivas para mim em relação a minha avó. Que eu sou e era muito apegado demais a ela.</p> <p>carliota Del Valle, poxa!</p> <p>como o som tornou tão real e daquele momento em diante eu senti a minha avó mais perto de mim... para quem acredita em coisas além.E</p> <p>essa memória dela em relação ao projeto, a ver as pessoas,</p> <p>Como você chegou a sentir isto?</p> <p>Como você percebeu acontecendo no projeto?</p> <p>E aí queria agradecer vocês terem participado, terem contribuído bastante.</p>	<p><b>Diálogo</b></p>	<p>falando, conversando, vivendo, fala compartilhada, contribuir, não estou sozinha, afetos, diferente, incomoda, desesperava, vivenciar, se ver, relação, transformada, retomando o contato, se ver, faz sentido, memórias, vivas, apegado, relação, sentir, perto, perceber, agradecer, sensação, movimento do grupo, ética, atenção, autêntica, mexia, surpreendente, fazendo perguntas, contemplado, experienciei, ótimo, roda de conversa, silêncio, incomodava, , caladinhos, ética, impressionante, ouvir, agradecer, reflete em mim, enriquecedor, novo horizonte, ouvir,</p>	<p><b>diálogo, ética, cuidado</b></p>

**PRINCÍPIO DA PNEPSUS - Amorosidade:** é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas.

DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETÊNCIA
<p>é de ficar espantada</p> <p>e ele pode ter contato com a vivência dessas pessoas</p> <p>É essa a relação que passa,</p> <p>E essa é uma sensação que eu tenho até hoje</p> <p>E isso mexe muito comigo.</p> <p>E me chamou muito atenção justamente essa parte ética,</p> <p>e o movimento do grupo pedia uma troca autêntica</p> <p>É que a gente faz da psicologia, às vezes, um bicho e 7 cabeças....</p> <p>E que eu morria de preocupação, o que é esta casa?</p> <p>e receber isso dela é muito representativo para mim, isso acrescentou muito na minha experiência</p> <p>é só que foi muito lindo os adjetivos que posso colocar</p> <p>É... e acontece da melhor forma que pode acontecer naquele grupo.</p> <p>e... eu acho que é, num sei por que foram pouco contato de certa forma, né? Foi muito pouco contato pra mim falar aqui.</p> <p>Ela...</p> <p>então isso para mim foi uma coisa surpreendente, muito legal de fato.</p> <p>Essas falas que vocês trouxeram, elas foram bastante significativas em relação a isso. É isso gente. Obrigada!</p> <p>Estou começando a mim sentir fazendo perguntas para vocês responderem.</p> <p>Então isso mexia comigo muito</p> <p>Eu achava isso muito bonito. Mas que foi difícil também me entender que mais uma vez eu não tive essa ligação que eu achava que eu precisava ter que eu me sentia culpada por não ter</p> <p>eu acho ele maravilhoso</p> <p>eu acho que é uma coisa que para ela, não sei, daria orgulho para ela.</p> <p>Eu fiquei pensando o que você realmente viveu</p>	<p><b>Diálogo</b></p>	<p>falando, conversando, vivendo, fala compartilhada, contribuir, não estou sozinha, afetos, diferente, incomoda, desesperava, vivenciar, se ver, relação, transformada, retomando o contato, se ver, faz sentido, memórias, vivas, apegado, relação, sentir, perto, perceber, agradecer, sensação, movimento do grupo, ética, atenção, autêntica, mexia, surpreendente, fazendo perguntas, contemplado, experienciei, ótimo, roda de conversa, silêncio, incomodava, , caladinhos, ética, impressionante, ouvir, agradecer, reflete em mim, enriquecedor, novo horizonte, ouvir,</p>	<p><b>diálogo, ética, cuidado</b></p>

PRINCÍPIO DA PNEPS/SUS - Amorosidade: é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas.	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO	COMPETÊNCIA
<p style="text-align: center;"><b>DISCURSOS</b></p> <p>Eu já fui contemplado na fala dos colegas</p> <p>Eu não gosto de fazer essas falas separatistas,</p> <p>Eu vejo que a fala dos meninos são muito interessantes são assim realmente relatos de experiência</p> <p>Exatamente, eu me incomodei também</p> <p>Gente, é uma roda de conversa, eu estou mim sentindo uma entrevistadora.</p> <p>lembro o que... risos... Então quando tive contato com com essa experiência mas é uma grande família ao meu ver.</p> <p>Mas, mas. Eu entendo muito a visão dos dois e vivenciei muito a visão dos dois, mais intensamente a visão de Kamila ...</p> <p>Mulher Moema tu quer cutucar mesmo?</p> <p>Não, foi quando eu comecei a perceber que partir dali, das experiências, eu...</p> <p>Não, não quero.</p> <p>hhaaahhh!!! A Minha vivência foi maravilhosa. Foi maravilhoso</p> <p>O silêncio incomodava</p> <p>Oi gente, propaganda?</p> <p>Por que vocês estão assim tão caladinhos? Na verdade é esta a minha curiosidade: Por que vocês estão tão caladinhos?</p> <p>primeiro olhar para o outro, o quanto essas pessoas se organizam de uma forma ética, e isso para mim foi muito enriquecedor,</p> <p>quando eu coloquei o nome de Carlota eu achei um nome tão forte</p> <p>que eu acho maravilhosa e que eu trago para mim que é que eles podem fazer alguma coisa e eles fazem e eu acho isso impressionante</p> <p>que para mim são um saco,</p> <p>Queria ouvir um pouco vocês em relação a vivência de vocês no projeto</p> <p>Quero agradecer por vocês estarem aqui nessa roda de conversa</p> <p>Saber que a força dela reflete em mim, que eu tenho força também, por isso foi tão enriquecedor, porque houve uma representatividade muito</p>	<p><b>Diálogo</b></p>	<p>falando, conversando, vivendo, fala compartilhada, contribuir, não estou sozinha, afetos, diferente, incomoda, desesperava, vivenciar, se ver, relação, transformada, retomando o contato, se ver faz sentido, memórias, vivas, apegado, relação, sentir, perto, perceber, agradecer, sensação, movimento do grupo, ética, atenção, autêntica, mexia, surpreendente, fazendo perguntas, contemplado, experienciei, ótimo, roda de conversa, silêncio, incomodava,, caladinhos, ética, impressionante, ouvir, agradecer, reflete em mim, enriquecedor, novo horizonte, ouvir,</p>	<p><b>diálogo, ética, cuidado</b></p>

PRINCÍPIO DA PNEPS/SUS - Amorosidade: é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas.		
DISCURSOS	REPERTÓRIO	GLOSSÁRIO
São vivências que não dá para mensurar.	<b>Diálogo</b>	
Sensação que eu tenho é que eu vi um Novo Horizonte		
Só uma coisa, Tata, eu entendo muito que você diga que isso depende do posicionamento da pessoa que vai fazer, de chegar lá e arrancar da pessoa aquilo numa prática de confessorário sim		
Tata para os íntimos		
Tata?		
Tem uma questão que Tata falou...		
Tu gosta de cutucar né? Pronto..., pronto..., por mim tá bom.		
Uma coisa que também me surpreendeu é a violência que eles sofrem, assim... o histórico de violência. Ééé... isso me deu muito comigo.		
Você consegue perceber algum sentimento teu em relação a isso? Do que isso ficou para você, dessa vivência?		
você poderia trazer assim que acrescentou, o que (é...) essencialmente,		
Você sente se você se permite mais?		
você conseguiu ouvir o Carlos?		
Temos que falar mais alto. Eu não ouvir direito e não vai gravar assim.		
faz sentido.		
Faz todo sentido!		
Foi isso que eu pude perceber		
foi último isso		
Ai, ai, faz sentido.		
falando, conversando, vivendo, fala compartilhada, contribuir, não estou sozinha, afetos, diferente, incomoda, desesperava, vivenciar, se ver, relação, transformada, retomando o contato, se ver, faz sentido, memórias, vivas, apegado, relação, sentir, perto, perceber, agradecer, sensação, movimento do grupo, ética, atenção, autêntica, mexia, surpreendente, fazendo perguntas, contemplado, experienci, ótimo, roda de conversa, silêncio, incomodava, caladinhos, ética, impressionante, ouvir, agradecer, reflete em mim, enriquecedor, novo horizonte, ouvir,	<b>diálogo, ética, cuidado</b>	

## ANEXO A: Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** integração ensino-serviço-comunidade: Educação popular em Saúde e (co)produção de saberes na graduação

**Pesquisador:** Moema Alves Macêdo

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 68935217.6.0000.5013

**Instituição Proponente:** Faculdade de Medicina da UFAL

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.133.705

#### **Apresentação do Projeto:**

Abordagem será qualitativa, de natureza aplicada, tendo em vista que busca compreender o sentido ou a lógica interna que os estudantes atribuíram a suas ações, representações, sentimentos, opiniões e crenças vividas no projeto de Extensão encontros e encantos: educação popular em saúde com Povos de Terreiro de Matriz Africana, especialmente no que concerne as metodologias utilizadas. Assim, a busca da identificação de metodologias embasadas nos princípios da educação popular em saúde e que tenham sido capazes de promover de modo eficaz a integração ensino-serviço-comunidade é uma preocupação que ultrapassa a quantificação pois foca-se no dinamismo das relações sociais. (MINAYO e GUERRIERO,2014; GERHARDT e SILVEIRA 2009). O tipo de estudo será descritivo exploratório, que de acordo com Gil (2009) costuma corresponder aos objetivos de pesquisadores preocupados com a ação. Nesse viés, será adotada pesquisa de campo do tipo Participante. Aqui, considera-se numa perspectiva construcionista, que o campo vai para além do microlugar físico destinado a produção de dados, mas consiste num campo-tema, haja vista o tema pesquisado tornar-se campo constante para o pesquisador que, por via da atenção flutuante, produz diversas informações em cenários cotidianos nos quais se fala, dialoga-se ou escuta-se sobre o campo e o objeto de estudo. Assim o pesquisador está sempre imerso no seu campo para além dos

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeticufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 2.133.765

microlocal propostos no seu projeto. (SPINK, 2008). Contudo existem microlugares que são privilegiados na produção das informações da pesquisa e relacionados ao Contexto do Projeto de Extensão Encontros e Encantos: Educação

popular em saúde com povos de terreiros de matriz africana em Juazeiro do Norte-CE, a saber: Atividades da extensão: oficinas e rodas de conversas mensais promovidas pelos docentes e estagiários das IES parceiras, com base na educação popular em saúde; Local das atividades de extensão: Terreiros de Matriz Africana (Candomblé e Umbanda) localizados nos bairros João Cabral e Pedrinhas em Juazeiro do Norte-CE; Atividades

de orientação dos monitores do projeto: Acontecem quinzenalmente na UNILEÃO e por e-mail ou grupo de rede social sempre que necessário acontecendo numa média semanal. Os participantes da pesquisa serão 6 estudantes monitores no projeto de extensão, cursando graduação em psicologia e serviço social da Unileão, sendo 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino. Na perspectiva do campo-tema, em diversos momentos do cotidiano o pesquisador encontra espaço para produzir sentidos e informações que influenciarão de algum modo na sua produção, pois irão compor articulações e olhares diferenciados para a temática em questão. Contudo, no

decorrer dessa pesquisa, alguns microespaços serão delimitados: roda de conversa com os monitores do projeto e produção de diários de campo pelos monitores (participantes) e pela pesquisadora. A produção de dados será pela roda de conversa vem sendo usada nas pesquisas de base construcionista como uma estratégia que possibilita uma grande interação entre os participantes por meio da circulação da palavra. Essa fluidez do discurso possibilita uma interanimação no grupo que discute sobre a temática, posicionando-se e investigando o posicionamento do outro. O que é

ideal nessa pesquisa, pois os participantes têm uma relação de contato prévio entre si e com a pesquisadora, o que proporciona liberdade de ouvir e de falar, de concordar e discordar, de posicionar-se. A roda de conversa será gravada e filmada, após assinatura do TCLE, pós-esclarecido e de utilização de imagem e voz. Pergunta mobilizadora: As metodologias nas atividades do projeto de extensão "encontros e encantos: educação popular em saúde com povos de Terreiros de Matriz Africana em Juazeiro do Norte-CE" foram capazes de promover aprendizado integrador ensino-serviço-comunidade na sua formação em saúde? Por quê? Haverá, ainda, a produção de diários de campo pelos monitores da extensão e pela pesquisadora.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A, C. Síntese,  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900  
**UF:** AL **Município:** MACEIO  
**Telefone:** (82)3214-1041 **E-mail:** comitedeticaufal@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.133.765

Investigar metodologias integradoras do ensino-serviço-comunidade, com base na educação popular em saúde.

**Objetivo Secundário:**

- Identificar metodologias baseadas nos princípios da Educação Popular em Saúde, promotoras de coprodução de saberes entre graduandos-docentes-comunidade;
- Descrever metodologias partindo da prática político-pedagógica da Educação popular em Saúde que possibilitem aos graduandos aprender a construir soluções para demandas cotidianas com foco nas necessidades dos sujeitos demandantes nos serviços de saúde

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Os riscos são mínimos, podendo ser descritos: Constrangimento, quebra de sigilo da pesquisa, não saber o que responder e perder tempo. Tais riscos serão reduzidos mediante o esclarecimento de cada etapa, garantia da permissão explícita da possibilidade de desistir da pesquisa a qualquer momento no qual queira e a oferta de escuta psicológica no Serviço de Psicologia Aplicada do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou haja detecção de alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, a pesquisadora Moema Alves Macêdo será responsável pelo encaminhamento ao Serviço de Psicologia Aplicada do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

**Benefícios:**

Os benefícios esperados na participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: identificação de metodologias de ensino na saúde capazes de proporcionar aos graduandos e profissionais de saúde a aprender a construir soluções para demandas cotidianas com foco nas necessidades dos sujeitos demandantes nos serviços de saúde.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto é de relevância para o Serviço de Saúde.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos apresentados foram:

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,  
Bairro: Cidade Universitária CEP: 57.072-900  
UF: AL Município: MACEIO  
Telefone: (82)3214-1041 E-mail: comitedeticufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 2. 133.765

- Informações básicas
- Carta de anuência de autoridades religiosas
- Declaração de anuência da UNILEÃO
- Cronograma
- Projeto
- Folha de rosto
- TCLE

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto atende à Resolução 510/2016.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_841455.pdf	28/05/2017 11:45:03		Aceito
Declaração de Pesquisadores	PUBLICIZACAO028.pdf	28/05/2017 11:42:55	Moema Alves Macêdo	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	UNILEAO027.pdf	28/05/2017 11:42:30	Moema Alves Macêdo	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Pal_Isaac024.pdf	28/05/2017 11:42:08	Moema Alves Macêdo	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Mae_herlania025.pdf	28/05/2017 11:41:47	Moema Alves Macêdo	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Mae_Alice026.pdf	28/05/2017 11:41:17	Moema Alves Macêdo	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	28/05/2017 10:52:52	Moema Alves Macêdo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochura_pesquisa_reformulado.docx	28/05/2017 10:48:20	Moema Alves Macêdo	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_assinada_cnpj_Mestrado.pdf	01/05/2017 11:50:34	Moema Alves Macêdo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_reformulado_30_04_2017.doc	01/05/2017 10:55:49	Moema Alves Macêdo	Aceito

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária CEP: 57.073-900

UF: AL Município: MACEIO

Telefone: (32)3214-1041

E-mail: comitedeticufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 2.130.705

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MACEIO, 22 de Junho de 2017

---

**Assinado por:**  
**Luciana Santana**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.073-900

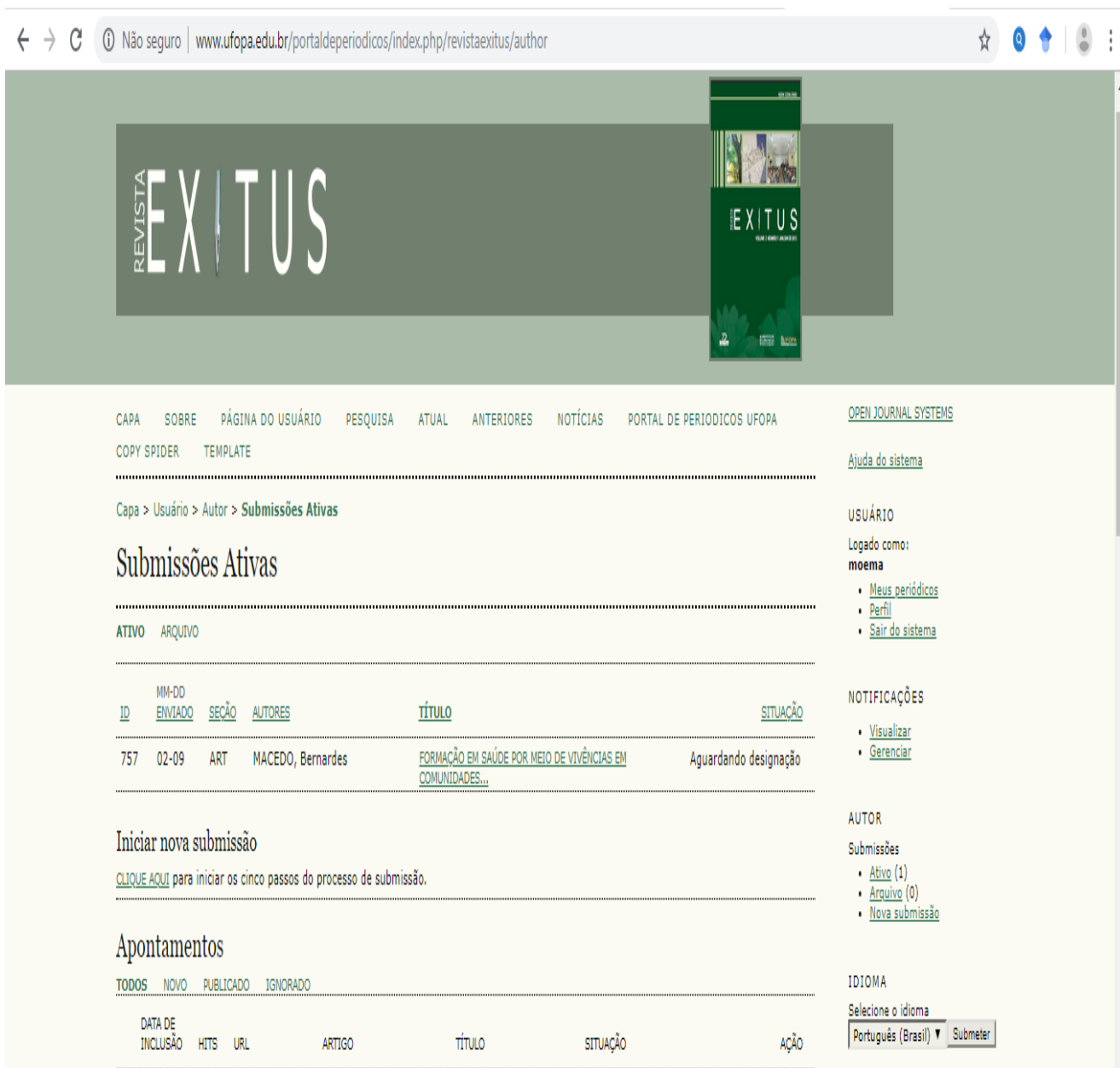
**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (02)3214-1041

**E-mail:** [comitedeticoufal@gmail.com](mailto:comitedeticoufal@gmail.com)

## ANEXO B: Comprovante de submissão do artigo à revista Exitus



The screenshot shows a web browser window with the URL [www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/author](http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/author). The page features a header with the journal logo 'REVISTA EXITUS' and a cover image. A navigation menu includes links like 'CAPA', 'SOBRE', 'PÁGINA DO USUÁRIO', 'PESQUISA', 'ATUAL', 'ANTERIORES', 'NOTÍCIAS', and 'PORTAL DE PERIODICOS UFOPA'. The main content area is titled 'Submissões Ativas' and shows a table with one active submission. The submission details are: ID 757, sent on 02-09, in the ART section, by MACEDO, Bernardes. The title is 'FORMAÇÃO EM SAÚDE POR MEIO DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES...' and the status is 'Aguardando designação'. Below the table, there are sections for 'Iniciar nova submissão' and 'Apontamentos'. A right sidebar contains user information for 'moema', notification options, and submission management links.

Capa > Usuário > Autor > **Submissões Ativas**

### Submissões Ativas

ATIVO ARQUIVO

ID	MM-DD ENVIADO	SEÇÃO	AUTORES	TÍTULO	SITUAÇÃO
757	02-09	ART	MACEDO, Bernardes	<a href="#">FORMAÇÃO EM SAÚDE POR MEIO DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES...</a>	Aguardando designação

Iniciar nova submissão  
[CLIQUE AQUI](#) para iniciar os cinco passos do processo de submissão.

### Apontamentos

TODOS NOVO PUBLICADO IGNORADO

DATA DE INCLUSÃO	HITS	URL	ARTIGO	TÍTULO	SITUAÇÃO	AÇÃO
------------------	------	-----	--------	--------	----------	------

USUÁRIO  
Logado como: **moema**

- [Meus periódicos](#)
- [Perfil](#)
- [Sair do sistema](#)

NOTIFICAÇÕES

- [Visualizar](#)
- [Gerenciar](#)

AUTOR

Submissões

- [Ativo \(1\)](#)
- [Arquivo \(0\)](#)
- [Nova submissão](#)

IDIOMA  
Selecione o idioma  
Português (Brasil)

Fonte: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/author/submission/757>



Capa > Usuário > Autor > Submissões > #757 > **Resumo**

## #757 Sinopse

### USUÁRIO

Logado como:

**moema**

- [Meus periódicos](#)
- [Perfil](#)
- [Sair do sistema](#)

[RESUMO](#)
[AVALIAÇÃO](#)
[EDIÇÃO](#)

### NOTIFICAÇÕES

- [Visualizar](#)
- [Gerenciar](#)

### Submissão

Autores	moema alves MACEDO, jefferson de Souza Bernardes	
Título	Formação em saúde por meio de vivências em comunidades tradicionais de matrizes africanas: ressignificando competências	
Documento original	<a href="#">757-1493-1-SM.DOCX</a>	2019-02-09
Docs. sup.	<a href="#">757-1496-1-SP.DOCX</a> 2019-02-09 <a href="#">757-1497-1-SP.DOCX</a> 2019-02-09	<a href="#">INCLUIR DOCUMENTO SUPLEMENTAR</a>
Submetido por	professora moema alves MACEDO	
Data de submissão	fevereiro 9, 2019 - 08:02	
Seção	Artigos	
Editor	Nenhum(a) designado(a)	

### AUTOR

Submissões

- [Ativo \(1\)](#)
- [Arquivo \(0\)](#)
- [Nova submissão](#)

### IDIOMA

Selecione o idioma


Português (Brasil)

### Situação


## Metadados da submissão

[EDITAR METADADOS](#)

### Autores

**Nome** moema alves MACEDO   
**URL** <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4762517J3>  
**Instituição/Afiliação** UNILEAO  
**País** Brasil  
**Resumo da Biografia** Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2004), especialista em Gestão Pedagógica da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (2007) e em Gestão em Saúde pela FIOCRUZ (2010), mestra em ensino na saúde pela FAMED/UFAL (2018). Coordenou a equipe de psicologia do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) em Maceió (2006 - 2007), coordenou tecnicamente a Comissão Interna de Educação Permanente em Saúde da Universidade Federal de Alagoas (2005 - 2009). Atualmente coordenadora de educação do Núcleo de Educação para a Promoção da Igualdade Racial vinculado a Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho de Juazeiro do Norte (CE), preceptora e supervisora de estágio supervisionado e docente na Faculdade Leão Sampaio. Atuando nas áreas de políticas públicas, saúde coletiva e psicologia jurídica.

Contato principal para correspondência.

**Nome** jefferson de Souza Bernardes   
**Instituição/Afiliação** Universidade Federal de Alagoas  
**País** Brasil  
**Resumo da Biografia** Doutor em Psicologia Social (PUCSP). Professor do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional de Ensino na Saúde da Universidade Federal de Alagoas. Professor do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas

### Título e Resumo

**Título** Formação em saúde por meio de vivências em comunidades tradicionais de matrizes africanas: ressignificando competências

**Resumo** A partir da Lei nº 8080/90 a formação em saúde passa a ser ordenada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), requerendo olhar crítico e inovador voltado aos problemas e demandas sociais e para metodologias que promovam competências profissionais adequadas ao contexto do SUS integrando ensino-serviço-comunidade. Tais competências gerais são apresentadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de saúde: atenção à saúde; tomada de decisões; comunicação; liderança; administração e gerenciamento; educação permanente. Por outro lado, a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (Portaria nº 2.761, de 19/12/2013) que tem como princípios diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação, compromisso com a construção do projeto democrático e popular, apresenta a formação em saúde prioritariamente enquanto eixo estratégico. O objetivo desta pesquisa foi relacionar os princípios da educação popular em saúde com as competências gerais da formação profissional em saúde desenvolvidas em um projeto de extensão universitário. Isso foi realizado no Projeto de Extensão "Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terceiros de Matiz Africana em Juazeiro do Norte-CE", e tais relações foram produzidas a partir de análise de Diários de Campos das atividades

Todos ▼

Pesquisar

Procurar

- [Por Edição](#)
- [Por Autor](#)
- [Por título](#)
- [Outras revistas](#)

TAMANHO DE FONTE



Fonte: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/author/submission/757>

## Título e Resumo

**Título** Formação em saúde por meio de vivências em comunidades tradicionais de matrizes africanas: ressignificando competências

**Resumo** A partir da Lei nº 8080/90 a formação em saúde passa a ser ordenada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), requerendo olhar crítico e inovador voltado aos problemas e demandas sociais e para metodologias que promovam competências profissionais adequadas ao contexto do SUS integrando ensino-serviço-comunidade. Tais competências gerais são apresentadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de saúde: atenção à saúde; tomada de decisões; comunicação; liderança; administração e gerenciamento; educação permanente. Por outro lado, a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (Portaria nº 2.761, de 19/12/2013) que tem como princípios diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação, compromisso com a construção do projeto democrático e popular, apresenta a formação em saúde prioritariamente enquanto eixo estratégico. O objetivo desta pesquisa foi relacionar os princípios da educação popular em saúde com as competências gerais da formação profissional em saúde desenvolvidas em um projeto de extensão universitário. Isso foi realizado no Projeto de Extensão "Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com Povos de Terreiros de Matiz Africana em Juazeiro do Norte-CE", e tais relações foram produzidas a partir de análise de Diários de Campos das atividades desenvolvidas e análise de roda de conversa com estudantes participantes. Os resultados remeteram à ressignificação das competências para: ética, cuidado, diálogo, processos democráticos de autogestão e educação permanente.

**Palavras-chave:** Educação Popular em Saúde. Formação em saúde. Competências.

## Indexação

**Idioma** pt

## Agências de fomento

**Agências** UNILEÃO;UFAL

## Referências

**Referências** BARBOSA, Inês; FERREIRA, Fernando Ilídio. Teatro do Oprimido e projeto emancipatório: mutações, fragilidades e combates. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 2, p. 439-463, 2017.  
BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*; tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.  
BERNARDES, J. et al. A roda de conversa como dispositivo ético-político na pesquisa social. In: LANG, C.E. et al. (Orgs.). *Metodologias; pesquisa em saúde, clínica e práticas psicológicas*. Alagoas - Maceió: EDUFAL, 2015.  
BRASIL. Lei No. 8080/90, de 19 de setembro de 1990. Brasília: DF. 1990. Disponível em: Acesso em 27 de dez. 2016.  
BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 1.133/2001, de 7 de agosto de 2001. Diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e nutrição. Brasília, 2001. Disponível em:



A Revista Exitus está licenciada com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Fonte: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/author/submission/757>